REVISTA DA SEMANA

6 de D

DIACUÍ
NO PAÍS DAS MARAVILHAS

•

AMÔRES SECRETOS DA FILHA DE STALIN
RELEMBRANDO A CHACINA DE XAPECÓ



BB 154





PÓ DE ARROZ
MADERAS
DE ORIENTE
MYRURGIA
EXTRATO · LOÇÃO · ÁGUA DE COLÔNIA



DIACUI NO AEROPORTO DO RIO — Com um periquito na mão, meio assustada, segurando o noivo branco, a índia enfrenta a multidão civilizada.

DIACUÍ NO PAÍS DAS MARAVILHAS

CHEGA AO RIO, DE AVIÃO, A NOIVA ÍNDIA E A EMBAIXADA KALAPALO ★ UMA ÍNDIA QUE PARECE CIVILIZADA E UMAS CIVILIZADAS QUE CHEIRAM E APALPAM COMO ÍNDIOS ★ UM VEREADOR AGRIDE DIACUÍ NA CÂMARA MUNICIPAL ★ CASAR OU NÃO CASAR, EIS A QUESTÃO ★ SEIS VOTOS CONTRA UM NO C. N. P. I. ★ MAS JOÃO CLEOFAS DECIDIU E O JUIZ MARCOU O DIA PARA O CASAMENTO

Reportagem de ALTAMYRO PONCE

O caso da índia Diacuí está empolgando a cidade, desde que, numa caravana de jornalistas, depois de haver singrado de avião, os ares dos ínvios sertões do Xingu, chegou ela ao aeroporto Santos Dumont. Veio, graças à intervenção pessoal do ministro Cleofas, aguardar no Rio a decisão do Conselho Nacional de Proteção aos Índios sôbre o seu casamento com o civilizado Ayres da Câmara Cunha.

A chegada foi um acontecimento. A índia teve uma recepção só tributada às grandes personalidades ou artistas internacionais, motivando até a intervenção da polícia.

Trajando blusa branca e saia colorida, calçando meias soquetes e sapatos de camurça azul-marinho, de salto baixo, como uma «grã-fina» de Copacabana, assim saltou do avião, acompanhada do cacique da tribo Kalapalo e de dois indiozinhos, rapazolas, um dêles irmão de Diacuí. Parece que houve decepção para a maioria dos homens, porque Diacuí desceu vestida... Assim noticiaram certos repórteres da imprensa cotidiana.

Mesmo assim, a multidão de curiosos que enchia o aeroporto fazia fôrça para ver a indiazinha de perto. Tôdas desejavam tocar e apalpar os silvícolas, que pareciam assustados com a selvageria daquela gente chamada civilizada... Não fôsse a guarda-civil, auxiliada por soldados da Aeronáutica, ter agido com energia, decerto aquêles índios teriam sido massacrados pela multidão que queria, a todo custo, dêles se aproximar.

Dentro de um círculo de policiais, conseguiram, em meio a empurrões e cotoveladas, chegar à «camionette», que ali os esperava para conduzi-los ao Parque da Cidade, onde uma cabana havia sido construída para a sua hospedagem.

OS INDIOS RECLAMAM CONTRA OS MOSQUITOS

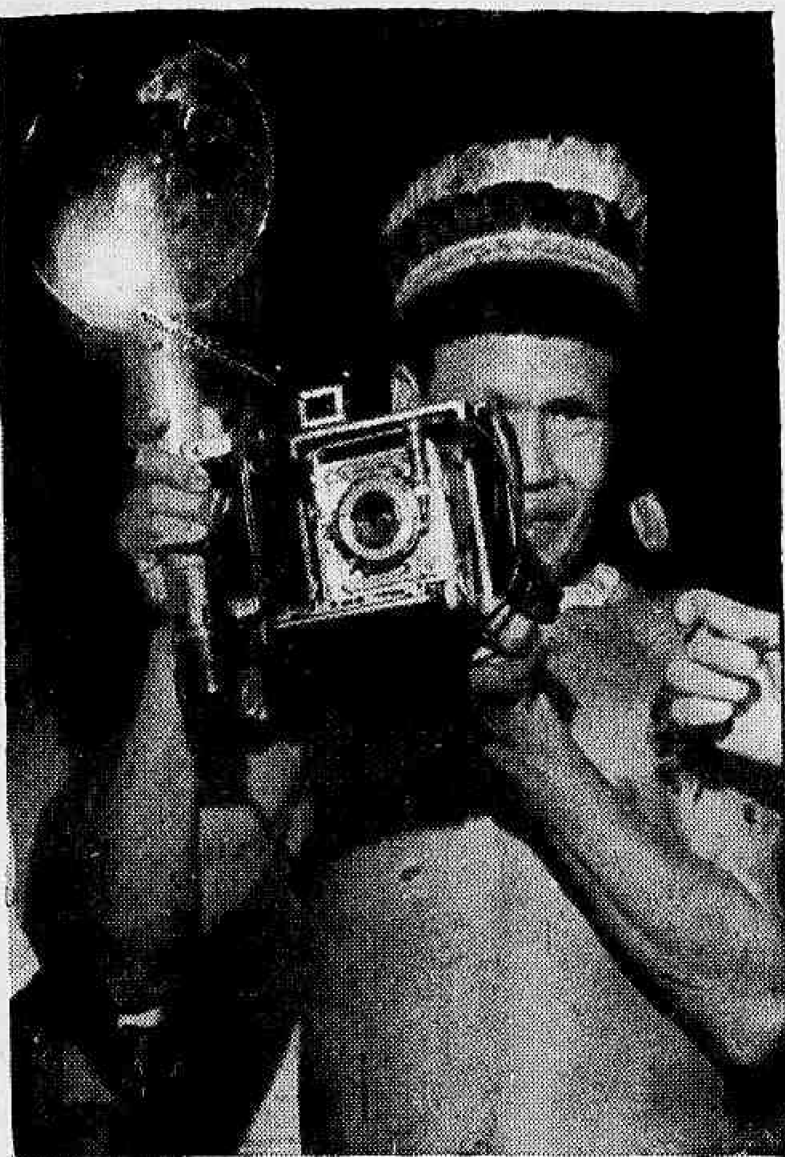
Estivemos também lá e, depois de vencer muitos obstáculos, conseguimos tirar algumas fotos exclusivas do local onde se hospeda a embaixada Kalapalo.

Parece, no entanto, que os brancos não sabem construir cabanas. Assim tem dito o cacique Kumatse. E' que raros são os dias em que êles têm podido dormir lá. Dizem que a chuva cai dentro de casa. E reclamam — embora isso pareça incrível — contra os mosquitos...



NA CÂMARA DOS VEREADORES — Tudo ia muito bem, o presidente Mourão Filho, gentilíssimo, conseguira fazer rir a noiva Diacuí e os índios, pelo sim pelo não, estavam com arcos e flechas sempre prontos. Mas, deu-se o inacreditável: o vereador Edgar de Carvalho egrediu-os com um discurso.





O CACIQUE VIROU FOTÓGRAFO — Quando explicaram que o discurso do vereador era pura besteira de branco, **o cacique quis fotografá-lo.**

Explicou o cacique na sua linguagem pitoresca:

— Muito mosquito. Não pode passar «urucu» corpo. Mosquito faz zum...zum... morde.

Alegam, assim, que não podendo passar no corpo o óleo a que chamam «urucu», ficam expostos aos mosquitos.

CHUVEIRO E BANHEIRA

De lá partiram para o Hotel, onde tomaram banho de chuveiro, um de cada vez, de acôrdo com o hábito da civilização... E grande foi a alegria do cacique ao se ver espumando de sabonete cheiroso. Os dois jovens — Diarrila e Halita — preferiram mergulhar na banheira, lá ficando de môlho, por algum tempo.

Do banho de Diacuí não há pormenores.

OS BROTOS DE COPACABANA E OS BROTOS DOS SERTÕES

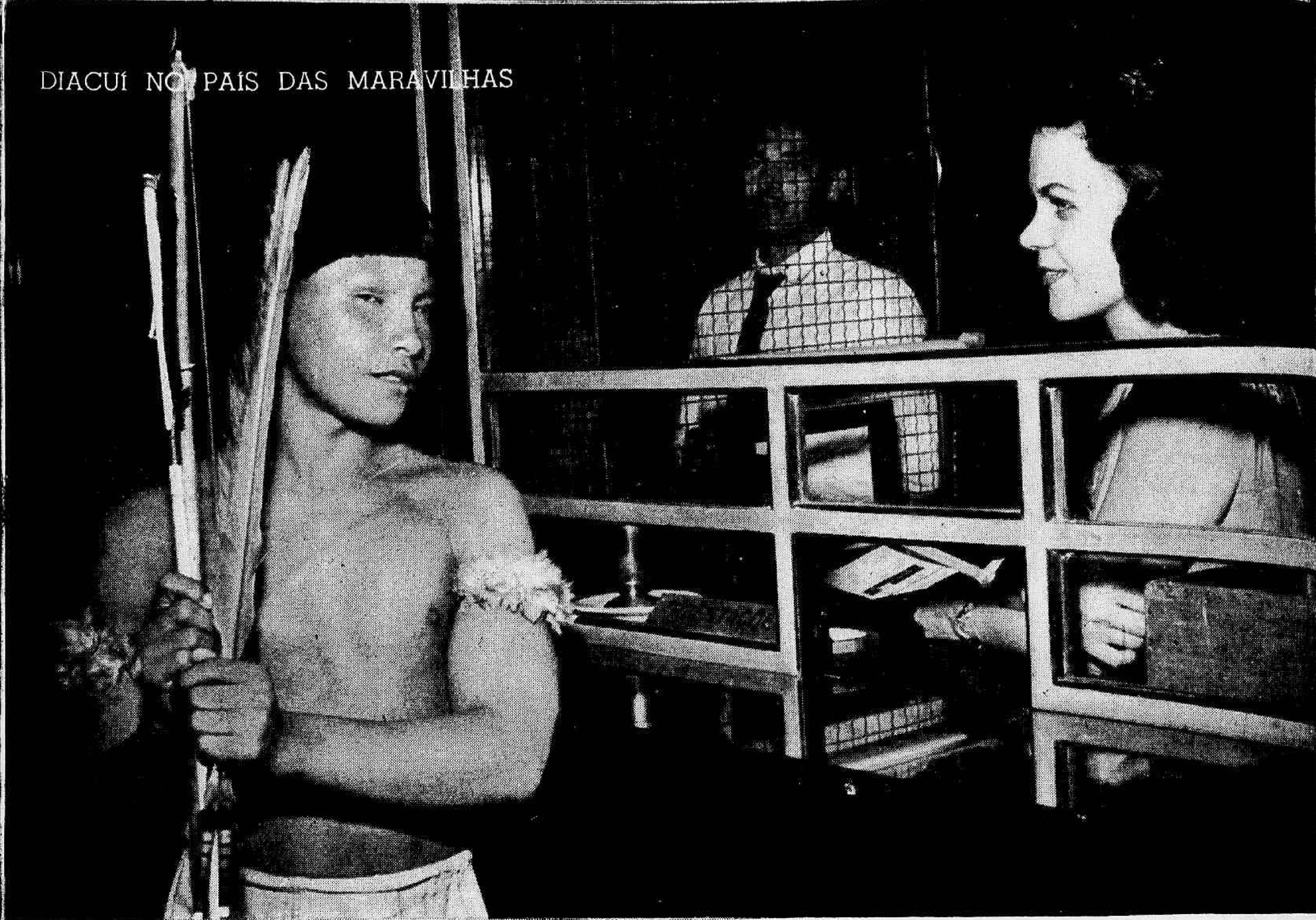
Os Kalapalos tomaram conta da cidade.

Por onde passam uma multidão os acompanha, aclamando-os com simpatia.

GRAÇA E ELEVADOR — A índia achou graça do discurso e gostou de descer de elevador, que êles apelidaram de «pássaro de subir casa».







«QUEBRAS COMIGO, brotinho branco, a flecha da paz»... parece dizer o irmão de Diacuí, plagiando a Iracema de José de Alencar. E a caixa sorriu.

A polícia tem encontrado dificuldade para conter o entusiasmo dos que desejam ver, de perto, Diacuí, a noiva do sertanista Ayres da Câmara Cunha, e o cacique Kumatse, metido em um «short», o busto nu, côr-de-canela, penas de araras nas orelhas, braçadeiras também de penas coloridas e o cocar multicor. Diarila e Halita, os dois indiozinhos, os brotinhos da selva, têm sido também alvo de grande curiosidade, principalmente feminina. Muita garôta de Copacabana anda louca pelos fortes e jovens Kalapalos.

Os indígenas sentem-se à vontade. Apreciam passear. Não se incomodam com a multidão que os cercam.

DIACUÍ ESTÁ «ABAFANDO»...

Diacuí, por sua vez, está impressionando magnìficamente pela sua beleza sem atavios e pela calma imperturbável com que encara a curiosidade selvagem dos civilizados.

O procedimento de Diacuí parece mais civilizado que o de certas mocinhas da cidade que procuram tocar, apalpar e até cheirar a pele da indiazinha, enquanto que a silvícola não faz nada disso, comportando-se convenientemente.

NO SALÃO DE BELEZA

A indiazinha visitou um dos salões de beleza da cidade. Transformaram-na em uma verdadeira civilizada.

Ela não se mostrou surprêsa com os mistérios de maquilagem quando lhe puseram o verniz nas unhas, fizeram-lhe os cabelos e deram-lhe massagens. Pelo contrário, fêz questão de escolher o baton e o rouge.

Acharam o pé da noiva bonito e pequeno. Diacuí, embora tenha conhecido sapato no Rio, calça 32, o ideal de muitas garôtas bonitas de Copacabana. A pele de Diacuí é fina, muito macia, e não tem espinhas, nem cravos.

Diacuí deitou-se na cama, e suportou a fricção dos cosméticos. A dona do Instituto estranhou a **(Cont. na pág. 54)**



SEMPRE EM GUARDA, os brancos são traiçoeiros... com êsse jeito é que o kalapalozinho saltava sempre do auto, sem deixar seu arco e flechas



DIACUI SORRI PARA O NOIVO... enquanto o periquitinho que ela trouxe do Kaluene fala a mesma linguagem de todos os periquitos...

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 49 ★ 6-12-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Diacuí empolga a cidade (A. Ponce) ... 3/6 e 54/57
Habitantes de outros planêtas ... 12/13
Relembrando a chacina de Xapecó (Domingos de Lucca Júnior) ... 17/19
Aos heróis de Pistóia (Leonel C. Ferreira) ... 27/29
Amôres secretos da filha de Stalin 32/34

LITERATURA

Meio dia na vida de um carioca (Renato de Alencar) ... 7
A última prestação (Anne H. Warner) 23
Semana Literária (Edmundo Lys) ... 45

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos ... 8
A semana em revista ... 8/9
A personagem da semana ... 9
Puxe pelo cérebro ... 14
Passatempo (Renato Cartaxo) ... 15
Lido... visto... ouvido... (Jim) ... 20/21
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) 22

ROMANCE

Memórias do Príncipe Yussupoff ... 24/25

FOLHETIM

Arabelle ... 47

FEMININAS

A moda dos cabelos curtos ... 26
Prêto e branco ... 35
Verão colorido e estampado ... 36/37
Drapeados ... 38
Dos pardais do abade aos pardais do Castelo (Isolete) ... 42
Rotina de beleza ... 43
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 50
A luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) 51

CURIOSIDADES

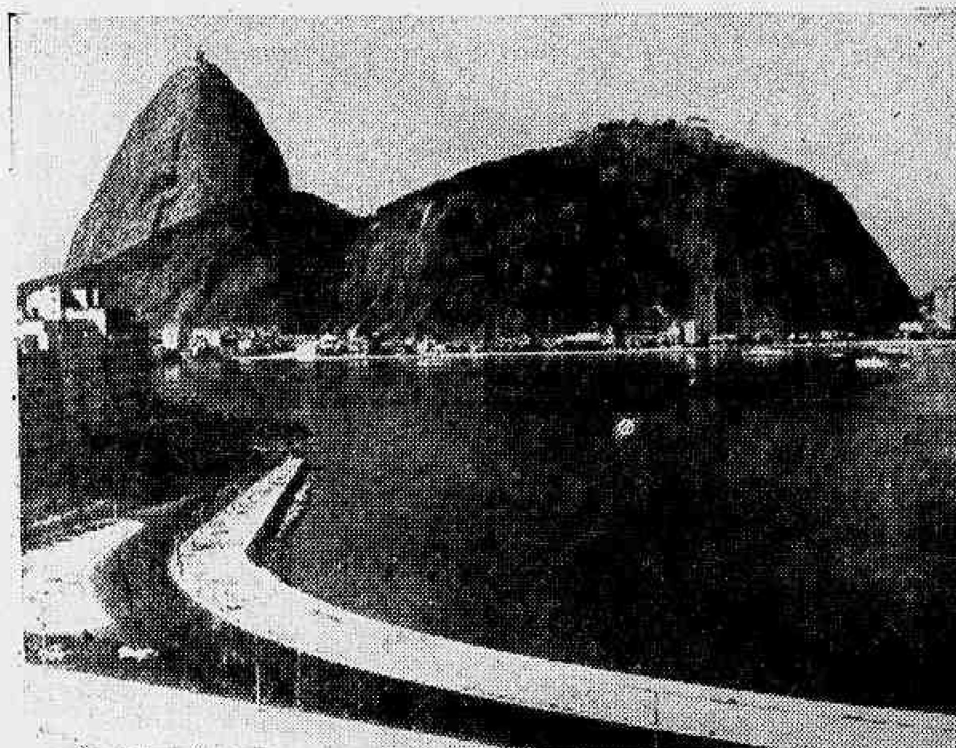
Nero dança o «bebop» ... 10
A volta de «Gilda» ... 11
O canguru colidiu com a motocicleta 30/31
A vida de Noel Rosa (Almirante) . 39/41

ÚLTIMO FLASH ... 58

CAPA

Nancy Olsen (Foto Paramount)

MEIO DIA NA VIDA DE UM CARIOCA



SEXTA-FEIRA, vinte e um de novembro de 1952. Cinco horas da manhã. Acorda sob estampidos de bombas cabeças de negro. Que será? Aniversário de Ademir? S. João em novembro? Nada! Farristas que se divertem depois de uma noite alegre em «boites» de Copacabana. Não podendo mais dormir, o infeliz apanha os petrechos para fazer a barba. Depois de experimentar tôdas as torneiras da casa, desanima: não há água nem para dar banho em papagaio. Para fazer o café, sai com uma moringa a pedir a esmola de uns canequinhos do «líquido difícil». Depois de dar cinco cruzeiros de gratificação ao empregado de uma garagem, entrega a água à espôsa. Esta ergue os olhos ao céu. Começa a chover. O café está na mesa. O carioca encontra a terceira irritação: não pode mudar a camisa porque a lavadeira não trouxe a roupa. O pão está intragável, um rôlo de borracha que incha na bôca e não desce. O café é prêto, sem leite. Já está paga a mensalidade adiantadamente, mas o litro que chegara, já tarde, fôra todo para o esgôto. Azedara. O infortunado continua em seu martírio. Precisa telefonar. Mas o aparelho está com defeito. Não liga. Chove forte. Quase em jejum, corre ao ponto do ônibus. Os veículos passam cheios. Depois de meia hora de paciente espera, consegue penetrar, às espremidelas, em um dêsses carros. Seu lugar é uma fábrica de resfriado. Uma das janelas está com o vidro enguiçado. Não sobe. O vento empurra a chuva para dentro do ônibus molhando alguns passageiros, inclusive o nosso herói. Aproxima-se o ponto em que deve saltar. Pede que lhe abram a porta traseira. Mas o chofer não atende. Tem que atravessar a muralha de gente em pé. Começa a fazer a ginga: quebra o corpo aqui, quebra ali, pisa um mais acolá, engancha o guarda-chuva na bôlsa de uma senhora enfezada; o chofer não espera e, proferindo desaforos em tom de resmungo, continua a viagem. O infeliz terá que andar meio quilômetro a pé. Chega ao trocador. Dá-lhe uma nota de vinte cruzeiros. Mas o jovem não aceita, alegando que a mesma está sem valor. Está, não está, é legal, não é, foi prorrogada, não foi. O trocador vence, sem ter razão. E' o único cidadão neste país que tem poderes discricionários para julgar como sem valor dinheiro legal da República. Chove. Os carros passam junto ao meio-fio e vão esguichando lama nos pedestres. O nosso amigo atinge o Passeio Público. Ao atravessar o Largo da Lapa, por um triz não morre esmagado, pois os caminhões e automóveis não respeitam o sinal luminoso. O guarda é ali uma «figurinha difícil». Chega ao seu pôsto de trabalho. Vai a uma barbearia. Muita gente. Espera. Lê uns jornais. Chega a sua vez. O barbeiro conversa, demora, a navalha não está boa e o homem deve ter dente infeccionado. Paga doze cruzeiros pelo aborrecimento e sai. Um bilheteiro o persegue: «E' o burro! é o burro, para hoje!» Chega ao escritório. Meio-dia. Não fêz nada. Sai para o almôço. Senta-se a uma mesa. Pede um cabritinho com arroz. Depois de muito esperar, o garção lhe traz a comida. A um lado um freguês envenena o ambiente com baforadas de horrível cigarro. Um caminhão da L. U. (Limpeza Urbana), sem a menor urbanidade, encosta ao meio-fio, em frente ao restaurante. Um fétido capaz de afugentar urubus invade o estabelecimento. Quando o nosso condenado inicia a refeição, encontra uma espécie de tempêro que não constava do cardápio: uma barata devidamente cozida com o cabritinho inocente. Cruza o talher. Tinindo de raiva, chama o garção, mostra-lhe o achado. Deixa uma gorjeta e sai com o lenço ao nariz. O rádio dá conselhos sôbre nutrição científica. Já está pelas duas horas da tarde. Daí por diante não se soube mais dêle. Mas, na manhã seguinte, apareceu boiando na praia de Santa Luzia o cadáver de um homem.

RENATO DE ALENCAR

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

Redator-chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Diretor **GRATULIANO BRITO** — Assistente **RENATO DE ALENCAR**

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lonrenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

A Semana

A REVISTA há 50 anos

14 DE DEZEMBRO DE 1902

CHRONICA — Entre os muitos symptomas dos tempos attribulados que atravessamos convém não esquecer a difficuldade com que se vive e a facilidade com que os mortos são esquecidos. **Les morts vont vite**, é certo, e assim tem sido desde que o mundo é mundo, mas entre a celeridade com que em alheios povos se apagam as memorias mais santas e a rapidez vertiginosa com que supprimimos das nossas preoccupações os serviços mais relevantes, não ha sombra de parallelo. Nunca a phrase celebre **"cuidar dos vivos e enterrar os mortos"** revestiu actualidade mais palpitante.

Por isso me causou sorpreza, muito proxima do assombro, a grave commoção causada no espirito publico pela morte do dr. Prudente de Moraes. Pela primeira vez, ha uns poucos de annos, vi convertido em realidade sentimental esse bello euphemismo "o luto nacional" que ainda não sorpreendera no olhar, no gesto, no fallar compungido dos enlutados. Desta vez, sim. Alma brasileira e estrangeira palpitaram juntas na communhão de uma grande dôr; e o luto era decretado nos corações antes de o ser pelo executivo. Mal a noticia fatal e aliás prevista, foi affixada ás portas dos jornaes, a cidade revestiu essa physionomia consternada que acompanha a perda dos que em vida conseguiram fazer vibrar na alma dos simples a nota suave ou heroica da affectividade e como se Deus pretendesse honrar tambem a entrada de um eleito no reino dos Céos, as nuvens, lá de cima, salvaram ao cadaver ainda quente dessa creatura essencialmente timida, a quem o civismo emprestou, em uma crise decisiva na história da Republica, todas as energias e todas as audacias de um lutador intemerato. No emtanto, esse homem tão amado pelas multidões não contribuiu para o patrimonio das idéas geraes nem aligeirou o fardo pesadissimo da vida com uma dessas maravilhosas descobertas que perpetuam uma benemerencia. Nem a sciencia, nem a industria, nem a arte lhe devem mercês e não poderá com justiça incluir-se o seu nome entre o dos jurisconsultos ou estadistas da reputação universal. Qual foi, pois, a qualidade bastante sentimental para poder ser comprehendida das multidões e bastante imperiosa para poder impor-se a todas as classes, ainda mesmo ás que por indole e tradicções repelliam tal superioridade? A obediencia; apenas a obediencia á lei! Tão certo é e será sempre não haver broquel mais forte que o dos principios, nem baluarte mais invencivel que o do Direito — **JACQUES BONHOME.**

BRINDES MENSAES
da
REVISTA DA SEMANA
Edição semanal illustrada
do
JORNAL DO BRASIL

..A começar de Dezembro corrente, a REVISTA DA SEMANA trará impresso, no alto da capa, um pequeno coupon. Os coupons dos numeros de Dezembro, reunidos e apresentados em nosso escriptorio, darão direito a receber do "Jornal do Brasil" um magnifico chromo em papel "couché", no formato de 28 x 38, nitidamente impresso nas officinas graphicas da REVISTA DA SEMANA, edição semanal illustrada do "Jornal do Brasil".

RECREAÇÕES

CHARADA CASAL (Pititi) — (Ao caro collega Pery)
2 — Ella: Jurisconsulto; elle: herva.

CHARADA ANTIGA (Julieta)
Na cidade da França, de repente — 1
Eis que chega um grande escriptor francez — 2
Para em seguida, logo, intimamente,
Conversar com certo viajante inglez.

CHARADA INVERTIDA (Bruno Briaréo)
(A Mercedes)
2 — Como deslisa em placida lagoa
Um cysne branco sacudindo a pluma,
Alheio ao *p'rigo*, passeiando átôa,
Qual um flôco idéal de branca espuma;

Como nos ares cerulos revôa
Uma ilusão em busca d'uma bruma
De calma região, como resôa
No azul celeste um riso que perfuma;

Assim irás na trilha da existencia,
Sentindo os sonhos bons da adolescencia,
Alheia ao *perigo* e alheia ao Sofrimento.

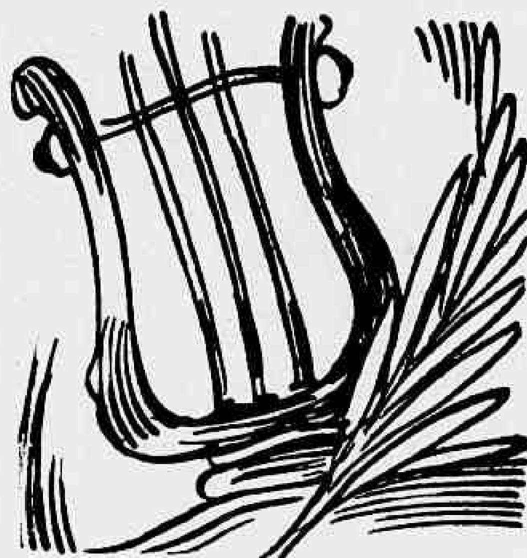
Cobre-te a nuvem casta da Esperança,
Que espelha no teu rosto de criança,
A paz azul do calmo Firmamento.

Dez centavos

UM sêlo postal de dez centavos em tôda correspondência nacional, foi adicionado durante a última semana de novembro dêste ano, destinando-se sua arrecadação à campanha de recuperação dos filhos dos lázaros, sob a orientação da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros. O sêlo adicional de dez centavos foi criado por lei de 1949 e regulamentado pelo Presidente da República em outubro de 1952, e traz a efígie do famoso e mártir padre Damião, sacerdote que dedicou quase tôda a sua vida ao serviço de proteção aos morféticos, terminando por ser contaminado pelo mal e morrendo leproso. Coube a essa grande figura do clero católico demonstrar que o mal de Hansen não é hereditário, e sim adquirido por contágio. Daí a razão de ser dessa campanha em favor dos filhos de hansenianos, os quais nascem livres do "morbus", só vindo a contrair a doença, com a convivência, o contato, a vida em comum com os leprosos. A última semana de novembro é dedicada ao combate à lepra, e os fundos decorrentes dêsse sêlo postal de dez centavos vão servir para proteger mais de quatro mil crianças sadias, filhas de leprosos, e que estão internadas em mais de 30 preventórios espalhados por vários Estados do país. E' uma contribuição patriótica, humanitária e comovente.



O dia da música



VINTE e dois de novembro é o dia dedicado à Música, porque é o dia de Santa Cecília. Dia harmonioso, dia da batuta, do pentagrama e das **claves.** Dizem os que sabem história da música e da vida dos santos, que é muito velha a tradição de considerar-se Santa Cecília como padroeira da Divina Arte. No ano de 1500 houve uma grande festa em louvor a Santa Cecília considerada como "padroeira dos músicos". Há quadros célebres de pintores famosos exaltando a figura da Santa como uma cultora da música, a tocar harpa, cujos acordes eram tão divinos que atraíam os anjos do céu. A padroeira das notas musicais devia olhar pela sorte dos músicos, especialmente os dêste país, mais entregues a outras **músicas**, de que as da divina Santa Cecília. E, fora dessas outras **músicas**, as **notas** não soam bem. Ser músico é, atualmente, uma infelicidade. A não ser na seara da composição popular, com as fricleiras de sambinhas chorosos e marchinhas mais ou menos sensuais, o verdadeiro artista, o músico de cultura, de gênio, passou para planos secundários, sumindo-se na voragem das irradiações jocosas e das produções pueris. Enquanto se vendem aos milhares os discos mais vulgares, dormem nas prateleiras as obras de profundidade e de inspirações geniais. Santa Cecília, **ora pro nobis.**

Em Revista

O abono familiar



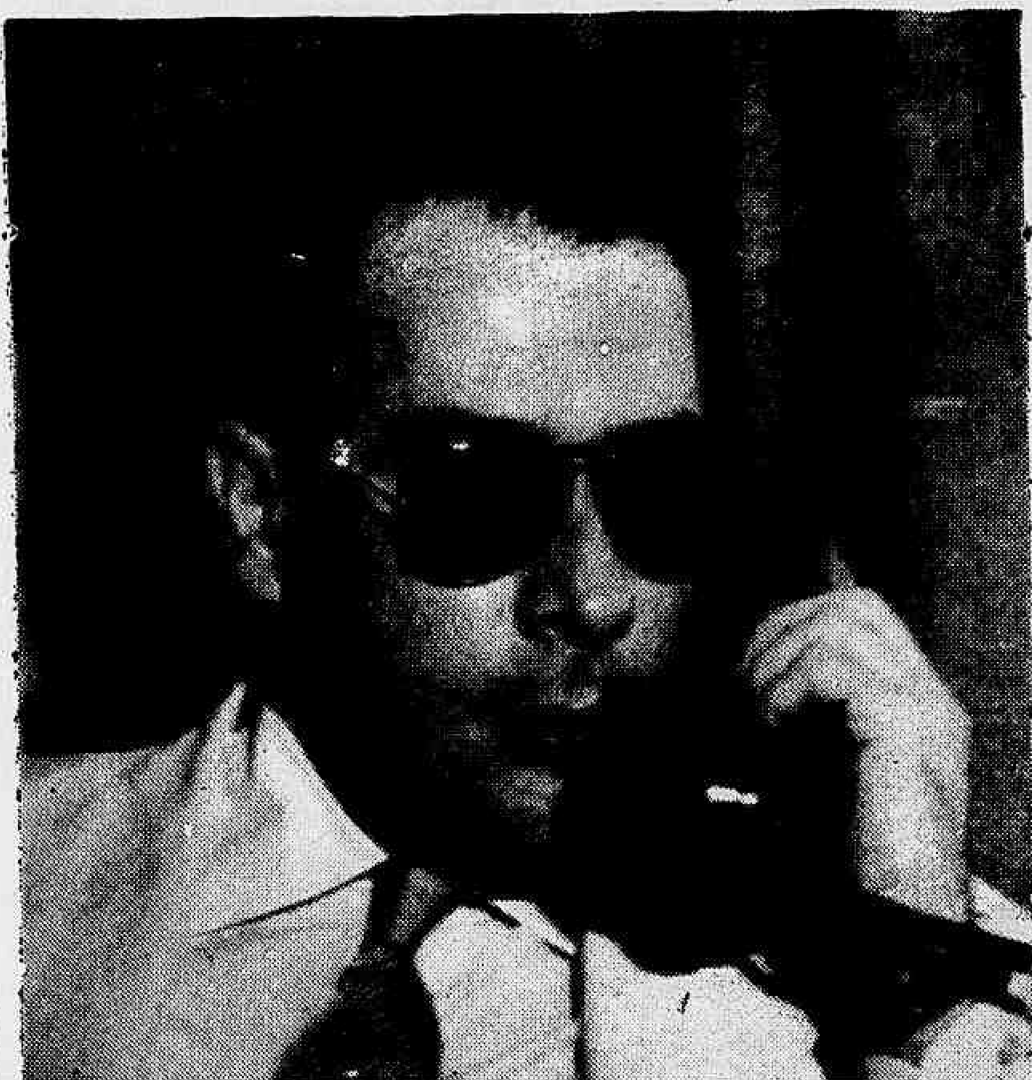
O sr. Ministro do Trabalho, falando a 21 de dezembro último, sôbre as atividades de sua pasta, disse aos jornalistas ali acreditados, que, êste ano serão pagos pelo Ministério do Trabalho, em todo o país, a importância de Cr$ 115.335.000,00, de abono familiar, cabendo dêsse total, cêrca de 73 milhões a Estados do Nordeste, colocando-se na dianteira o Ceará, com quatorze milhões, seguido de Minas Gerais, com treze milhões. Quem menos recebe abono é o Distrito Federal, com apenas 265 mil cruzeiros, pelo fato de haver aqui o menor número de famílias com direito a essa ajuda. O assunto chamou a nossa atenção para a grafia do abono que continua a ser dito e escrito **familiar**, em lugar de **familial**, como é o corrente. Abono **familiar** é uma coisa; e abono **familial** é outra muito diferente. O abono a que se refere o sr. Ministro não termina em **R**, e sim em **L**. E' verdade que, desde certo tempo, o abono **familial** se tornou muito **familiar** às proles numerosas e com direito ao mesmo. Que o povo não saiba distinguir a diferença morfológica, nem nada entenda de sufixos e desinências, está bem; mas que seja o próprio govêrno quem desatenda aos reclamos da boa linguagem logo após a Semana da Língua Portuguêsa, não deixa de ser **desabonador...**

Sursum corda!

ISTO, leitor, que aparece assim em latim, quer dizer: "Ergamos os corações!", ou, se quiserem, "tudo azul"... Elevar os corações é uma expressão muito antiga, significando que todos devemos estar contentes com alguma coisa que está acontecendo. Ora, depois de tanta luta, tanta confusão, passeatas, protestos, boatos e intrigas, tudo sôbre o projetado Projeto 1000, a coisa parece que está entrando num ambiente de calma e colaboração geral, entendendo-se muito bem os senhores vereadores protestantes com os governistas e amigos do Prefeito do Distrito Federal. Houve reviravolta na Câmara de Vereadores da sexta-feira para sábado, 22 de novembro dêste ano de 1952, pelo que foram feitos progressos sôbre a melhor maneira de conseguir-se dinheiro para o Metropolitano e o desmonte do morro de Santo Antônio. Os entendimentos entre a minoria e a maioria tiveram o mais salutar efeito, e tudo parece indicar que, mesmo sem o projeto mil, os cariocas terão direito aos dois mais imediatos melhoramentos que fazem parte do programa de obras previstas pela Prefeitura: o Metropolitano e o desmonte do morro que tanto atrapalha o centro urbano. E todos elevemos os nossos corações, leitores, pela paz, ordem e progresso.



A PERSONAGEM da SEMANA



A intensidade do tráfego de veículos nas ruas e praças do Rio, onde já rodam mais de cem mil carros de todos os tipos, fêz que o sr. Chefe de Polícia, sem desautorar as atribuições da Diretoria do Tráfego, interviesse para deter a marcha da calamidade geral representada em acidentes diários, muitos dos quais fatais. Para a maior eficiência da nova ordem, convidou o comissário sr. Deraldo Padilha para dirigir o serviço de repressão ao abuso. A notícia causou sensação, e se espera que a conhecida autoridade consiga disciplinar o tráfego no Rio de Janeiro.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do pragrama e bases do Curso.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as fôrças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**





CESAR DANÇA O "BEPOP"



UMA ORIGINAL FESTA DE VERÃO NA CIDADE DO SENA! ★ 5.000 PARISIENSES VÊM À QUEIMA DE ROMA! ★ LEITE EM PÓ EM VEZ DE LEITE DE MULA . . .

A atração principal da festa a fantasia da Academia Parisiense de Belas Artes foi uma estudante que, representando "Popéia", numa banheira em forma de cisne, sob os olhares dos Césares, banhava-se, fazendo grossa espuma . . . com leite sêco.

Gladiadores convidam as damas a dançar. Ao lado de clássicos trajes a rigor, brancos e prêtos, estavam ondulantes togas e sandálias douradas. Até à tardia manhã dançaram os ilustres gladiadores com elegantíssimas senhoras em trajes de "soirées".

ROMA NO SENA — Nero, para os seus 5.000 convidados, na maioria estudantes, punha novamente Roma em chamas e oferecia lutas de gladiadores e corridas de carros. Pensativo, está sentado Pierre ao lado de sua Françoise: os louros da vitória foram conseguidos por outros . . .

QUATRO RAINHAS DE BELEZA



O soldado também deve ter o seu prazer e, por isso, o alto comando das fôrças armadas americanas resolveu escolher para as quatro armas quatro **Rainhas de Beleza**. Os seus retratos são destinados como enfeites para os armários das casernas e as paredes dos alojamentos. À esquerda: — as quatro rainhas; à direita — a «Rainha do Exército».

A VOLTA DE «GILDA»



SALOMÉ POR 25.000 MARCOS SEMANAIS — Rita Hayworth, a popular «Gilda», tem o principal papel no filme colorido «Salomé». A companhia produtora assinou contrato com Rita na base de 25.000 marcos (cêrca de trezentos mil cruzeiros) por semana. Seu companheiro, na película, é o velho ator Charles Laughton. «Juan Batista» será interpretado por Stewart Granger. Direção de William Dieterle, veterano cinematografista.

HABITANTES DE OUTROS PLANÊTAS

COMO SERÃO OS QUE DEVEM VIVER NA LUA, EM VÊNUS, EM MARTE E NOUTROS MUNDOS?



Uma paisagem lunar, com dois exploradores terraqueos como imaginou um ficcionista. Atingir a lua não é lá coisa m

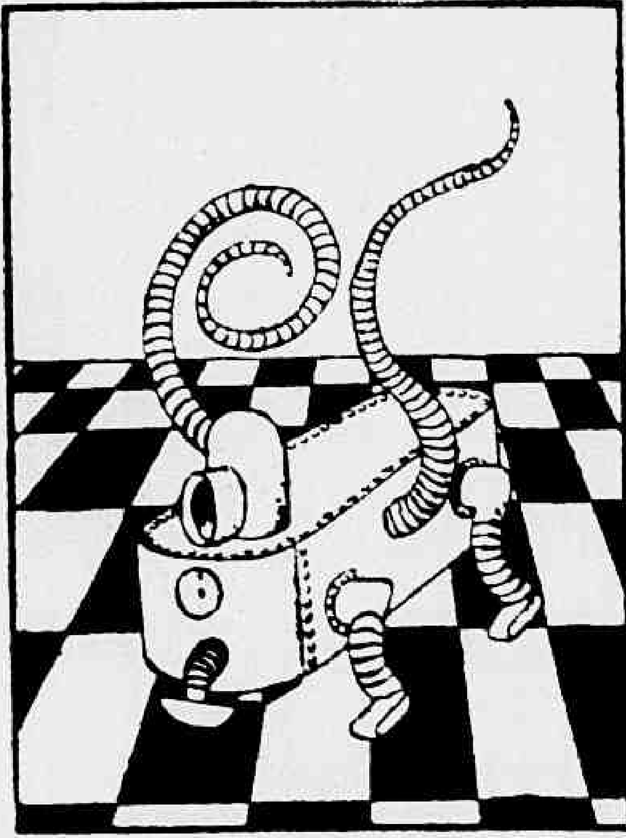
QUANDO a ciência provou que a Terra não era o centro do nosso sistema planetário, e que não passava de humilde poeirinha na imensidão do firmamento, a idéia de que outros planêtas podiam ser habitados por outras gentes, começou a avolumar-se, tanto entre os sábios e astrônomos, como entre o povo em geral. Essa suposição cresceu de vulto quando Camilo Flamarion lançou a público um dos seus mais lidos trabalhos de caráter sôbre a "pluralidade dos mundos habitados". A teoria deixava a seara científica e invadia a região da crença com bases no espiritismo. Com efeito, não é possível que, sendo o Cosmos uma reunião de milhões e milhões de mundos, cada um se movendo dentro de suas elipses, enquanto milhões de outros se vão formando no infinito insondável, constituindo outras galáxias que os nossos melhores telescópios não podem alcançar, sòmente a esta Terra insignificante, simples satélite do Sol, fôsse dado o privilégio de possuir vida animal e vegetal.

Por mais que se esforcem os astrôno-

mos a
que ha
que é
dições
contin
à Lua
nam
não p
peixes



Êste cidadão é de Saturno. Como naquele planêta o frio é de desmanchar geladeiras, êle se reveste com aquela capa que mais parece um casco de jacaré. Para os saturninos se trata de um «bonitão» do astral.



E aqui temos um ser estranho com aparência de fogão a gás. Mas, segundo dizem os seus idealizadores, aí dentro está um ser humano, de outro planêta. O modêlo é especial para passeios aí pelo espaço.

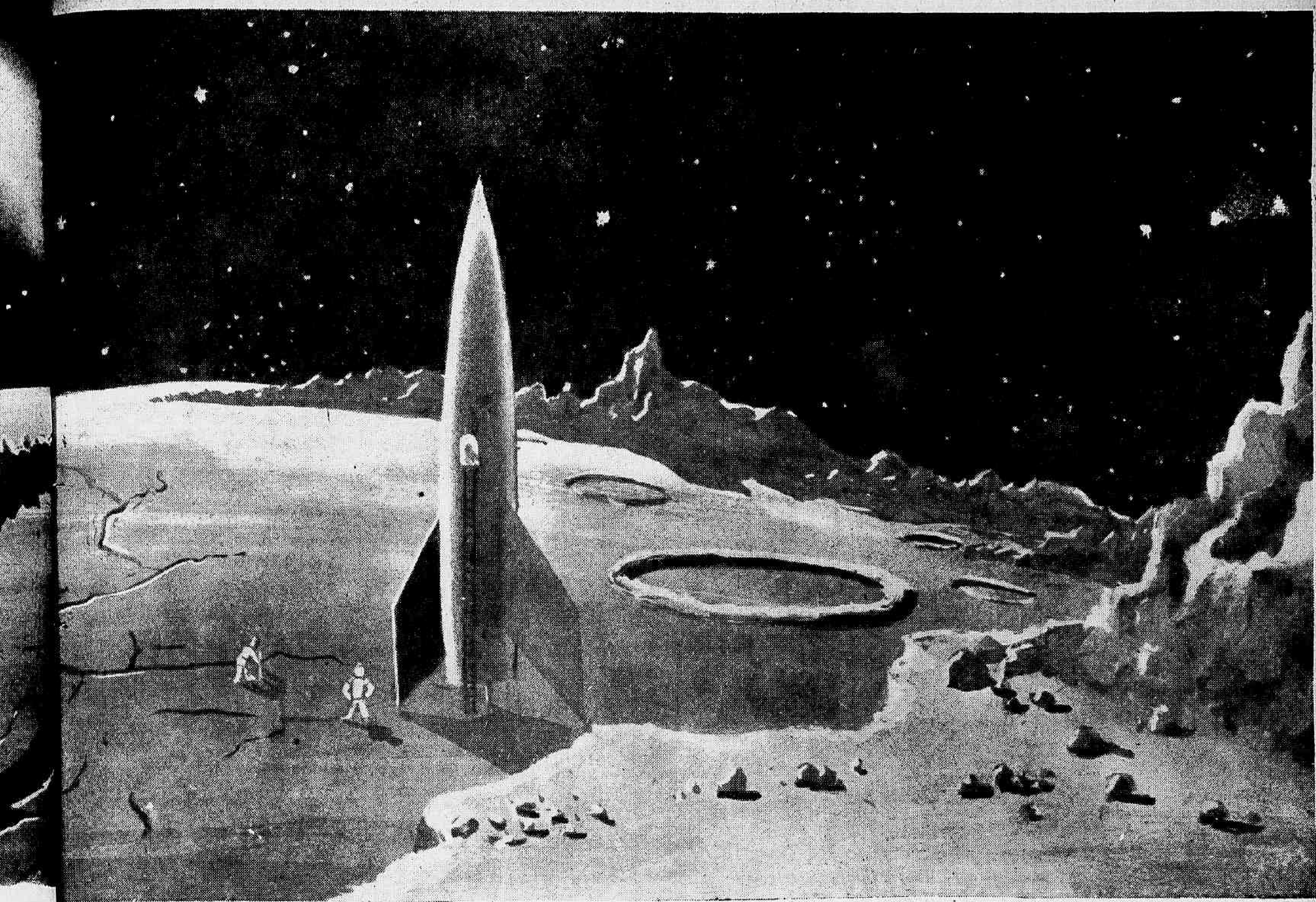


Êste formigão simpático, apesar de seu aspecto feroz, é incapaz de atacar um mosquito. Suas armaduras são próprias para abrir túneis na lua. O belo espécime aqui apresentado é um senhor lunático respeitável.



O marciano é assim parec
uma dessas plantas da flora
das profundezas do oceano
tre. Pelo que vemos, não
razão de mêdo para com os
tes de Marte. Serveu até para

Es
a
V
m
se
p



coisa muito difícil, segundo dizem os sábios e astrônomos. Mas o diabo é poder voltar. É preferível viver neste «Vale de Lágrimas», a ficar perdido no «Mundo da Lua».

mos ainda não se chegou à certeza de que haja vida em outros planêtas. Marte, que é onde parece haver maiores condições de vida como nós a concebemos, continua a ser uma interrogação. Quanto à Lua, nosso fiel satélite, segundo afirmam os conhecedores de sua atmosfera, não pode haver gente e animais, aves, peixes e vegetação nas condições conhecidas na Terra, pelo simples fato de haver carência absoluta de oxigênio por lá. Pelo que dizem os sábios, a Lua nada mais é do que um mundo morto, desde muito, resfriado, coberto de crateras, e solo estéril, uma espécie de cemitério imenso a rolar pelo espaço, com a simples obrigação de nos mandar sua luz nos plenilúnios, como um espelho entre o Sol e a Terra.



Esta, sim. E' uma garôta de Vênus, a bela estrêla que não é estrêla. Vênus não decepciona o habitante do mundo em que vivemos, e nos apresenta linda venusiana. O que atrapalha é arranjar sapato para ela.

Mas as pesquisas continuam. Continuam as suposições. Prosseguem as rebuscas e a curiosidade do povo não cai de interêsse. A atenção do público tem mesmo aumentado muito a tal respeito, com o aparecimento de "discos voadores", intrusos que vêm perturbar o nosso sono, não se sabendo de que origem são. Há mesmo quem jure sôbre os Evangelhos, que os tais volantes a 1.500 quilômetros por hora, são mandados por Marte, como sondagem à Terra, não se sabe com que intuitos...

Nunca foi tão empolgante a literatura de ficção científica, ou ciência-ficção, como agora. Prova-o o grande sucesso do livro de Kenneth Heuer, nos Estados Unidos, recentemente traduzido para o francês. O povo aprecia tudo o que é misterioso, enigmático, e que vem banhado nas tintas de explicações ao alcance de sua mentalidade simplista. E muita gente lê e crê à mão de Deus Padre. Vejam o que acontece com os livros de Wells e Rosny, os quais, embora de natureza científica, oferecem o lado pitoresco em deliciosa ficção aos leitores de qualquer país.

Para H. G. Wells, um inglês que merece o título de Rei da Ciência-Ficção, a Lua é habitada, e um dos espécimes de maior vitalidade é um inseto cuja reprodução apresentamos nesta reportagem. Gustave Le Rouge, um francês que escreveu "Naufragé de l'espace", o habitante de Marte é um ser esquisito, sensìvelmente estranho, de caráter botânico, segundo a ilustração aqui estampada. Quanto a Vênus, os ficcionistas americanos acham que um dos seus espécimes vivos é uma cópia aperfeiçoada de nossas "sereias", com a diferença de que as pernas não terminam em barbatanas para nadar como qualquer peixe, mas sim numa série de raízes, naturalmente para a fixarem ao solo. A mulher de Vênus usaria porta-seios, como uma satisfação à pudicícia dos selenitas... Os saturninos, isto é, os naturais de Saturno, são uma espécie antropóide, tudo imaginado de acôrdo com cientistas-ficcionistas americanos, como vemos num dos modelos aqui publicados. Finalmente, houve quem idealizasse um tipo de invasor para povoar qualquer mundo dêsses que rolam pelos espaços sem fim. E o "robot", capaz de aclimatar-se em qualquer planêta, astro ou asteróide aí pelo firmamento.

Que haverá de verdadeiro em tudo isso? A ciência maravilha pelo seu caráter sisudo e não diversional, enquanto a ficção científica, empolga, instrui, mas cria um sentido maravilhoso e pitoresco através da imaginação.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	**Um sábio**
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — A QUEM SE DEVE O NOME CIENTÍFICO DE «COFFEA ARÁBICA», PARA O CAFÉ:

— A Linneu?
— A Palheta?
— A Humboldt?

2 — QUAL DÊSTES RICAÇOS BRASILEIROS FERRAVA SEUS CAVALOS COM FERRADURAS DE OURO:

— Desembargador João Fernandes?
— Barão de Catas Altas?
— Guilherme Pompeu?

3 — EM QUE CIDADE NASCEU CRISTÓVÃO COLOMBO:

— Gênova?
— Nápoles?
— Marselha?

4 — COM QUE ELEMENTOS HUMANOS COMEÇOU PORTUGAL A COLONIZAR O BRASIL:

— Negros?
— Artífices?
— Delinqüentes?

5 — QUAL A VELOCIDADE MÁXIMA DOS NAVIOS DA FROTA DE CABRAL:

— Dez milhas por hora?
— Cinco?
— Oito?

6 — QUE ANIMAIS DOMÉSTICOS OS DESCOBRIDORES ENCONTRARAM ENTRE NOSSOS SELVAGENS:

— Papagaios?
— Galinhas?
— Cabras?

7 — QUAL DÊSTES PARTIDOS POLÍTICOS DOS ESTADOS UNIDOS É CONHECIDO PELAS INICIAIS. G.O.P.:

— O Republicano?
— O Democrata?
— O Agrário?

8 — DE QUE MUNICÍPIO MINEIRO ERA FILHO OLEGÁRIO MACIEL:

— Caxambu?
— Bom Despacho?
— Ponte Nova?

9 — QUAL O RIO QUE BANHA A CIDADE DE SABARÁ, M. GERAIS:

— O Rio das Velhas?
— O S. Francisco?
— O rio das Mortes?

10 — QUAL O NOME POR INTEIRO DE BELO HORIZONTE, ANTES DE 1890:

— Curral del Rei?
— Boa Viagem de Curral del Rei?
— Nossa Senhora da Boa Viagem de Curral del Rei?

11 — QUE QUER DIZER «PIRACICABA», NA LÍNGUA INDÍGENA:

— Rio sinuoso?
— Cachoeira grande?
— Rio de muito peixe?

12 — ANTES DE NITERÓI, QUAL DESTAS CIDADES FOI CAPITAL DO ESTADO DO RIO:

— Juiz de Fora?
— Petrópolis?
— Campos?

13 — QUAL DESTAS ESPÉCIES VEGETAIS DO BRASIL SERVE PARA DORMENTES:

— A maçaranduba?
— A imbaúba?
— O timbó?

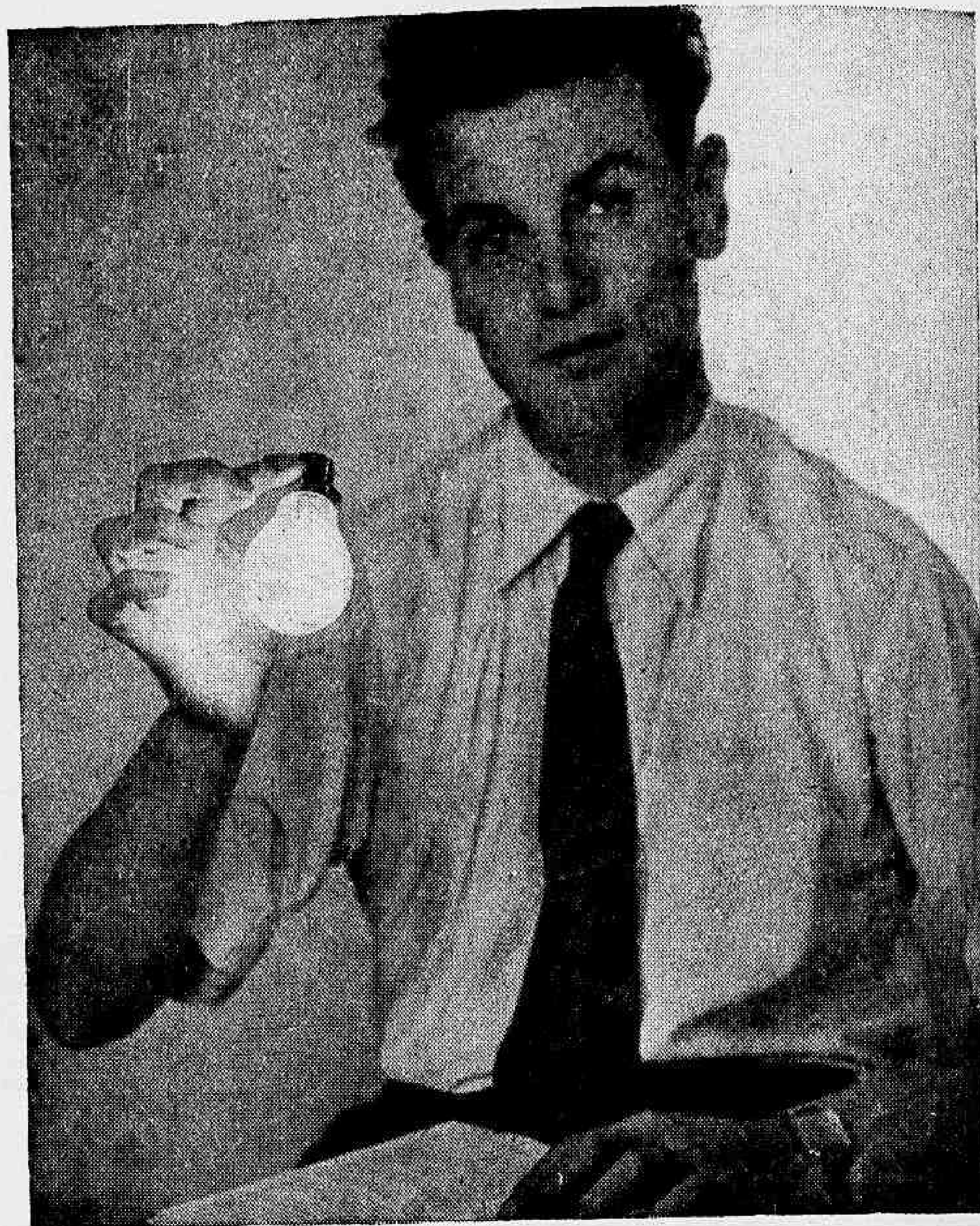
14 — O BRASIL TEM SUA PRINCIPAL RIQUEZA NA:

— Agricultura?
— Indústria?
— Pecuária?

15 — A PRAÇA MARTIM AFONSO, EM NITERÓI, É EM HOMENAGEM A:

— Um índio brasileiro?
— Um governador português?
— Um general do primeiro reinado?

(Respostas na pág. 46)



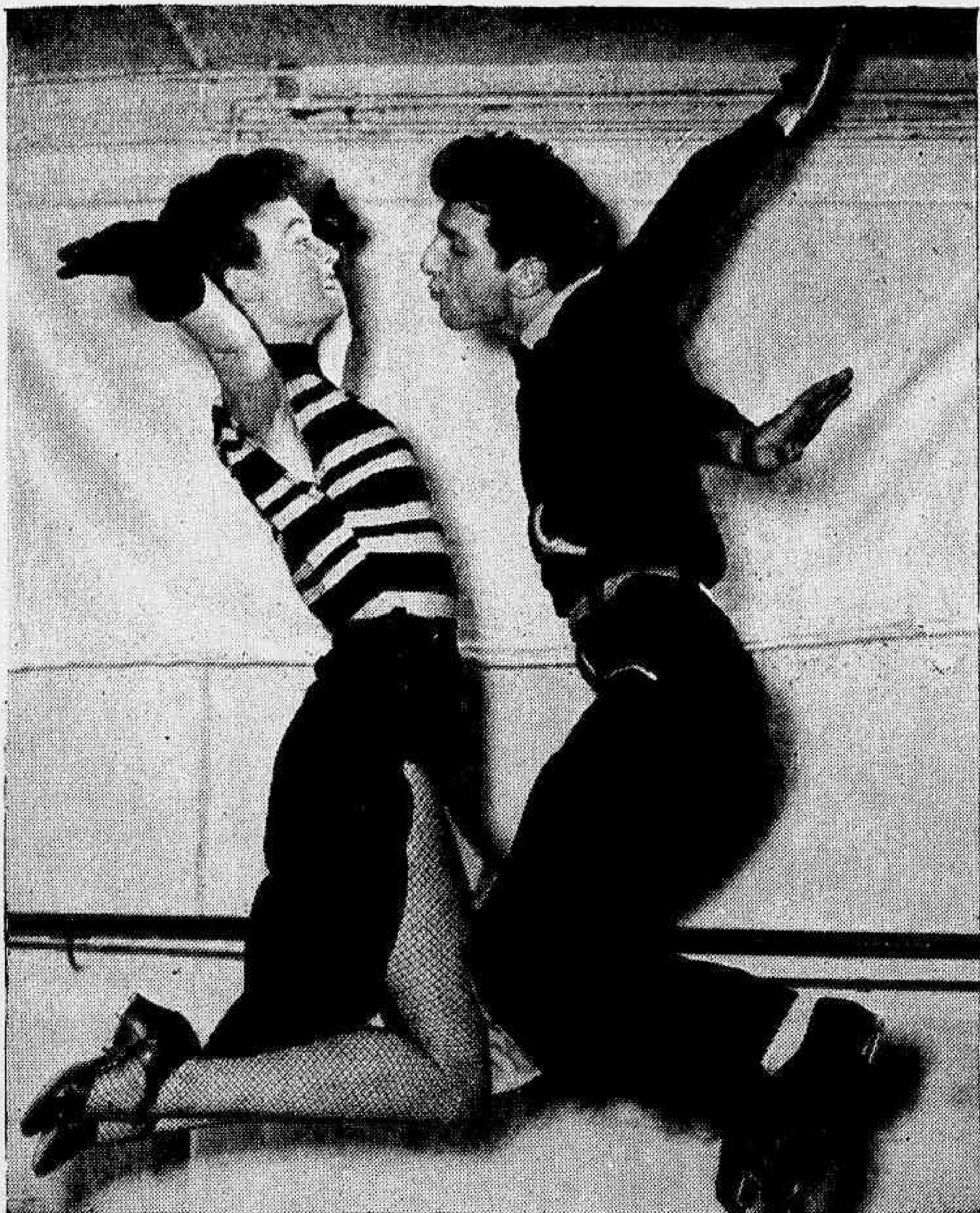
O HOMEM DÍNAMO

Brian Williams, que tem vinte anos de idade, tem o corpo tão cheio de eletricidade, diz êle, que basta tocar com uma das mãos uma lâmpada para esta acender-se. Na foto êle está provando isso com uma lâmpada de 15 watt, cuja luz dá para êle ler ou para tirar fotos à noite.



LADY GODIVA DAS ARÁBIAS

Sally Page, num Baile das «Mil e Uma Noites» em Londres, em benefício do Fundo para os refugiados árabes da Terra Santa, vendia programas até o momento em que viu êste camelinho, um amor. Por êle mudou de programa, montou no bichinho e achou ótimo.



O BEIJO MAIS DIFÍCIL

Desça, venha para terra, diz um assistente da proeza a Nick Bernard, londrino de 25 anos de idade, que com sua «partenaire», Pat Wilson executa um nova dança, em que pulando tentam beijar-se Assim é difícil, — bem difícil na verdade — mesmo você sendo de circo.



E CRISTO CONTINUA PADECENDO...

Miss Elisabeth Frink está aqui ao lado da escultura que ela fêz e intitulou «Cristo na Coluna». Ora, acreditem ou não, entre os padecimentos de N. S. Jesus Cristo conta-se agora mais êste desta modernista.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 32

A	Que mora perto →	21	115	7	109	60	75	90
B	Abona; é fiador →	129	83	1	61	113	27	92
C	A curva do báculo →	15	39	105	52	86	11	103
D	Brotada; surgida →	2	44	93	63	20	71	117
E	Auréola; glória; prestígio →	30	69	5	132	■	■	■
F	Cultiva; lavra →	26	8	78	34	66	116	■
G	Quantidade de pessoas; população →	96	4	70	136	82	■	■
H	Eras; períodos →	9	91	72	19	108	135	■
I	Vem ao mundo →	79	33	83	65	137	■	■
J	Recebeu por herança →	55	12	68	80	29	134	■
K	Impulso; arrebatamento →	6	32	13	73	118	84	■
L	O mesmo que sôro →	37	16	77	127	59	■	■
M	Inclinam-se; propendem →	49	64	10	89	124	57	■
N	Que tem grandes olhos →	76	23	43	121	51	56	■
O	Pede por meio de requerimento →	97	41	120	31	87	131	■
P	Ipecacuanha →	22	102	46	74	35	■	■
Q	Habituam; acostumam-se →	95	111	36	25	130	48	■
R	Protejo; oponho defesa →	100	47	3	139	88	126	14
S	Em que lugar →	54	99	107	122	■	■	■
T	Caritativas; perfeitas →	133	81	112	38	■	■	■
U	Manadas de cavalgaduras →	104	119	128	50	98	62	■
V	Homem de estatura abaixo da normal →	53	110	28	67	■	■	■
W	Áridas; enxutas →	45	106	114	18	94	■	■
X	Ergam; levantem →	24	138	125	40	■	■	■
Y	Aparelhos que dão direção aos barcos →	42	58	17	101	123	■	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra num casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, depois de completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

B 1	D 2	R 3	G 4	E 5	K 6	A 7	F 8	H 9	M 10	C 11	J 12	■
K 13	R 14	C 15	L 16	X 17	■	V 18	■	H 19	D 20	A 21	P 22	N 23
X 24	Q 25	F 26	B 27	V 28	J 29	■	E 30	O 31	K 32	I 33	F 34	P 35
■	Q 36	L 37	T 38	C 39	X 40	O 41	Y 42	N 43	D 44	■	W 45	P 46
■	R 47	Q 48	■	M 49	U 50	N 51	C 52	■	V 53	S 54	■	J 55
N 56	M 57	Y 58	L 59	■	A 60	B 61	U 62	D 63	M 64	■	I 65	F 66
V 67	J 68	E 69	G 70	D 71	H 72	■	K 73	■	P 74	A 75	N 76	L 77
F 78	I 79	J 80	T 81	■	G 82	■	I 83	K 84	B 85	C 86	O 87	R 88
M 89	A 90	■	H 91	B 92	D 93	W 94	Q 95	■	G 96	O 97	U 98	S 99
R 100	Y 101	■	P 102	C 103	U 104	C 105	W 106	■	S 107	H 108	■	A 109
V 110	Q 111	T 112	S 113	W 114	A 115	F 116	■	D 117	K 118	U 119	■	O 120
N 121	S 122	■	Y 123	M 124	■	X 125	R 126	L 127	U 128	B 129	■	Q 130
■	O 131	E 132	T 133	J 134	H 135	G 136	I 137	X 138	R 139	Otaner-Rio		

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA N.º 31 — ORRIS. — DICIONARIO DE FILOSOFIA. — "Nesse aprendizado, sucessão de atos de coragem e dureza, principalmente coragem de fechar as portas ao êrro que foi verdade, encontra-se a justificativa mais ilustre da existência humana."



Êstes são os 21 homens que, com mais 54, foram acusados de haver matado e trucidado quatro sêres humanos, cujas vidas estavam guardadas pela Lima, irmão de dois jovens que, mesmo considerados inocentes foram mortos em Xapecó. A presença de Procópio e seus irmãos, punha em sobressal

Pôrto União, Novembro

FOI escrito mais um capítulo na história dessa tremenda chacina brasileira. Aquela pacata cidade, de uma hora para outra, transformou-se no centro de atração da atenção nacional, em virtude do bárbaro crime que fôra lá perpetrado, no qual perderam a vida quatro homens, dos quais, dois inocentemente.

Hoje, passados dois anos e um mês, contra a expectativa de todos que tomaram ciência do caso, dos primeiros vinte e um réus, que foram julgados, em Pôrto União, apenas um foi condenado: Emílio Loss, apontado como um dos principais cabeças da chacina, que deverá cumprir a pena de 24 anos de reclusão. Os restantes acusados foram absolvidos, em virtude de pedido de absolvição feito pelo próprio promotor público, sr. Azevedo Trilha!

RELEMBRANDO XAPECÓ

Poucas pessoas devem ter esquecido a carnificina de Xapecó. Teve lugar na noite de 17 para 18 de outubro de 1950, quando uma turba de homens enfurecidos invadiu a cadeia local, desautorando os policiais e, com possível apoio do delegado, tirando do interior da prisão quatro presos que, depois de espancados e mortos, tiveram seus cadáveres queimados no próprio presídio.

O motivo do crime era um só e, mesmo assim, baseado em frágil hipótese. Desconhecidos haviam, tempos antes, ateado fogo ao prédio onde funcionava o Clube Xapecoense e, posteriormente, o mesmo ato de vandalismo foi levado a efeito contra a pequena Catedral da cidade, uma igrejinha simples de madeira, que ficou reduzida a cinzas. Suspeitos foram presos. Eram êles: Ivo de Oliveira Paim, Romano Ruini, Orlando e Armando Lima, irmãos. No entanto, os irmãos Lima estavam, ao que consta até hoje, inocentes e não foram poupados. O vigário da cidade, que hoje se encontra em Roma e cuja vinda ao Brasil para responder a julgamento já teria sido solicitada pelos poderes competentes, também tomou parte ativa no aliciamento de homens para perpetrar o crime. O delegado de Xapecó, Arjeu Lajus, perdeu seu pôsto e foi apontado como um dos cabeças do movimento. No total, 75 homens foram acusados de participarem da carnificina. Vinte e um foram julgados em Pôrto União, com o resultado que apresentamos no início destas notas, e 54 aguardam o resultado de um recurso dirigido ao Supremo Tribunal de Florianópolis, devendo ser julgados em fevereiro do ano vindouro. Entre êstes, encontram-se os acusados de serem os principais mandatários do crime e que muito teriam influído no espírito da população xapecoense, até então sim-



as pela
obressal

polícia no vilarejo de Xapecó. À direita: Procópio
to Pôrto União. Mas êles se portaram bem.

irmãos.
consta
O vi-
Roma e
gamento
petentes,
homens
5, Arjeu
mo um
homens
a. Vinte
o resul-
s, e 54
gido ao
ser jul-
e êstes,
rincipais
influído
tão sim-

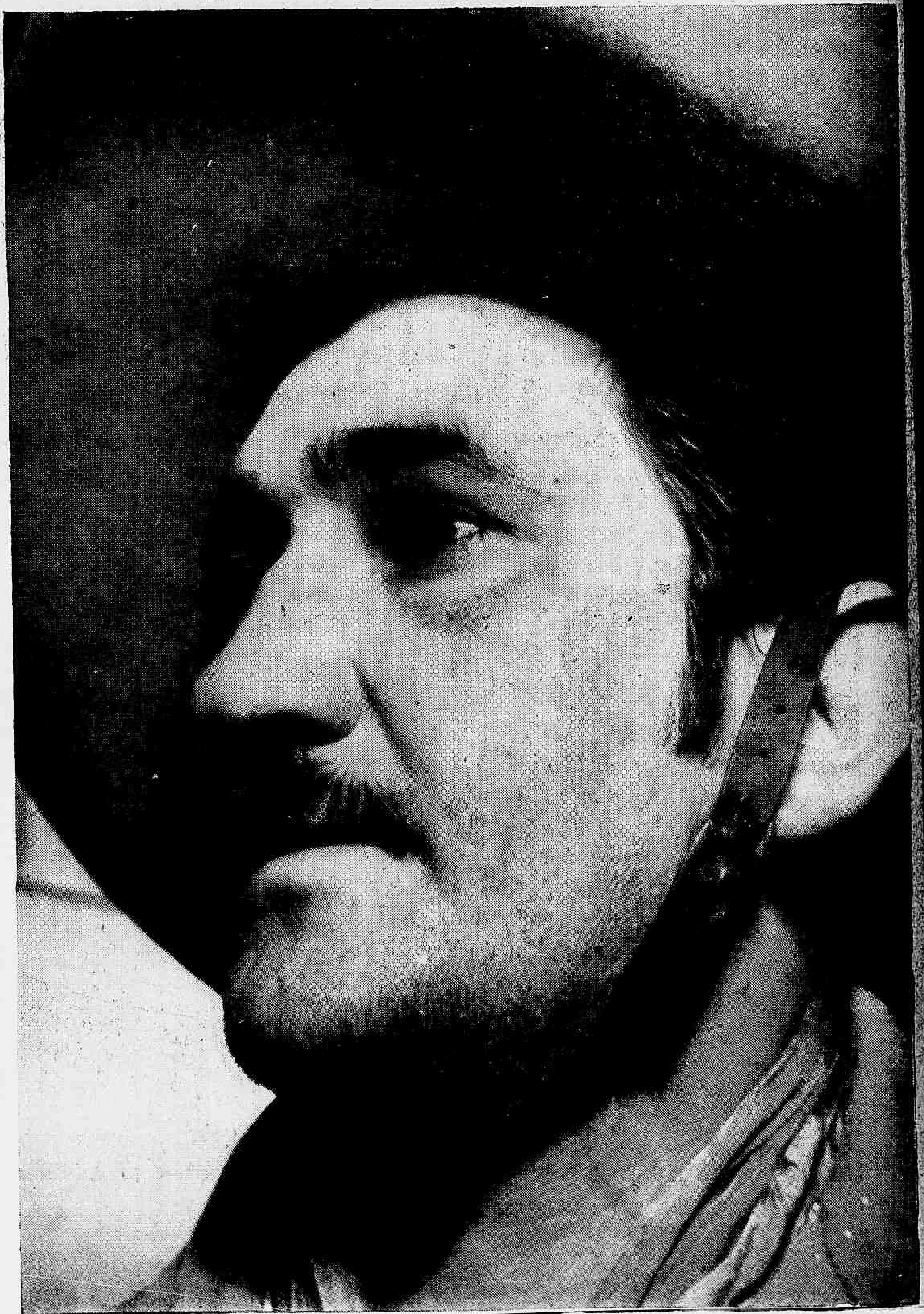
RELEMBRANDO

A CHACINA DE XAPECÓ

EM PÔRTO UNIÃO, NOS LIMITES DO PARANÁ COM SANTA CATARINA, ESCREVEU-SE MAIS UM CAPÍTULO DA TENEBROSA HISTÓRIA DO TRUCIDAMENTO DOS PRESOS NA CADEIA DE XAPECÓ ★ UM JULGAMENTO QUE IA SER SENSACIONAL E SE TRANSFORMOU EM AUTÊNTICO FIASCO ★ DOS 21 RÉUS SÒMENTE UM FOI CONDENADO

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JR.

Fotos de AUDÁLIO DANTAS
(Da equipe das FÔLHAS)



ples e pacata, como: Pedro Campanhole, Arjeu Lajus, Colorindo Rabskini, que tomou a iniciativa de matar os irmãos Armando e Orlando Lima, Abel Bertoletti e outros.

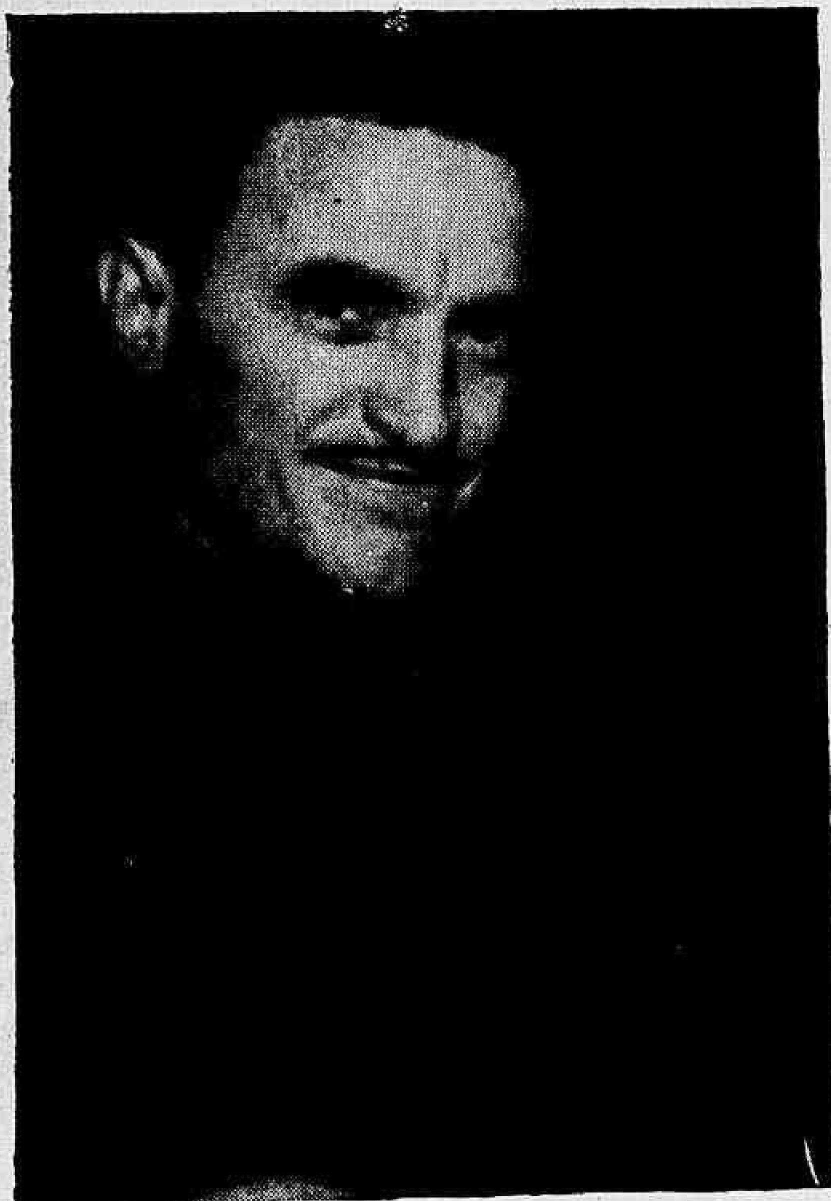
O JULGAMENTO EM PÔRTO UNIÃO

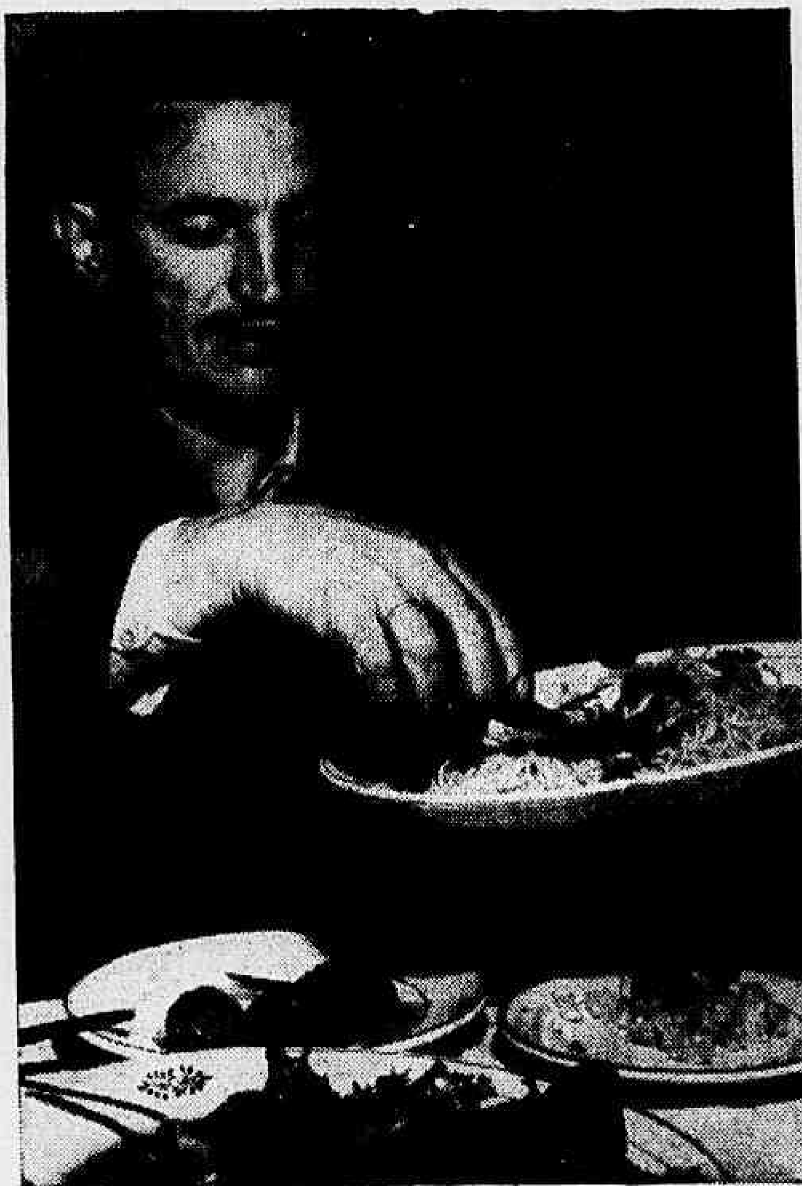
Nos primeiros dias dêste mês, teve início o julgamento dos primeiros vinte e um réus, em Pôrto União, pequena cidade, bem nos limites de Santa Catarina com o Paraná, cidade geminada com a de União da Vitória.

A cidadezinha ficou movimentadíssima e viveu momentos de intensa emoção. De início, a pacata vila foi tomada de assalto por centenas de pessoas que iam assistir ao julgamento e essa emoção culminou quando os irmãos dos Lima, inocentes e mortos, surgiram em Pôrto União. A opinião pú-



As crianças bem como os adolescentes não foram admitidos no recinto onde se realizou o sensacional júri. Todavia, permaneciam, horas e horas à porta do Tribunal em que se processavam os trabalhos de julgulgamento, para captar as notícias — aos retalhos — mas fresqunihas...







Emílio Loss, apontado como um dos principais mandatários do crime, tomou as mais diversas atitudes, no decorrer do júri. Teve espírito para sorrir; confiava voltar para casa, porém o júri lhe deu a pena de vinte e quatro anos de reclusão. Então a sua face foi se tornando uma máscara...

blica dividiu-se em duas alas: a que afirmava que êles iam em busca de vingança e a que os julgava bastante decentes para assistirem calmamente ao julgamento, contando, como é óbvio, com a condenação dos réus, o que, aliás, era esperado por todos que acompanharam de perto, ou pelos jornais, capítulo por capítulo, do mais sensacional e esquisito julgamento já realizado no Brasil. Mas, os Lima chegaram e nada fizeram. Portaram-se com calma fora do comum e cumpriram a palavra, pois haviam afirmado: «Viemos apenas ver a justiça ser cumprida». Mesmo após o desfecho do julgamento, mantiveram-se na mesma linha de conduta. Diàriamente, os três Lima, acompanhados de um amigo que fôra com êles a Pôrto União, sentavam-se entre a enorme assistência que se comprimia na sala de júri improvisada, a fim de acompanhar os trabalhos.

No primeiro dia de julgamento, advogados de defesa, usando de um artifício legal, conseguiram que os primeiros sete réus, entre os quais estava Emílio Loss, fôssem julgados separadamente dos demais 14. Os trabalhos desenvolveram-se separadamente. Sessões houve que atravessaram tôda uma noite, como a do dia 5, que teve início às 9,15 horas e só terminou às 5,10 horas do dia seguinte, com a condenação de Emílio Loss.

Loss, que se mantivera calmo durante todo o julgamento, que sorria, de quando em vez, mesmo para as objetivas dos fotógrafos, transformou-se. Cerrou o cenho, perdeu aquêle ar de autoconfiança e saiu do recinto como animal abatido. Seus companheiros, minutos depois, para surprêsa geral, ouviam as seguintes palavras, da bôca do promotor Azevedo Trilha: — «Vocês, homens simples, que só conhecem a pá e a enxada, regressem para seus lares e nunca mais errem. Não se deixem levar por politiqueiros e autoridades de fancaria». Ante isso nada restou aos jurados, senão absolver os vinte réus. Essa cena teve lugar dois dias depois ante a assistência boquiaberta, que aguardava a condenação dos demais implicados na chacina. Os réus foram absolvidos por unanimidade, exceto Miguel Onofre, sôbre o qual se pronunciara o promotor, antes de ditar a frase que garantiria a absolvição total. Onofre teve dois votos contra.

EM 1953

Em fevereiro do ano de 1953, será, possìvelmente, realizada a última fase do julgamento dos chacinadores, com a apresentação, às barras da justiça dos restantes 54 implicados. O padre Roberto Herbert, que, na ocasião do crime, era pároco de Xapecó, deverá vir ao Brasil para participar do julgamento, isso em virtude de o promotor, durante a primeira parte do julgamento, haver frisado que era interessante terem os homens que tomaram parte na chacina se reunido num barracão, de propriedade da paróquia, que distava 150 metros da igreja e da cadeia, onde tramaram a chacina, sem que frei Roberto tivesse conhecimento do fato. Azevedo Trilha acrescentou não compreender como o padre não tomara ciência da chacina no mesmo dia, a despeito dos ruídos no barracão e dos tiros. Sòmente no dia imediato, após a missa, é que o padre soube da tragédia. As insinuações do promotor deram, claramente, a entender que o sacerdote era conivente no crime. O religioso foi recolhido a Roma, de onde, segundo consta, as autoridades eclesiásticas acompanham a marcha do julgamento.

Os irmãos Lima, como chegaram, sumiram de Pôrto União. A pequena cidade voltou ao seu ritmo normal e as obras interrompidas, para que um prédio em construção fôsse utilizado como tribunal, foram reiniciadas. As opiniões dividem-se, ficam no ar e, em virtude do sucedido, já há quem diga que os restantes 54 réus serão absolvidos... Dentro de alguns meses a resposta a essa pergunta será dada, quando da última fase dêsse julgamento.

★







Serafim Causs, Waldemar Rosabina e Jocundino Godinho, três dos jurados que participaram da condenação de Emílio Loss e da absolvição dos 20 réus. Vovós e brotinhos acompanharam o importante processo. As mocinhas, mais emotivas do que os senhores, choraram...



LIDO... VISTO...

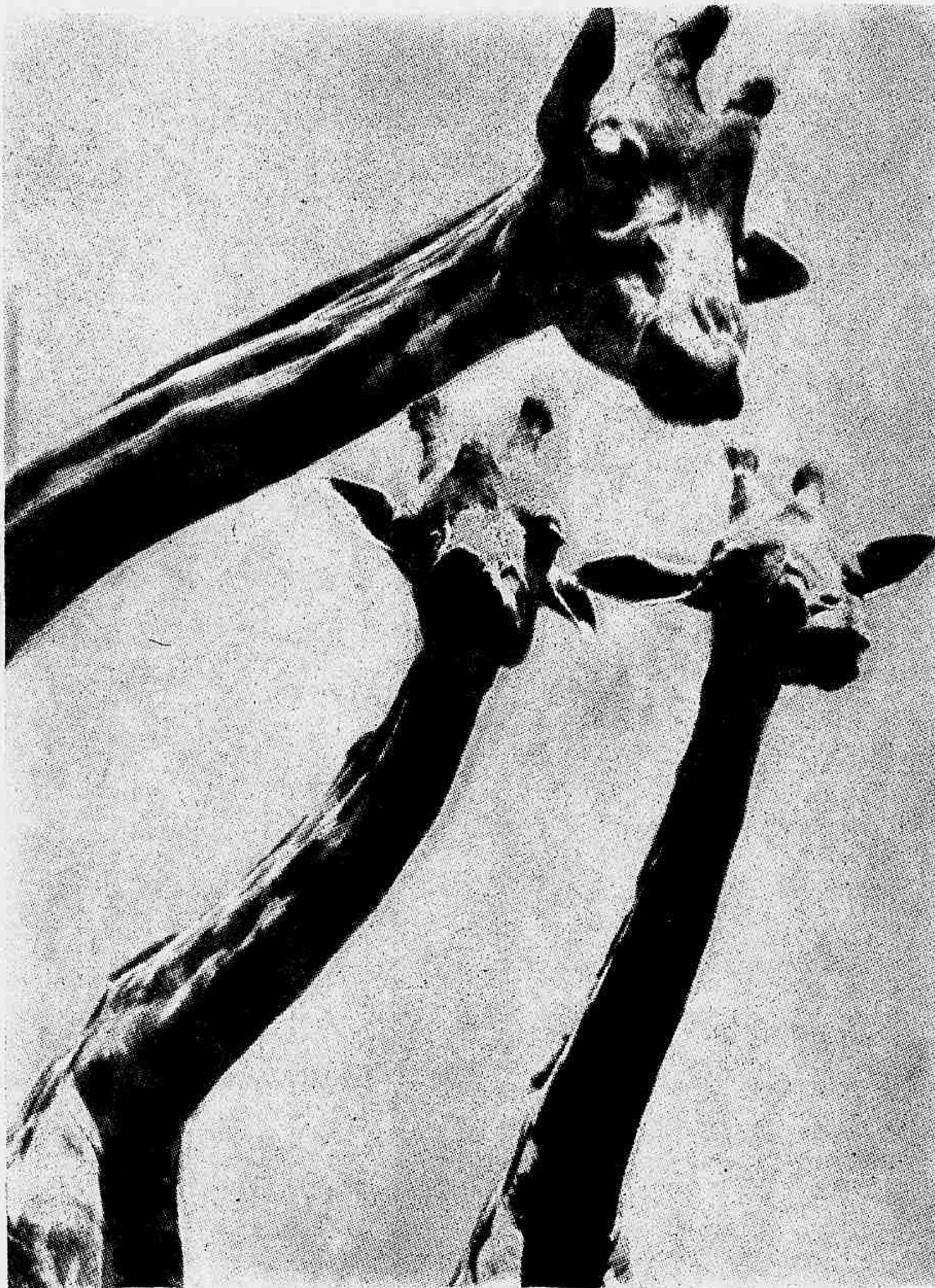
O PAPA E A EXISTENCIALISTA

ESTA história dos cabelos curtos, muito curtos com que as existencialistas parecem querer contestar ao amargo Schopenhauer aquela tirada injusta sôbre a mulher — «cabelos compridos, idéias curtas» — está dando água pela barba. Agora, recentemente, vários Monsenhores, dos mais chegados à Sua Santidade, o Papa, viram-se em palpos de aranha com um caso, provocado pela presença de uma linda senhora francesa que com um grupo de peregrinos estava para ser recebida pelo Sumo Pontífice.

Quando notaram os cabelos; de rigorosa moda existencialista, os altos funcionários pontifícios fizeram-na ciente, cortêsmente, que sua formosa cabecinha assim era «uma espécie de provocação, involuntàriamente, sem dúvida, mas por demais evidente».

A parisiense protestou, a princípio langorosa e glamorosa, mas depois furiosamente, escandalosamente, existencialistamente... Disse que por coisa alguma do mundo voltaria de Roma sem ter visto o Papa. Um capelão, depois um monsenhor e mais outro foram chamados para decidir o caso. E chegou-se a um acôrdo, uma transigência recíproca. Ela entraria, a bela parisiense, (même avec les cieux il y a de acommodements...) desde que assistisse à audiência na última fila, no meio da multidão dos peregrinos. Ela far-se-ia pequenina, pequenina para não ser notada.

Mas quando o Santo Padre entrou na sala de audiência, onde já se encontravam os fiéis, o monsenhor que havia aceito a acomodação, ficou gelado. Em vez de ficar na última fila, a endiabrada existencialista tinha se colocado na frente de todos, mesmo debaixo dos olhos do Pontífice. O monsenhor, confuso, murmurou algumas palavras de escusa aos ouvidos de Sua Santidade. Mas Pio XII, voltando-se para êle com um sorriso tranqüilo e indulgente, disse-lhe com voz suficientemente alta para ser ouvida pelos peregrinos e pela francesa, que dizem) era, com licença da palavra, de peregrina beleza: «Monsenhor! Desde quando a virtude da mulher se mede pelo comprimento de seus cabelos?»



RESPONDA ESTAS

111 Em que proporção aumenta anualmente a populaçãc da terra?

112 Qual o livro mais antigo que se conhece contendo ilustrações?

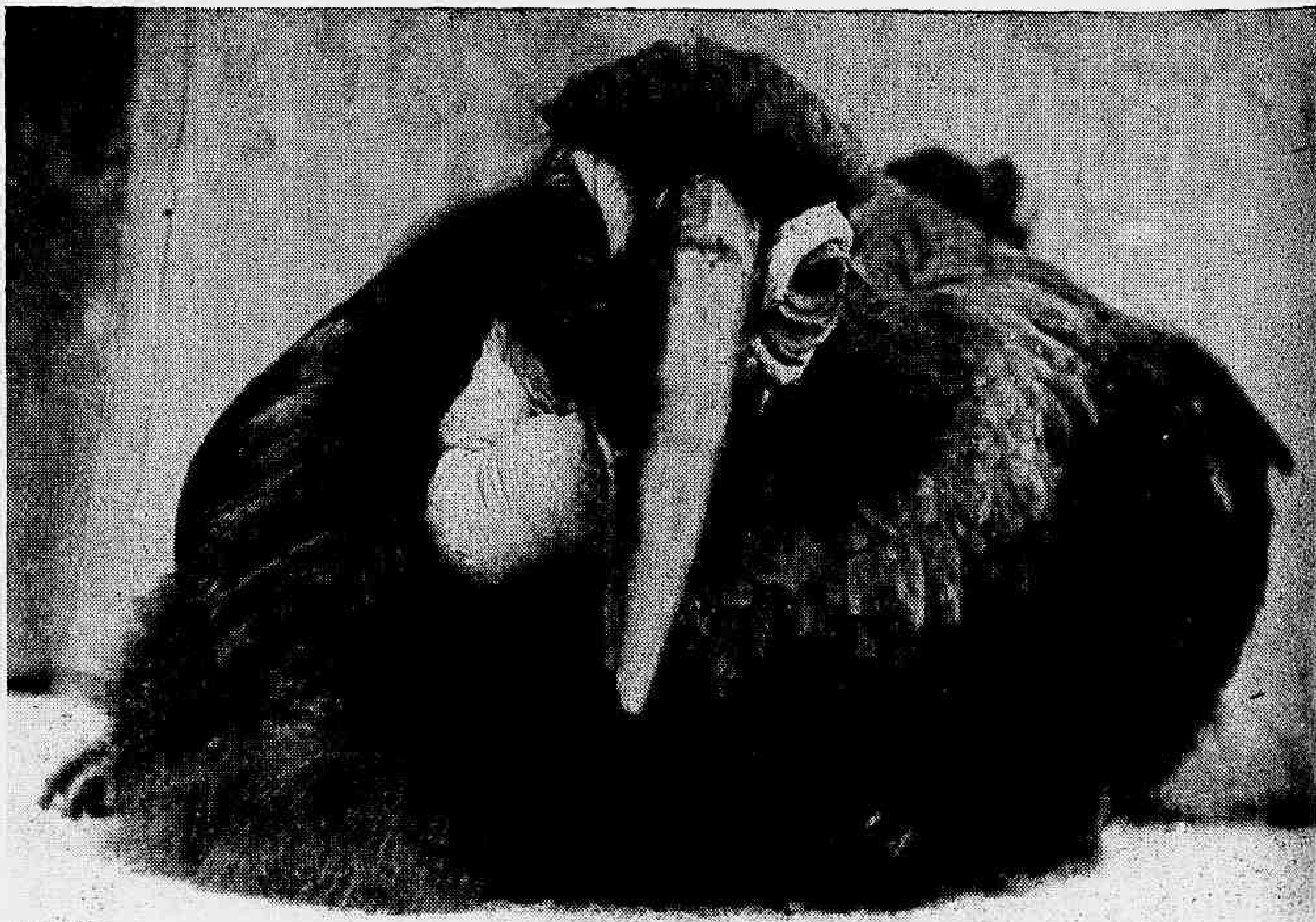
113 Que é quibebe?

114 Quando foi e quem ganhou a batalha de Campo Grande?

115 Que outras linguas, além do grego e do latim, eram faladas no tempo em que viveu Jesus Cristo?

RESPOSTAS ÀS ÚLTIMAS:

106. *O mel é uma substância doce que as abelhas preparam para sua própria alimentação e a dos filhos;* 107. *O coração fica levemente para o lado esquerdo, cêrca de um têrço para o lado direito e dois terços para o esquerdo, do centro do peito;* 108. *O único país da Europa que só tem uma lingua, sem nenhum dialeto é Portugal;* 109. *Marombas são grandes armações de madeira construidas em forma de girau, servindo para abrigar o gado durante as enchentes dos rios;* 110. *O almirante holandês Lucifer, em 1627 ancorou na foz do Oiapoque, em cuja margem esquerda construiu um forte, aí deixando uma colônia holandesa, governada por Jan van Ryen.*



OUVIDO...

ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

(JIM)

GIRAFA... E OUTROS BICHOS...

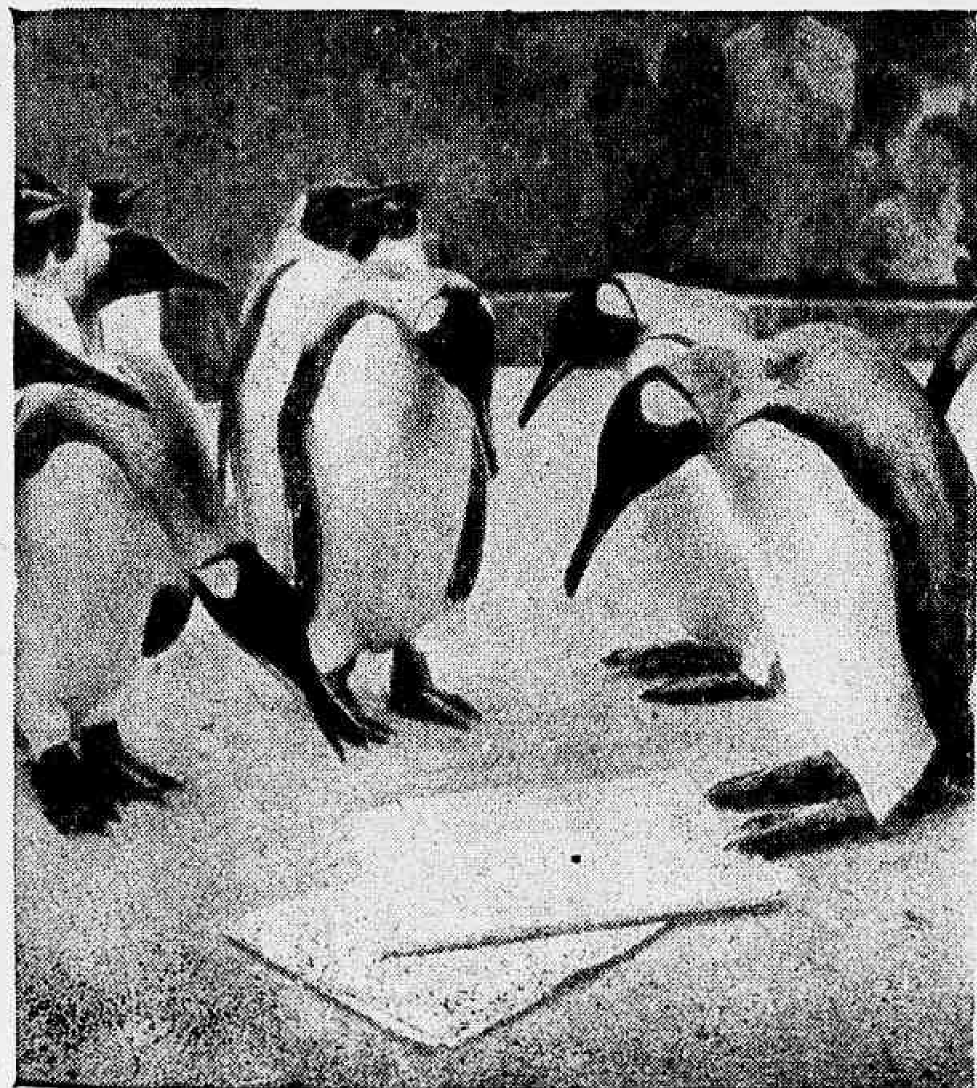
GIRAFA tornou-se na gíria carioca sinônimo de coisa inexistente, desde a famosa anedota em que o sujeito garantiu que um animal assim não existia.

— Isso é girafa é expressão corrente no Rio, quando se quer dizer algo sonhado, mas impossível.

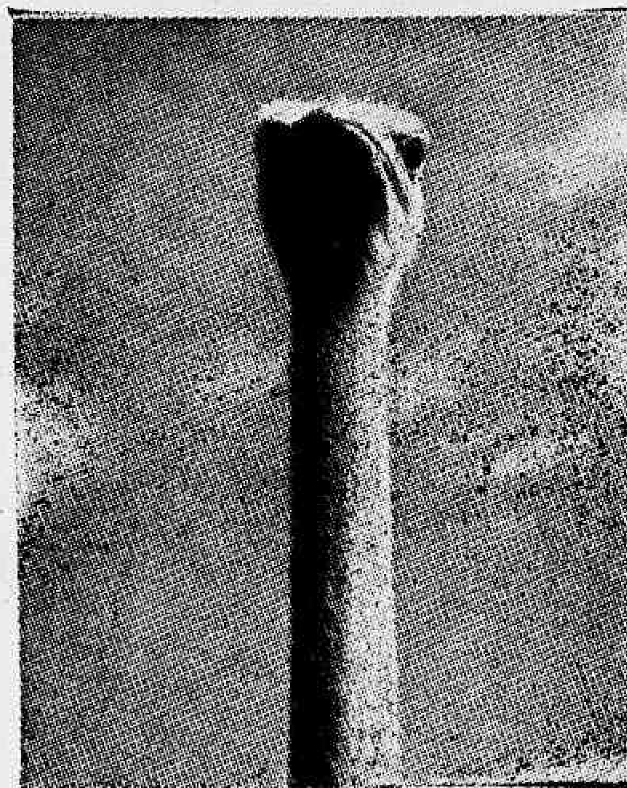
Pois a girafa existe e estas, fotografadas pela famosa YLLA, que não é girafa, pois existe, é uma genialíssima fotógrafa norte-americana, famosa nos Estados Unidos e na Europa pela maneira tôda sua com que fotografa animais. Nas fotografias de Ylla elas parecem mais vivas do que nas dos outros fotógrafos. O relêvo é tal, que se diria fotografia feita já na terceira dimensão. Êles, todos os animais fotografados por ela, parecem mais reais que os próprios bichos, quando os vemos nos Jardins Zoológicos, seja no do Bronx, ou Central Park, de Nova York, ou no da Quinta da Boa-Vista.

Por quê?

Antes de tudo note-se que Ylla tem a preocupação de tirar fotografias sem grades, correntes, muros, nada que lembre prisão. O bicho está sempre aparentemente sôlto e sempre apanhado em flagrante em posições naturais e inéditas. Essa mestra na fotografia, diz um crítico americano, tem teorias especiais sôbre os animais. Ela os estuda com a paciência com que Fabre estudou os insetos e as formigas e Maenterlink as abelhas e as flores. Ylla acredita que os animais estão sempre interessados nas criaturas humanas, exceto quando «contaminadas» pelo contato com os humanos. Êles sempre se recordam agradàvelmente de quem agradàvelmente os trata. Nunca se esquecem dos que lhes dão o que comer, sua máxima preocupação na vida, além das atrações do sexo. Nisso, aliás, parece não se distanciarem muito dos humanos, porque, como dizia Anatole France, «car cést avec l'amour et la fain qu on mêne le monde»... com o amor e a fome é que se conduz o mundo.











POUCAS E BOAS...

● SEX-APPEAL

Terão ficado muito desapontados os bonitões (no tempo de José de Alencar dir-se-ia: os Adônis), os Tarzan de nossos dias, orgulhosos da beleza de seus corpos e da terceira dimensão de seus bíceps (garantimos a pureza da expressão). E' que Corinne Calvet, aquela artista que andou há pouco empenhada na Batalha dos bustos com Sza Sza Gabor, desafiando a outra a mostrar em público os próprios seios para provar que os seus eram mais belos, declarou à imprensa francesa qual o segrêdo do encanto masculino para as mulheres. Não fêz a sedutora e entendida estrêla nenhuma alusão à beleza física masculina. Não. Para Corinne a atração dos homens está apenas nas entonações e inflexões que êles sabem dar quando falam.

— E' na laringe, meus senhores, disse ela, que reside o «sex-appeal» dos homens. O resto não é senão literatura.

Viram? Leram? Ouviram? O resto... é... psiu!...

● SERIEDADE

Aquêle novo-rico, que fêz fabulosa fortuna em incorporações, disse ao rapaz alinhado, mas prontíssimo, que lhe foi pedir a mão da filha:

— Está bem, a pequena quer, eu deixo. Mas, falemos francamente: eu darei à minha filha um dote de um milhão de cruzeiros. E o senhor, afinal, entra com quê?

— O sr. querendo eu posso dar um recibo.

● PRAZERES À PARTE...

Um diretor de um teatro canadense telegrafou a uma atriz inglêsa perguntando quanto queria para interpretar o papel principal de uma peça, a estrear na próxima estação. A artista respondeu, por via aérea, pedindo trezentas libras esterlinas por semana. O empresário imediatamente respondeu, num telegrama: «Aceito trezentos com prazer».

A inglêsa — ó que gente prática, meu Deus — leu o telegrama várias vêzes, meio desconfiada da rapidez da resposta. E passou um rádio ao empresário, para não ser embulhada, naturalmente:

«TREZENTOS PARA REPRESENTAR STOP O PRAZER E' À PARTE».

QUEM DISSE ISTO?

111 «O Acre é como outro mundo; pode ser muito bom mas quem vai não volta mais.»

112 «Não desprezeis as profecias.»

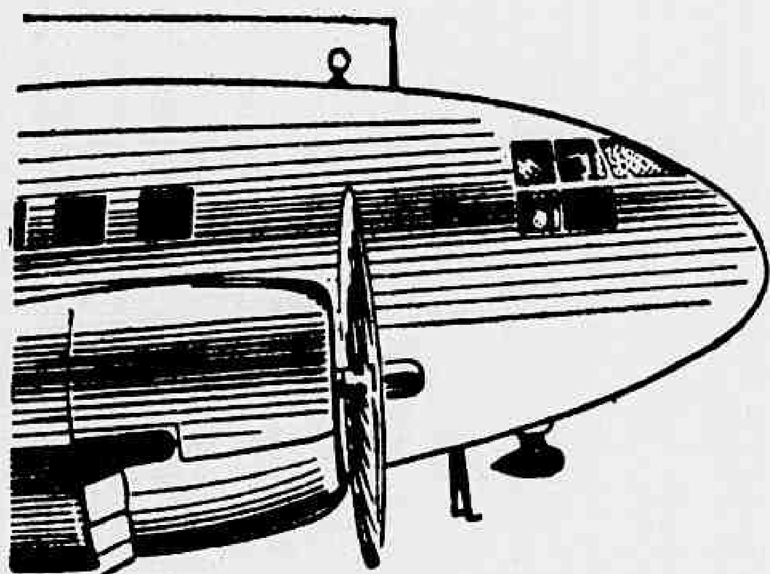
113 «Ah, não há mais crianças.»

114 «A liberdade só existe no país dos sonhos.»

115 «Parece que, nas vésperas do ano 2.000, governos e povos tremem de pavor. Sente-se o ranger de um edifício que se esboroa.»

RESPOSTAS AS ANTERIORES: 106. *Adágio latino que forçosamente deriva da sentença de Publio Siro: Inopi beneficium bis dat, qui dat celeriter;* 107. *Palavras do Eclesiastes (cap. IX, c. 4);* 108. *Pensamento de Alberto Torres;* 109. *Confúcio;* 110. *Victor Hugo.*

agora em sete horas de



ótima viagem

do Rio a

FORTALEZA

Cr$ 2.413,80

com apenas um pouso em Salvador para almôço.



Aumente o prazer de sua viagem a Fortaleza provando os deliciosos e tradicionais pratos regionais da Bahia, com a oportunidade que lhe oferece o Lóide Aéreo pousando em Salvador para lhe servir um almôço quente e no confôrto de um magnífico restaurante.

Os modernos aviões Curtiss - Comando do Lóide Aéreo, com capacidade para 50 passageiros, proporcionam maior confôrto e economia na sua viagem.

★ Magnífico tratamento a bordo.

★ Horários mais adequados aos seus interêsses.

★ Embarque e desembarque no Rio: Aeroporto de Santos Dumont.

LÓIDE AÉREO

Rua México, 11 -- Tel. 42-9967 - Gonçalves Dias, 17

CONTA-ME

teus Sonhos

MARIA PAULA

● DIX (Caxias do Sul — R. G. S.)

SONHO — Sonhei que me achava só no campo (numa coxilha, c se diz aqui no Rio Grande). O lugar que me parecia ser muito nhecido, era o de um rodeio, onde, em menino, muitas vêzes aju a reunir o gado. Havia nesse local uma sepultura, uma cova com seu mouchão de terra abaulada por cima. À cabeceira da mes uma cruz de pedra de aproximadamente 20 cms. de altura. Ao la direito da mesma, como completando o conjunto, uma estátua, tamb de pedra, de mais ou menos 1,50 de altura, representando um hom ainda moço, trajando um «culote» e tendo à cabeça um chapéu tipo dos usados pelos escoteiros. Êsse homem segurava na mão reita um lampião, do qual partiam raios de luz, de um tom ama lado, que se espalhavam numa circunferência de 20 a 30 cms homem mantinha o lampião um pouco erguido, de forma a abrigar luz os olhos, protegidos pela aba do chapéu, enquanto procurava visar ao longe alguma coisa. À direita do homem, um cãozinho, apoi nas patas traseiras, descansava as duas dianteiras na altura da c da estátua. Depois de ter examinado com atenção a cova, a cruz grupo acima descrito, eu procurei ver se havia alguma legenda q identificasse o dono da sepultura Encontrei então, na travessa cruz, esta inscrição: MAX — 1 680. E aqui, então, vem o detalhe m importante dêste estranho sonho: exatamente na hora em que ve cava a inscrição acima, FUI ACORDADO por uns puxões no meu len que, ao roçar no meu pé, me fêz cócegas.

INTERPRETAÇÃO — Sua carta termina com esta curiosa pergu Terá êste sonho algum significado especial, ou não passará, co tantos outros, de dramatizações de lembranças acumuladas no p do subconsciente? Só essa pergunta me dá ensejo de ver que o Dix não acredita que haja tão sòmente reminiscências do passado em sonho, mas, também, alguma coisa mais, que foge a interpretaç puramente científicas. Por fixação de memórias, você viu o qu descrito (coxilha, etc) seu conhecido de infância, como cenário fatos remotos que me deixam bastante inclinada a reconhecer q você teve, em sonho, um lampejo de uma de suas passadas encar ções, em tempos imemoriais. Você se viu em forma de **estátua**, o q prova cabalmente a recordação **sem reconhecimento** do seu Eu, isto sem uma prova positiva de que **seja você mesmo o Max — 1.1680**. S responsabilidade espiritual e moral é bem grande e deve proc estudar e fazer **luz** em sua alma, para poder levantar bem alto s **candeia** e espalhar o bem a seu redor. Como o cão é considerado melhor amigo do homem, é bem possível haja alguma ligação en seu sonho e algum cãozinho de estimação, ou a transferência de propalada amizade do cão a alguma amizade tão sincera que s capaz de continuar até à tumba. Quanto à sensação de cócegas p vocada pelo roçar do lençol, que você acredita ter sido puxado, pe que deve ter havido algum reflexo locomotor dos nervos sensóri fato muito comum quando dormimos. Metafìsicamente, poderia d outra interpretação que foge um pouco à diretriz seguida nesta seçã No entanto, se você se der ao trabalho de reler as respostas dad a alguns consulentes, verificará que minha opinião é bastante amp sôbre o assunto que não me apego a esta ou aquela. Escolha, po **tudo é possível àquele que crê.** Mande-me outros sonhos que pode estudar melhor suas faculdades psíquicas-mediúnicas e experiment mesmo à distância, o grau de sua memória retrospectiva.

● NI (Rio)

SONHO — Eu fôra incumbido de enterrar um cunhado que havia falecido. Ao colocar o corpo no caixão, percebi que êle se mexia. Fui levá-lo ao Campo Santo, mas não conseguia enterrá-lo, porque a sepultura não tinha profundidade: por mais que eu empurrasse o corpo, êle voltava à flor da terra. Saí, então, e me encontrei com minha irmã que chorava; consolei-a e, por minha vez, debrucei-me sôbre uma mesa e chorei também.

INTERPRETAÇÃO — E' fora de dúvida que todos nós temos um cadáver a enterrar e que êsse entêrro nos é impôsto pelo inconsciente, com o fim de se livrar dos importunos atos impensados, por nós praticados diàriamente. E, fato curioso, êsses **cadáveres** muito nos custa sufocá-los, pois sempre se acham presentes, mostrando que estão bem vivos em nossa mente. Para sepultá-los, em gamos todos os meios ao noss alcance e não raro **choramos**. Êste preâmbulo tem como nalidade mostrar ao sr. Ni q deve haver **algo** muito importa e bastante arraigado dentro sua alma e de que procura d sembaraçar-se. Não obstante esforços que faz para esquec o seu **grande caso** está latente sobe à mente a cada momen e o incomoda tanto que seu c ração sangra de dor (lágrimas Se deseja, realmente, deixar ês **algo** passar para o segundo pl e, por fim, eliminá-los de sua co ciência, deve examinar bem a s alma, fortalecer a sua vontade procurar sentir se está basta convicto e decidido a esquecer que tanto o importuna. Só depo de uma análise acurada, ou, c tes, de um exame de consciên é que poderá cristalizar sua pr cupação e viver tranqüila e s segadamente.



A ÚLTIMA PRESTAÇÃO

Conto de **ANNE HOMER WARNER**

DEPOIS do jantar foram para a sala de estar e conversaram sôbre o Banner. Tom mostrou a Norman vários exemplares do jornal e uma lista de importantes anunciantes e perguntou:

— Que tal Ralph Banner? Você gostou dêle?

— Muito. — Foi a resposta de Norman.

— Ralph é um grande homem. Tem imaginação e entende do negócio. Já iniciamos umas novas seções que serão um sucesso.

— Suponho que êle tenha bastante experiência e prática do assunto. — Falou Norman, com um sorriso benevolente.

— Bem, não digo tanto, mas êle já trabalhou numa revista em Londres, mas como não gostava de lá... Agora êle tem uma fazenda aqui perto e...

Norman replicou, perturbado e incrédulo:

— Você já calculou a circulação máxima em potencial?

— Mais ou menos... ainda é limitada, mas esperamos poder expandir em breve e aumentar também a seção de propaganda (e colocando sôbre a mesa o exemplar do Banner). Parece em verdade um pouco arriscado para um jornal pequeno, é uma cartada mas... às vêzes, ocasionalmente...

Tom olhou para as listas em suas mãos e Ellen, que o observava, sentiu claramente que a dúvida começava a se avolumar no espírito do marido, a hesitação, o temor do fracasso... e falou com firmeza:

— Tom sempre quis ser sócio num jornal, Norman. Era o seu sonho.

— Eu compreendo. — Falou Norman com um sorriso condescendente para ambos, mas naquele instante o sonho lhes pareceu um planozinho sem importância.. A atmosfera do ambiente tornou-se pesada e incômoda e Ellen não se admirou quando viu Tom reunir indiferente os papéis que há pouco mostrava com tanto orgulho e os guardou numa gaveta qualquer, e falou vagarosamente:

— E', nós fomos um pouco impulsivos talvez, mas tentamos ponderar as vantagens, Norman.

— Acredito, acredito. — Falou Norman com benevolência e mudando de assunto começou a falar com certa animação sôbre o novo e importante caso de que estava cuidando agora.

Êle não estava tentando gabar-se, mas apenas comentando os ângulos mais interessantes da questão e os personagens e os precedentes e que a questão estava nas primeiras páginas de todos os jornais.

Tom ouvia com interêsse e fazia perguntas. Êle estava impressionado, estava orgulhoso do irmão. Finalmente, Norman recolheu-se ao quarto de dormir com a pasta debaixo do braço. Quando a porta do quarto de hóspedes foi fechada, Tom atravessou a sala e chutou um pedaço de lenha na lareira, depois voltou-se e deixou-se cair desanimado sôbre o sofá. E quando êle começou a falar, Ellen, que o observava, apenas o ouviu, calada. E êle falou sôbre o jornal, os anúncios e tudo o que já havia dito antes, mas ela notou que a perspectiva tôda mudara. E ela não resistiu e falou:

— Mas Tom, quando você e Ralph iniciaram o negócio há meses atrás vocês sabiam que ia ser um pouco difícil e vagaroso no comêço. Como todos os negócios...

— É, mas eu não pensei que seria tão lento e tão difícil. (respondeu Tom tristemente). E, vamos dormir.

— Ainda não, Tom. Não até que...

— Até o quê?

— Até que nos sintamos como antes. Você não compreende, meu bem. E' Norman quem tem influência desanimadora sôbre você. Êle estragou seus planos, como sempre.

— Norman?!

— Sim, êle mesmo (apressou-se Ellen). E' sempre a mesma coisa. Êle desanima você e o enche de dúvidas e temores. Não sei por que, mas tenho a impressão de que êle não quer que você vá para a frente.

— Ellen! Você sabe o que está dizendo? — O tom da voz dêle era ameaçador, mas ela não voltaria atrás e já não se importava.

— Sim, sei o que estou dizendo. E' o que penso há muito tempo. Talvez êle não tenha má intenção, mas êle é convencido e autoritário e você tem alimentado isto a vida tôda.

— Então é assim que você pensa!

— Não posso evitá-lo, Tom, não posso mais agüentar. Vou ter um bebê, Tom, e quero sentir-me segura e protegida. E quando penso na maneira como que Norman o desanima e o domina...

— Chega, Ellen! (Falou Tom em voz amarga). Sinto muito que você não goste do meu irmão, mas eu devo muito a êle. (e em voz mais branda). Fico contente com a vinda do bebê...

(Cont. na pág. 48)

Tradução de **SILVIA JAMBERO**

Ilustração de **RAMON**

MEMÓRIAS DO

Principe YUSSUPOFF

O célebre príncipe russo que matou o monge Rasputin

CAPITULO IV

RASPUTIN — Foi aí pelos fins de 1909, que eu encontrei, pela primeira vez, Rasputin.

A casa dos G... estava situada no canal d'Hiver. Quando entrei no salão, mãe e filha estavam sentadas à mesa do chá, com a expressão solene de pessoas que estão à espera da chegada de um santo milagroso, que deve fazer descer sôbre a casa a bênção divina. Em dado momento a porta se abre e entra Rasputin, a pequenos passos. Veio até mim e me saudou: «Bom-dia, meu caro!», ao mesmo tempo em que fazia menção de abraçar-me. Instintivamente recuei. Esboçou malicioso sorriso, e, aproximando-se de Mlle. G... e depois de sua mãe, abraça-as com fôrça sôbre o seu coração, sem a menor cerimônia, tendo no rosto um ar de carícia e proteção. Desde então, qualquer coisa dêle me aborrecia, me repugnava mesmo. Rasputin era de média estatura, musculoso, um pouco magro. Seus braços eram de comprimento desmesurado. Ao pé dos cabelos da testa, percebia-se grande cicatriz, que eu soube, mais tarde, ser o vestígio de ferimento recebido quando de uma de suas brigas na Sibéria. Pareceu-me ter uns quarenta anos. Trajando um cafetan, largas calças e usando grandes botas, tinha o aspecto de um simples camponês. Seu rosto enquadrado, em barba hirsuta, era vulgar. Seus traços grosseiros, seu longo nariz e os pequeninos olhos cinzentos transparentes, de olhar fugidio, mergulhavam sob pestanas espêssas.

Não tardou que viesse sentar-se ao meu lado, fixando-me com olhar perscrutador. Uma palestra se inicia entre nós; êle fala com volubilidade e com inflexões de pregador divinamente inspirado, citando a torto e a direito textos dos Evangelhos, cujo sentido êle deturpava muitas vêzes modificando-lhes o senso, o que produzia certas confusões em seu discurso.

Enquanto êle fala eu lhe ia estudando os traços com atenção. Havia, realmente, qualquer coisa de extraordinário nessa figura de homem. Não possuía de forma alguma traços de santa criatura, mas, ao contrário, a de um sátiro malicioso e lascivo. Eu me sentia chocado com a horrível expressão de seus olhos muito miúdos, muito próximos um do outro, de tal maneira escondidos nas órbitas, que, à distância, não nos poderíamos ver. Seria difícil, mesmo de mais perto, saber se estavam abertos ou fechados. Quando fitava uma pessoa, tinha-se a impressão de que se estava trespassado por agulhas e não observado por êle. Seu olhar era penetrante e pesado a um só tempo. Seu dulçoroso sorriso chocava quase tanto como o seu terrível olhar.

Ao cabo de um instante, ergue-se Rasputin e, lançando sôbre nós um olhar de hipócrita doçura, diz-me apontando Mlle. G...: «Que amiga fiel tens nela! Tu devias ouvi-la, ela será tua espôsa espiritual. Sim, ela me tem falado muito a teu respeito, e eu vejo, por mim mesmo agora, que ambos são boas pessoas, e que ambos se completam e se convêm mùtuamente. Quanto a ti, meu caro, irás longe, muito longe...»

Eu revi Mlle. G... alguns dias depois. Disse-me que eu impressionara muito bem a Rasputin, e que êle desejava ver-me novamente.

Pouco tempo depois eu parti para a Inglaterra, onde uma vida nova me esperava.

O grão-duque Mikhailovitch veio, um dia de 1913, ver minha mãe para lhe falar sôbre o projeto de união entre sua filha Irina e eu. Êste propósito vinha de encontro aos meus desejos secretos. A selvagem adolescente, que eu conhecera no decurso de um passeio à Criméia, se havia transformado numa jovem de deslumbrante beleza. Sua reserva aumentava o seu encanto. Finalmente ficou decidido que nosso casamento seria realizado a 22 de fevereiro de 1914, em casa da imperatriz herdeira, na capela do palácio Anichkoff.

O vestido de noiva de Irina era magnífico, de cetim branco bordado a prata, com longa cauda. Um diadema de cristal de rocha e diamantes prendiam o véu de rendas que vinham de Maria Antonieta.

Todos os membros da dinastia que se casavam e cujo consorte não era de sangue real, deviam assinar uma renúncia ao trono. Por mais afastado que fôsse Irina, teve ela que obedecer a esta regra, antes de desposar-me, o que ela fêz sem dar demonstração de ligar importância.

No dia do enlace, uma carruagem com quatro cavalos brancos foi buscar minha noiva e seus pais, a fim de os conduzir ao palácio Anichkoff. Minha chegada falha completamente à solenidade do ambiente. O velho elevador, que levava ao andar em que estava a capela, enguiça na subida e se viu a família imperial e o próprio imperador, esforçando-se por libertar o noivo em pane.

A noiva entrou pelo braço do imperador, que a conduziu até mim. Logo que êle chegou ao seu lugar, o ofício começou.

Conforme um ritual em uso entre os russos, um dos padres estendeu diante de nós o tapête de sêda rósea, sôbre o qual os nubentes deviam marchar no decurso da cerimônia. Dizia a tradição que, aquêle que primeiro pisasse o tapête, seria o que exerceria o domínio do lar. Irina esperava que seria ela; mas, tendo enganchado o pé na sua longa cauda, deu-me chance para adiantar-me e pisar primeiramente.

Quisemos passar a semana santa em Jerusalém. Da estação até à catedral ortodoxa, mais de 5.000 peregrinos russos aclamavam a sobrinha do seu imperador e cantavam canções.

Na Sexta-Feira da Paixão as autoridades civis apõem selos sôbre a porta do Santuário que se acha ao centro da basílica e onde, segundo a crença dos fiéis, o fogo divino descia na manhã do Sábado da Aleluia para acender os trinta e três círios das mãos dos patriarcas. Para que os fiéis pudessem certificar-se de que os patriarcas gregos e armênios não tinham com êles, nem fósforos, nem isqueiros, e que nenhuma trapaça é possível, êstes altos dignitários e eclesiásticos são examinados por soldados muçulmanos, antes de entrarem em procissão na igreja onde os peregrinos os esperam, tendo cada um um feixe de trinta e três pequenas velas à mão.

Os patriarcas se aproximam do Santo Sepulcro, do qual abrem a porta quebrando os selos, e penetram no santuário. Um segundo depois de acesos os círios, aparecem às duas pequenas janelas que se abrem de cada lado da capela. Então a multidão de fiéis se precipita para acender suas próprias velas com o fogo miraculoso. No meio de todo o tumulto, os padres arrastam, a correr, os seus patriarcas para a saída, a fim de os livrar do fanático entusiasmo da turba.

Tôda essa gente procede como verdadeiros loucos, rasgando as vestes, queimando suas carnes à chama dos círios, a ponto de o odor forte de carne humana tostada se tornar insuportável. Tive a impressão de assistir a cenas de histeria coletiva. Tudo isto me manteve muito longe do túmulo de Cristo.

Depois, seguimos para Londres, e foi em meio

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



ao mundanismo que viemos a saber da novidade do assassínio do arquiduque Francisco-Fernando da Áustria.

DETIDOS EM BERLIM

Chegamos a Kissingen ao correr de julho. A atmosfera que reinava na Alemanha nos pareceu por demais desagradável. Cada qual se deitava com a leitura de reportagens extravagantes publicadas pelos jornais a respeito de Rasputin, e que tendia a lançar o descrédito sôbre os nossos soberanos.

Meu pai estava irredutìvelmente otimista, mas as notícias se tornavam, dia a dia, mais alarmantes. Pouco tempo depois que chegamos, recebemos um telegrama da grã-duquesa Anastácia Nicolaievna, mulher do nosso futuro generalíssimo, no qual nos concitava a regressar o mais breve possível, se não quiséssemos ficar bloqueados na Alemanha. A 30 de julho, a Rússia respondia ao ataque da Sérvia pelo exército austro-húngaro, decretando a mobilização geral. O decreto foi oficialmente divulgado no dia seguinte, pela madrugada. Tôda Kissingen estava em efervescência. Os manifestantes percorriam a cidade aos brados e proferindo invectivas contra os russos. A polícia interveio para restabelecer a ordem. Era preciso partirmos imediatamente. Minha mãe, doente, teve que ser transportada numa padiola até à estação, onde tomamos um trem para Berlim.

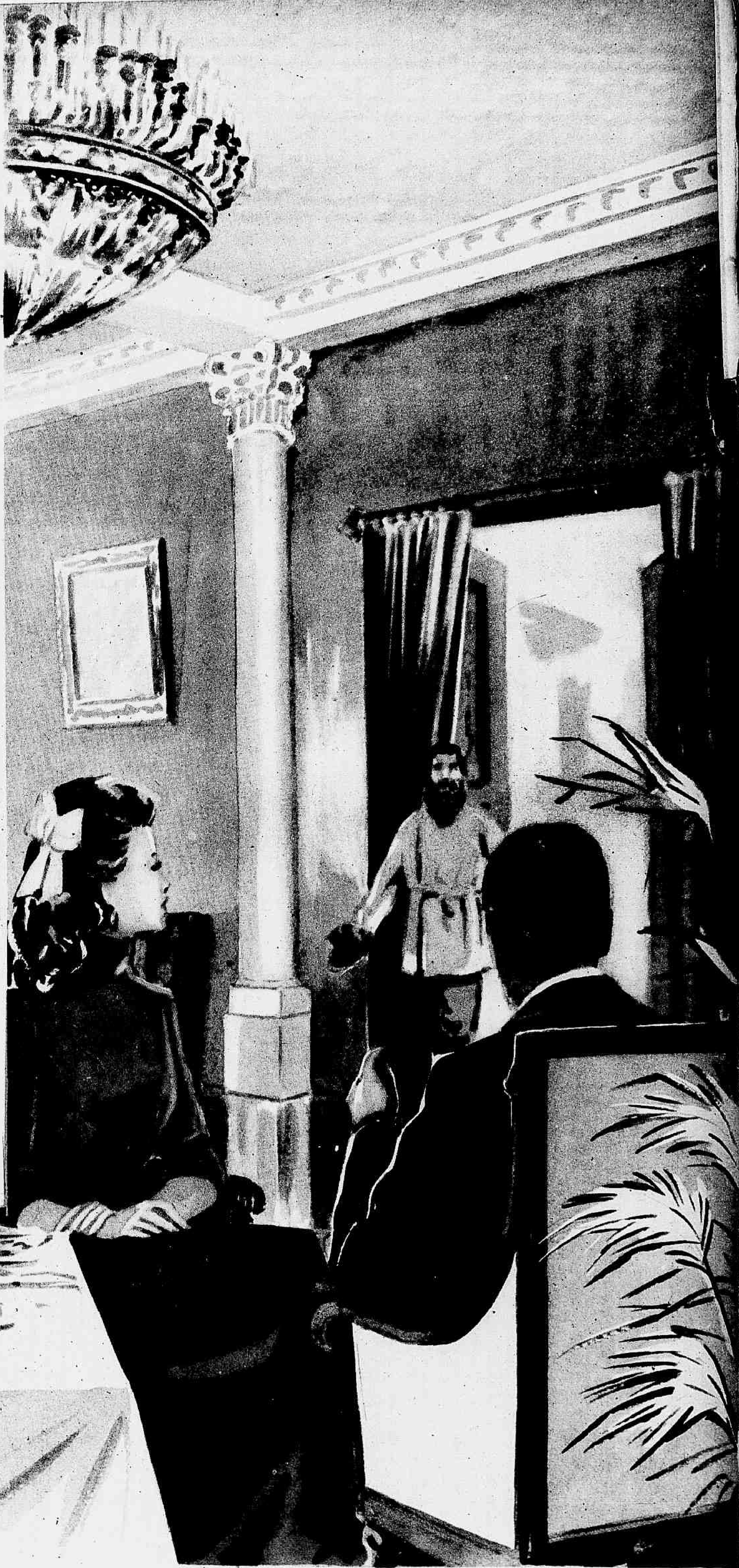
A capital alemã estava em pleno caos. No hotel Continental, onde descemos, reinava, igualmente, a maior desordem. No dia seguinte, pela manhã, fomos despertados pela polícia, que viera deter-me, assim como ao nosso médico, o secretário de meu pai e todo o pessoal masculino. Meu pai telefona incontinenti à embaixada da Rússia, de onde lhe respondem que todo o mundo estava ali muito ocupado e que ninguém podia ausentar-se para ir ver-nos.

SEU CATIVEIRO SERA SUAVE

Durante êsse tempo os detidos estavam encerrados num quarto do hotel, onde só deviam caber umas quinze pessoas, enquanto éramos cêrca de cinqüenta. Ficamos lá de pé, sem poder fazer qualquer movimento durante horas. Finalmente nos levam perante o comissariado. Depois de verificarem os nossos papéis e de nos terem tratado como «sujos porcos russos», preveniram-nos de que, qualquer um de nós que não deixasse Berlim antes das dezoito horas, seria encarcerado. Já eram dezessete horas quando eu pude chegar ao hotel e tranqüilizar minha família, que já pensava jamais tornar a ver-me. Tornava-se urgente tomar-se uma resolução. Irina telefona à sua prima, a «kronprinzessin» Cecília, que se prontifica a intervir, imediatamente, junto ao kaiser e nos dar uma resposta sem demora. Por sua parte, meu pai fôra aconselhar-se com o nosso embaixador Sverbeeff, que lhe disse: «Ai de mim! Minha missão aqui está terminada, e não vejo meio nenhum de fazer alguma coisa por você; mas venha ver-me esta noite».

Como o tempo urgia e podíamos ser presos de um momento para outro, meu pai se dirigiu ao embaixador da Espanha, a quem tinham sido confiados os interêsses russos na Alemanha.

(Cont. na pág. 52)





A moda dos CABELOS CURTOS *obrigatórios*



NAS elegantes casas de chá; nas recepções aristocráticas, e até mesmo entre pessoas de classes mais baixas, a gente nota que o mundo feminino é todo êle adepto dos cabelos curtos. Um cronista parisiense já o consagrou: «Senhoras, já morreu a época dos seus cabelos compridos; mas não está morto o luxo que deve emoldurar os seus cabelos curtos e bem cuidados». E o técnico em beleza de «coiffures», vai dizendo como pode uma mulher «chic» aproveitar a cabeleira curta: «Cinco a seis centímetros na testa, suspendendo-se nas frontes de dois a cinco centímetros, três a quatro sôbre a nuca, tudo em «panache», modêlo de uma nova linha de penteado que relembra um pouco aquela forma de 1925, quando as mulheres começaram a deitar abaixo as tranças e os cocós românticos. Deram o nome de «panache» aos cabelos penteados para trás, erguidos sôbre a nuca em altura e arrumados à frente em vólutas ou «ondas», de acôrdo com a feição de cada uma. Sôbre tais cabeleiras e penteados um reflexo metálico, desde que as nuanças em voga são, segundo os «experts» de Paris, «flamboyant», «fauve» e «pain brulé». E' conveniente conservar assim mesmo em francês, para dar maior «finesse» às designações. Não teria graça alguma se dissêssemos, por exemplo, cabelos côr de «pão queimado». Expressão vulgar e mesmo um tanto difícil de adivinhar-se, sabendo-se que o pão anda raro em seu estado natural para deglutição, quanto mais queimado. Um leigo em matéria de penteados para senhoras, pode julgar que os penteados aqui expostos são iguais; mas para um cabeleireiro para cabeças femininas, cada modêlo aqui mostrado é diferente entre si. Seja como fôr, estamos numa época de grandes modificações e, a começar pela cabeleira das senhoras e senhoritas, o panorama é o mais multiforme, e os penteados em cabeleiras curtas acabaram com aquela antiga perfídia do velho e pessimista Schopenhauer: «A mulher é um animal de cabelos compridos e idéias curtas». Se as Evas do mundo inteiro houvessem usado desde o Paraíso, cabelos como os desta página, o filósofo não teria imaginado aquela frase injusta.



Êles, os pracinhas brasileiros, morreram pela paz universal e pela fraternidade entre todos os povos do mundo. Crianças italianas procuram ler os seus nomes e, com grande carinho, depõem sôbre seus jazigos um buquê de flores, símbolo de sua eterna gratidão aos heróis...

AOS HERÓIS DE PISTÓIA

Quatrocentas cruzes brancas cobrem o chão de Pistóia. São de quatrocentos brasileiros. São dos pracinhas que tombaram para que o mundo não sucumbisse na voragem da tirania. Quatrocentas vidas em flor foram imoladas no duro holocausto da morte. Ali naquelas cruzes está petrificada para sempre a mocidade alvissareira daqueles jovens patrícios. Hoje, sôbre seus jazigos, drapeja a bandeira branca da eterna paz, enquanto à noite, parece que se ajoelham para a prece da gratidão às pálidas visões de nossa saudade!

Corações de mães, de espôsas, de noivas e de irmãs estão ali entrelaçados numa grande corbelha. Tristes como as fôlhas tristes do cipreste pendem as grinaldas da pátria distante. E tôdas as tardes ao lusco-fusco do poente tangem as múrmuras aragens as harpas misteriosas repetindo baixinho na solidão um piedoso «requiem»...





Quatrocentas cruzes brancas perfilam-se no cemitério de Pistóia. São de quatrocentos heróis

Ah! descobri-vos ao entrardes naquela mansão onde adormeceram os heróis que ajudaram a hastear o auriverde pendão no tôpo sangrento do Monte Castelo! Lembrai-vos dêles, ó gerações do futuro e da lição sublime de estoicismo que nos deram, aprendamos a amar a todos os nossos semelhantes. Foi por isto que êles morreram. Para que o amor universal voltasse a unir a grande família humana convulsionada pelo turbilhão das paixões

Feliz da pátria que sabe cultuar a memória de seus heróis. Aspecto da homenagem prestada pelo Brasil aos seus quatrocentos mortos.

AOS HERÓIS DE PISTÓIA



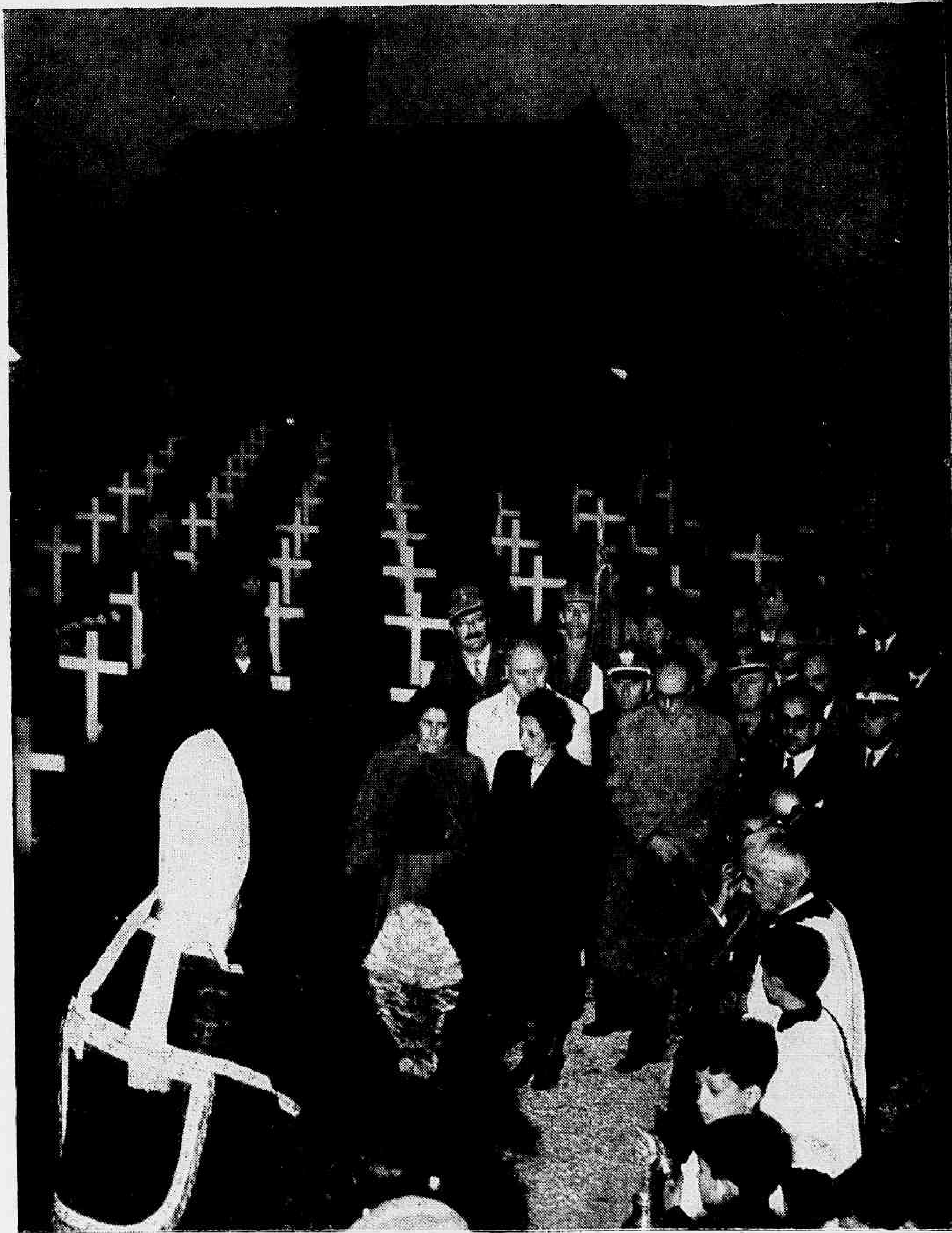
brasileiros que tombaram pela vitória da paz, da justiça e da moral entre os homens.



Uma grande «corbeille» de flores simboliza o amor da pátria reconhecida aos seus bravos «pracinhas». E' a gratidão de um povo aos heróis de sua liberdade que não sucumbe.

Feliz da pátria que sabe cultuar a memória de seus heróis. Nesse culto dos mortos imortais, surgem os moços de verde-oliva da gloriosa Fôrça Expedicionária Brasileira. Surgem transfigurados pelo diadema fúlgido da veneração. O Brasil jamais se esquecerá dessas quatrocentas cruzes brancas de Pistóia. São quatrocentos corações de brasileiros que morreram pela liberdade, pela justiça e pela paz.

Glória, pois, aos heróis de Pistóia!



Corações de mães, de espôsas, de noivas e de irmãs velam, no cemitério de Pistóia, os seus mortos queridos. E a prece cristã feita pelo Cardeal Spinelli, lhes dá resignação.

O CANGURU COLIDIU COM A MOTOCICLETA

NA Austrália, num despretensioso hotel, Rudolph O'Moocwaacky estudava sôbre a mesa a carta da região norte do país, coberta de densas florestas inexploradas. Sua motocicleta aguardava-o na garagem. Decidira às pressas essa viagem porque a noiva o exigira. E êle estava noivo há três semanas apenas. Sentia-se o mais feliz dos homens. Um nome enchia-lhe o coração e povoava-lhe de sonhos a alma em alvorôço: Virgínia, Virgínia, Virgínia. Era Virgínia Meyerbye, que êle havia conhecido nos escritórios onde ambos trabalhavam. Ela era secretária. Ativa, inteligente, bonita, bastante jovem. Todos os seus ideais de homem ali concretizados. Tinha decisão, fôrça-de-vontade. Por isso não resistira à sua decisão de irem juntos, de motocicleta, por aquelas regiões inexploradas, numa viagem que êle sabia avaliar quanto arriscada era. Iriam em férias; Virgínia era daquela região e decididamente lhe viera dizer no apartamento: Você escolha, ou vamos juntos, já e já, ou não nos casaremos.

Rudolph fêz a escolha, dando-lhe um beijo longo, apaixonado. E lá saíram em busca das regiões, onde nasce o rio Alberto, objetivo da viagem. Tudo ia bem, mas ao fim do décimo primeiro dia de viagem trepidante aconteceu o mais estranho acidente. Com as mãos crispadas no guidão da motocicleta, para mantê-la sòlidamente sob os comandos, com seu casquete e os óculos de vidro para resistir à poeira, ao sol e ao vento, Rudolph rompia a floresta aos solavancos, esforçando-se por mantê-la na estreita pista aberta à guisa de estrada. Bruscamente, saltando de uma altura, de uma saliência à esquerda da estrada, algo de enorme, que lhe parecera como um bólido, mas um estranho bólido animal, com patas e pele eriçada, dando estranho urro e debatendo-se, enquanto a motocicleta adernava para um dos lados. O choque foi violento. Rudolph tentou salvar a situação. Virgínia, por instinto, agarrou-se aos ombros do noivo. Parecia que uma montanha se abatia sôbre êles e era apenas um canguru, como existem em plena liberdade naquelas regiões da Austrália. Surpreendido com o ruído da moto, o animal, julgando-se atacado, se atirara sôbre êles.



AMÔRES SECRETOS DA filha de Stalin

REVELAÇÕES DE UMA REVISTA AMERICANA ★ SVETLANA, A FILHA DO DITADOR VERMELHO, AMOU UM JOVEM SEM LICENÇA DO PAI ★ "NUNCA MAIS O VERÁS", FOI A SENTENÇA ★ FORÇADA A FICAR NOIVA DE UM FILHO DE KAGANOVITCH

AQUI NASCEU STALIN — Nesta modesta casa de madeira, em Baku, na Geórgia, nasceu, há mais de setenta anos, aquêle que, depois da morte de Lenine, tomaria conta da outrora Santa Rússia, hoje paraíso comunista.

EM recente revista americana, Vassily Stepanov conta como Stalin governa a Rússia com mão de ferro e como emprega a mesma tática em relação à sua própria filha!

Muitas histórias tétricas têm atravessado a «cortina de ferro» da Rússia desde a Revolução Comunista, porém talvez a mais trágica seja a que conta como Stalin sacrificou a felicidade de sua própria filha a fim de satisfazer sua ambição de poder.

Pela única razão de estar sua filha alimentando um romance clandestino, sem a aprovação do pai, o ditador Vermelho condenou o infeliz bem-amado à morte-viva num campo de concentração e obrigou a filha a se casar com um homem a quem não amava.

«Nunca mais o verás», foram as bruscas palavras de Stalin para a filha. «Êle é um inimigo do povo».

A primeira declaração foi verdadeira, a segunda falsa.

A despeito dos esforços do Kremlin para impedir que a vida privada de seu senhor chegasse ao conhecimento do povo russo — e particularmente ao mundo ocidental — as informações escaparam por várias fontes. Por exemplo, sabe-se que Stalin casou-se três vêzes. Da primeira mulher divorciou-se brutalmente, enviando-lhe apenas uma carta.

À segunda, contudo, aparentemente amou, no seu modo frio e implacável. Chamava-se Nadesha Alleuyevna. Stalin encontrou-a em 1919, quando Nadesha tinha sòmente dezessete anos. Era realmente bela — alta, de cabelos escuros, vital — e correspondia ao amor do líder revolucionário, que tinha mais vinte anos que ela.

Stalin já era um dos líderes comunistas, um do trio principal que incluía Lenine e Trotsky. Nadesha deu-lhe dois filhos, o filho Vassily que, recentemente, obteve notoriedade devido às suas rápidas promoções na Fôrça Aérea Vermelha e suas escandalosas bebedeiras, e uma filha, Svetlana.

Nadesha morreu sùbitamente no dia 21 de novembro de 1932, em seguida a um ataque de apendicite. Stalin empregou todos os esforços para salvar-lhe a vida, fazendo até que um especialista alemão voasse de Berlim a Moscou, porém tudo foi inútil. Apesar das brutalidades que têm marcado a carreira de Stalin, é de justiça dizer-se que realmente êle amava Nadesha e que sentiu muitíssimo sua perda.

Isso não o impediu, porém, de entregar-se a outros romances e, de fato, casar-se outra vez, ràpidamente. Uma das fontes para estas informações é o seu próprio primo, um F. Svandidze, que preferiu a liberdade ao «paraíso» soviético e vive agora em Paris. Pouco depois da morte de Nadesha, Stalin era visto, freqüentemente, na companhia de Rosalie Kaganovitch, filha de seu velho amigo, o antigo Comissário da Indústria Pesada, Lazar Kaganovitch. Havia mesmo rumores de que o ditador se casara com ela.

Êsse romance terminou abruptamente em



PAPAI STALIN — Sim, Joseph Stalin é um pai afetuoso. Êle adorava a filha e aqui o vemos, quando ela adolescente, êle carinhosamente a carregá-la nos braços. Agora, com mão de ferro, êle impediu que se casasse com aquêle a quem ama

1933, quando Stalin se encontrou com Marina Raskova, uma famosa aviadora russa, que acabara de voltar de um vôo ao pólo e estava sendo recebida pelo chefe com cerimônias adequadas. Tinha a jovem 24 anos e o ditador 54; Stalin teve sempre queda por mulheres bem jovens.

Marina é de um abrasador tipo oriental, alta e bela de uma forma atlética. Stalin casou-se com ela numa cerimônia semi-secreta assistida sòmente por três de seus mais íntimos amigos — Molotov e dois outros.

Aparentemente, Stalin se preocupava com a impressão que teria o povo russo ao saber de seu casamento com uma jovem tão mais moça que êle. Nunca foi visto com Marina em cerimônias oficiais. Os fotógrafos da imprensa nunca tiveram permissão para fotografá-la.

Embora pareça que os dois se dão bem, vivendo a maior parte do tempo na casa de verão de Stalin, em Socchi, onde Marina veleja em um barquinho, presente de seu marido, enquanto o ditador cuida do coração doente, é óbvio que a espôsa n. II foi o maior amor de Stalin. E quanto aos filhos é a Svetlana a quem mais ama.

Svetlana tem atualmente 27 anos. E' uma bela mulher, tendo herdado de sua mãe a vivacidade e a beleza morena.

Svetlana tinha apenas oito anos quando sua mãe morreu. Surpreendentemente, foi educada como uma cristã; sua mãe educou-a na seita antiga dos católicos nestorianos. Aparentemente, essa educação deu à menina uma fôrça de vontade notável; diz-se que é a única pessoa que ousa desafiar seu onipotente pai. Porém, mesmo ela foi vencida.

Svetlana não é absolutamente desprovida de inteligência. Diplomou-se pela Universidade de Moscou e tornou-se uma hábil pesquisadora de física. Durante alguns anos estêve empregada em um laboratório em Kazan, visitando seu pai em Moscou em intervalos, aproximadamente, de três meses. Frequentava o «ballet» e a ópera freqüentemente, e usava belas roupas do Atelier du Grand Theatre, a mais cara de tôdas as casas de modas da capital. Aparentemente, Papai Joe cuidava para que ela estivesse sempre bem suprida de fundos. Quando terminou a II Guerra Mundial, um grande banquete e baile da vitória



A MÃE DE STALIN — Uma das raras fotografias da mãe de Joseph Stalin, o poderoso Senhor do Kremlin, adorado quase como um Deus pelos que não acreditam que Deus exista. Diz-se que ela não se dava com o filho.



SVETLANA, A FILHA DE STALIN, que caiu no desagrado do pai por ter namorado Alexey Kapler, sem ordem sua. O rapaz foi deportado para a Sibéria, pois o pai acompanhou todos os passos da filha com a M. V. D.



O FILHO DE STALIN — Vassily, filho do Marechal dos Vermelhos, cuja história também é um verdadeiro romance de aventuras, bebe, bebe muitíssimo para esquecer, porque não é feliz no casamento que seu pai lhe arranjou.

foi levado a efeito no Kremlin. Enquanto a maioria dos convidados era de altos funcionários do govêrno, líderes militares e diplomatas, algumas pessoas de menor importância tiveram permissão de comparecer, isto é, artistas, músicos e escritores.

Entre êstes havia um jovem de 28 anos, alto, Alexey Kapler. Kapler era brilhante e belo e tinha também um futuro promissor. Ativo no Movimento da Juventude Comunista quando menino, tornara-se um jornalista — e um dos melhores. Editara o jornal da mocidade «Komsomolskaja Pravda» e, mais tarde, tornara-se um dos mais jovens correspondentes de guerra entre o pessoal do Pravda. Escrevera o livro para o filme de propaganda vermelha «Lenine em outubro» e recebera a Medalha da Ordem de Lenine, dada pelo próprio Stalin.

Svetlana comparecera também àquela festa de 6 de novembro de 1945, por uma especial permissão de seu pai, que estava de bom-humor. Ela usou um vestido de baile novo e seu cabelo foi penteado por Tovarich Miqulenko, o técnico oficial de beleza do Kremlin. Svetlana tinha apenas 21 anos e estava bela como uma pintura.

A despeito do fato de ser a filha do ditador, poucos homens convidaram-na para dançar. Por um lado, muitos que poderiam ter gostado de fazê-lo não sabiam qual seria a reação de Stalin e temiam experimentar a sorte. Por outro lado, as regras do protocolo exigiam que os diplomatas estrangeiros dançassem com as espôsas dos oficiais e servidores soviéticos. Teria Alexey Kapler notado que ninguém estava dançando com Svetlana? De qualquer forma, aproximou-se êle do lugar em que ela estava quieta, sentada entre damas idosas e pediu: «Camarada Stalin, posso dançar convosco?»

Svetlana olhou interrogativamente para seu pai, e Papai Joe concordou benignamente. O par dirigiu-se para o salão de baile — e dançaram juntos tôdas as danças. Quando a festa terminou estava claro para muitos dos que estavam no salão de baile — mas não para o pai de Svetlana — que os dois estavam se amando.

Por uma razão ou outra, Svetlana não falou a seu pai sôbre o seu romance. Pode-se imaginar que se o tivesse feito — e o tivesse apanhado num humor benevolente — o ditador poderia ter aquiescido. Ela, porém, cometeu o grande êrro de procurar manter em segrêdo o caso.

Ditadores como Josef Stalin não admitem coisas como essa — mesmo de suas próprias filhas.

Svetlana estava sob a mais rigorosa das vigilâncias; a MVD (Polícia Secreta) tinha instruções para protegê-la, e havia uma mulher-guarda — companheira — amiga, chamada Rafaelovna Kagushi, de meia idade, que fôra capitão na Fôrça Policial Feminina de Moscou. Êsse cuidado existia, não porque não se confiasse em Svetlana, mas porque se temia que algum inimigo político pudesse atacar o ditador através de sua filha, talvez raptando-a ou mesmo assassinando-a.

Durante muitos meses o romance prosseguiu tranqüila e secretamente. Kapler e Svetlana encontravam-se como por acaso — no teatro, ópera e museus. De cada vez passavam juntos apenas alguns momentos.

A Polícia Secreta não deixara de notar o súbito e novo interêsse de Svetlana pela arte. Refreiavam-se ainda, porém, de comunicar ao chefe, os encontros «casuais» com Kapler, até que os apaixonados cometeram o êrro de se encontrarem várias vêzes num restaurante discreto no distrito Tscheljabinskaja de Moscou. Então informaram prontamente Lavrenti Beria, chefe da MVD, a respeito do que se passava.

Beria ordenou uma vigilância mais estrita sôbre as atividades de Svetlana.

Em pouco descobriram que o parzinho estava se correspondendo, utilizando-se de um velho cozinheiro, empregado de Stalin, como intermediário. Svetlana não era muito discreta nessas cartas. Queixava-se ao amado da vigilância policial, enquanto Alexey respondia que «acontecesse o que acontecesse» casar-se-ia com ela dentro em breve.

Em uma carta, Alexey propôs-se a ir à presença de Stalin e pedir a mão de Svetlana em casamento!

Os dois eram tão ingênuos como criancinhas na floresta. Esta última carta de Alexey foi o sinal para Beria agir. Levou tôda a correspondência ao ditador, e Stalin reagiu brutalmente. No dia 19 de maio de 1946, Alexey Kapler foi sùbitamente prêso e atirado na Prisão Lublijanka, talvez a mais temida masmorra de Moscou.

Seu julgamento foi uma farsa. A acusação foi de que êle escondera fatos relativos aos seus parentes e «às atividades reacionárias de seu pai» de seus camaradas, e de seus superiores! Na verdade, naturalmente, seu passado era completamente conhecido e fôra um leal

(Cont. na pág. 52)



SVETLANA STALIN, a filha do Ditador da Rússia, amou Alexey Kapler, mas Papai obrigou-a a casar-se com Kaganovitch. Estas fotos de Svetlana foram trazidas da Rússia pelo aviador militar tcheco Tibor Reldan

AMÔRES SECRETOS DA FILHA DE STALIN



O MARECHAL JOSEPH STALIN no seu uniforme, quando durante a II Guerra Mundial, do dia para noite o mundo ficou sabendo que êle passara a Marechal. Sua mão de ferro fêz-se sentir agora no caso dos amôres da filha.



A SEGUNDA MULHER DE STALIN — Das três espôsas de Joseph Stalin, diz-se que a única que êle verdadeiramente amou foi Nadesha Alleuyevna, já falecida. Êste é o retrato de Nadesha, que não se sabe se triste ou com frio.



O AMIGO MOLOTOV foi dos raros que tiveram a honra de assistir ao terceiro casamento de Stalin, que dizem ter sido com uma moça de apenas vinte e quatro anos de idade, isto é, mais moça que a sua própria filha.



Prêto e branco

Original modêlo em "pied-de-poule", prêto e branco, da coleção Neiman Marcus. O toque de distinção é dado pelo cinto em pelica preta, embutido no vestido, apertando a parte da frente e deixando as costas completamente sôltas.

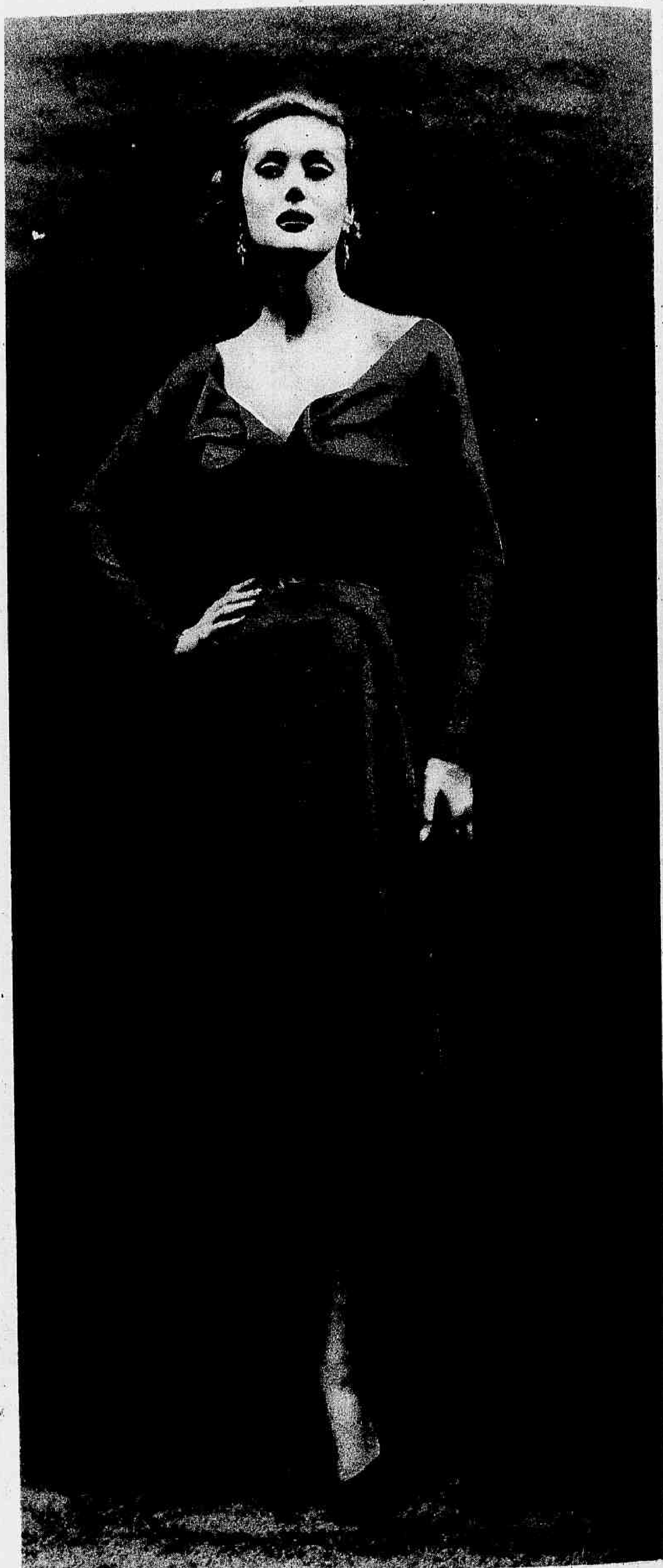


Verão estampado e colorido



Modêlo em duas peças de shantung com bordado de passamaria — Organdi com pois — Estampado artequim com estola — Saia plissada, pespontada até à altura dos joelhos — Saia com aplicações franjadas — Vestido plissado, gola e cinto de veludo — vestido branco, com incrustação estampada — Algodão em xadrez, sendo que a saia enviezada.





Drapeados

Edith Swall, é a criadora dêste original modêlo (à esquerda) em sêda preta, para o "cock-tail". O amplo drapeado partindo da frente, termina fartamente na parte posterior. Em pesado cetim cinza prata, Oldric Royce, criou esta linda sugestão para a noite, decote amplo formado com busto drapeado, a saia justa é completada por duplo drapeado lateral.



A VIDA de NOEL ROSA



Contada por ALMIRANTE

CAPITULO VIII

VIAGENS DE NOEL ROSA ★ EPISÓDIO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS ★ UMA PLATÉIA LUDIBRIADA ★ O ACORDAR DE NOEL ★ DESPERTADOR ORIGINAL ★ EMBARQUE PARA O RIO GRANDE DO SUL

QUANTAS cidades do Brasil conheceram Noel Rosa em pessoa? E como?

Dediquemos êste capítulo às poucas viagens que Noel empreendeu em sua curta vida de compositor.

Ao que me recordo, seu primeiro afastamento do Rio, em missão artística, se deu em 1931.

Tal fato talvez não merecesse qualquer registro, não fôsse a curiosa coincidência que então ocorreu.

Era Agôsto de 1931 quando o «Bando de Tangarás» recebeu, por intermédio do nosso companheiro Alvinho, um convite para se exibir, graciosamente, na cidade de São José dos Campos, em benefício não me lembro de que hospital ou casa de caridade. Sei que para lá seguimos, alegremente, num sábado, levando, além dos componentes efetivos do grupo, alguns daqueles numerosos colaboradores e amigos que Lamartine Babo, pitorescamente, designava como «adendos do Bando».

O convite partira de um cunhado de Alvinho — o Dr. Carlos Ribas de Melo Leitão, que naquele tempo desempenhava o cargo de delegado na acolhedora cidade paulista.

Em São José dos Campos, entre outras exibições, participamos de grandioso espetáculo que teve lugar na segunda-feira imediata, e que era o dia 7 de setembro de 1931.

Na véspera, visitando o comércio local, fomos encontrar, numa das principais casas de rádios, discos e eletrolas, a primeira máquina gravadora e reprodutora de discos para particulares.



NOEL ROSA visto pelo caricaturista Luiz Gonzaga, no ano de 1934

Dias antes de nossa partida do Rio, havíamos feito a gravação de uma das últimas produções de Noel — o «samba epistolar» chamado «Cordiais saudações», e o grupo que nos acompanhava na excursão era exatamente o que havia participado daquele disco. E a prova do samba se achava conosco, em São José dos Campos.

Observando as coincidências que se verificavam, e que só nós conhecíamos, imaginamos aproveitar a oportunidade para um golpe de publicidade em favor do maior êxito do espetáculo principal de nossa excursão.

E mandamos anunciar, então, como grande atração da festa, uma gravação de discos que o «Bando de Tangarás» iria fazer, em pleno palco.

A fama do conjunto, os fins altruísticos do recital, e a novidade da gravação, fizeram lotar o Teatro da cidade, naquela noite de gala.

O espetáculo transcorreu num clima especial de expectativa. Lá para o fim, fizemos introduzir no palco a máquina gravadora e a colocamos no centro, em primeiro plano. Em seguida, nos demoramos numa complicada encenação, como que estudando a distância exata de cada executante perante o microfone (exatamente como nas gravações comuns), exibimos a prova que conduzíamos e que se diferençava dos discos normais por sua etiquêta inteiramente branca, pusemo-la no prato da máquina, já em movimento, e eu me dirigi à platéia.

Falei do prazer que sentíamos em poder revelar para o povo da cidade os segredos de uma gravação de discos, e arrematei ofe-

A VIDA DE NOEL ROSA contada por ALMIRANTE

recendo à platéia o sinal concludente de que o registro das vozes e dos instrumentos teria lugar, efetivamente, naquele instante.

— Que dia é hoje? — indaguei.

— 7 de Setembro de 1931! — responderam várias vozes.

— Pois bem, — continuei — para que todos fiquem absolutamente certos de que a gravação vai ser feita agora, vamos usar a data de hoje.

Nada poderia ser mais convincente.

Esperamos que cessasse o natural murmúrio de assombro e de assentimento, pedimos, depois, silêncio e atacamos o samba, cujo cantor era o próprio Noel:

Estimo que êste mal traçado [samba,
Em estilo rude,
Na intimidade,
Vá te encontrar gozando saúde
Na mais completa felicidade.
(Junto dos teus, confio em Deus).

A assistência tudo ouvia e observava, procurando reter os mínimos detalhes da execução, a fim de conferi-los, quando a gravação fôsse reproduzida, em seguida:

Em vão te procurei,
Notícias tuas não encontrei
Eu hoje sinto saudade
Daqueles dez mil réis que te [emprestei.
Beijinhos no cachorrinho,
Muitos abraços no passarinho,
Um chute na empregada,
Porque já se acabou o meu ca- [rinho.

O conjunto que ali se exibia era, como já se disse, o mesmo que dias antes executara a música para os discos Parlofon e, portanto, nenhuma diferença poderia ser apontada, quer na tonalidade, quer na seqüência de efeitos sonoros. E Noel prosseguia:

A vida cá em casa está horrível,
Ando empenhado
Nas mãos de um judeu.
O meu coração vive angustiado,
Pois minha sogra ainda não [morreu...
(Tomou veneno e quem pagou [fui eu!)

Ia chegando o momento culminante:

Sem mais, para acabar,
Um grande abraço queira aceitar
De alguém que está com fome,
Atrás de algum convite pra jantar.
Espero que notes bem:
Estou, agora, sem um vintém.
Podendo, manda-me algum.
Rio, 7 DE SETEMBRO DE 31.

Nesse ponto, era tal o suspense na platéia, que ninguém se moveu, quer nas frisas e camarotes, quer nas cadeiras ou nas torrinhas. Numa atitude de puro exibicionismo, retirei da máquina o disco que ali rodava inùtilmente e o apresentei ao público.

— Um instante para esfriar a cêra! — pedi.

A absoluta credulidade da assistência, sua passividade ante as nossas manobras dignas de «camelots» da Rua Larga, eram as evidências de que ali, ninguém, jamais, presenciara uma real gravação de discos.

Por fim, a chapa negra foi reposta no prato e a gravação se fêz ouvir através do potente alto-falante da eletrola.

A reprodução fiel dos sons produzidos ali, instantes antes, era como que um estupendo milagre que nós estivéssemos proporcionando àquela boa gente. E, no final, quando a voz de Noel repetiu a data, a platéia prorrompeu na mais entusiasmada ovação que qualquer de nós teria recebido até então.

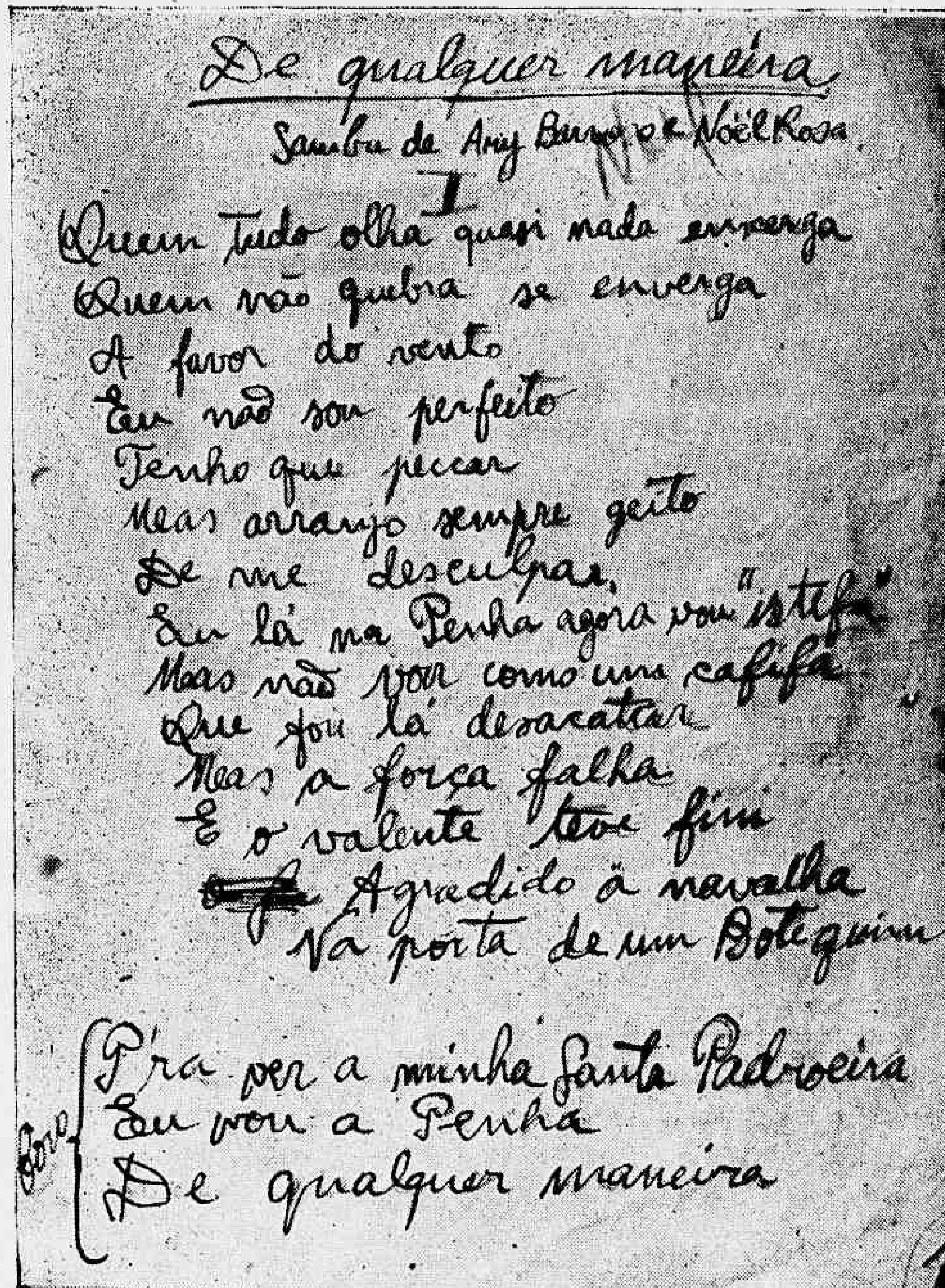
Era nosso propósito confessar, em seguida, a verdade. A incontrolável vibração da assistência mostrou-nos, todavia, a inconveniência de tal sinceridade. Revelar que havíamos ludibriado a todos, pareceu-nos uma rude afronta que nenhum dos espectadores perdoaria. Então, silenciamos, encafifados.

Após aquêle dia, e já quando o «Cordiais saudações» seguia sua carreira vitoriosa, em várias ocasiões fomos obrigados a desviar o assunto ao encontrarmos pessoas de São José dos Campos que nos recordavam, com certo orgulho, a gravação histórica realizada em pleno palco de um teatro de sua cidade...

★

Em 1932, seguia Noel, com Francisco Alves, Mário Reis, Nonô





De qualquer maneira
Samba de Ary Barroso & Noel Rosa
I
Quem tudo olha quasi nada enxerga
Quem não quebra se enverga
A favor do vento
Eu não sou perfeito
Tenho que peccar
Mas arranjo sempre geito
De me desculpar.
Eu lá na Penha agora vou "istefa"
Mas não vou como um cafifa
Que foi lá desacatar
Mas a força falha
E o valente teve fim
Agredido à navalha
Na porta de um Botequim

Côro
Pra ver a minha Santa Padroeira
Eu vou a Penha
De qualquer maneira

À esquerda: 1934 — PROGRAMA CASÉ — Noel Rosa cantando na Rádio Philips, acompanhado de Lentini e Macrino. À direita: FERTILIDADE — Não satisfeito em escrever sòmente os versos de seus próprios sambas, Noel, inspirado em produções alheias, fazia, para elas, novas e valiosas estrofes que nem sempre se divulgavam. Eis uma das que escreveu para o samba «De qualquer maneira», de Ari Barroso e que êste, gostosamente, aceitou, feliz com o grande parceiro. «Pra ver a minha Santa Padroeira, Eu vou à Penha, De qualquer maneira».

e Peri Cunha, para o Rio Grande do Sul, onde o grupo se ia exibir no Teatro Guarani, de Pôrto Alegre.

Sabendo que o amigo viajaria para o sul, o hoje consagrado ator Graça Melo — filho do Dr. José Rodrigues da Graça Melo — foi à sua casa, para as despedidas, no dia exato de seu embarque.

Visita providencial, pois Noel ainda não se levantara e seu despertar, fora das horas habituais, representava sempre uma tragédia doméstica.

Noel era o primeiro a reconhecer a própria resistência para deixar o leito. Quando necessitava acordar em hora prefixada, a fim de cumprir trato de importância, ao chegar em casa, alta madrugada, deixava, por todos os cantos, sôbre a mesa, em cordas que estirava pelos corredores, pendurados nos fios das lâmpadas, no chão, à porta do quarto, sôbre o fogão, na cozinha, à entrada do banheiro — avisos alertadores, em letras garrafais, e onde a abundância de exclamações deixava entrever sua preocupação em não faltar ao compromisso assumido:

ATENÇÃO!!!
MUITO IMPORTANTE!
NÃO SE ESQUEÇAM!!
PRECISO ACORDAR CEDO!!!!
CEDISSIMO!!!!
GRAVAÇÃO ÀS 10 DA MANHÃ!!!
E' IMPORTANTISSIMO!!!
NÃO ACREDITEM EM DESCULPAS!!!!!!

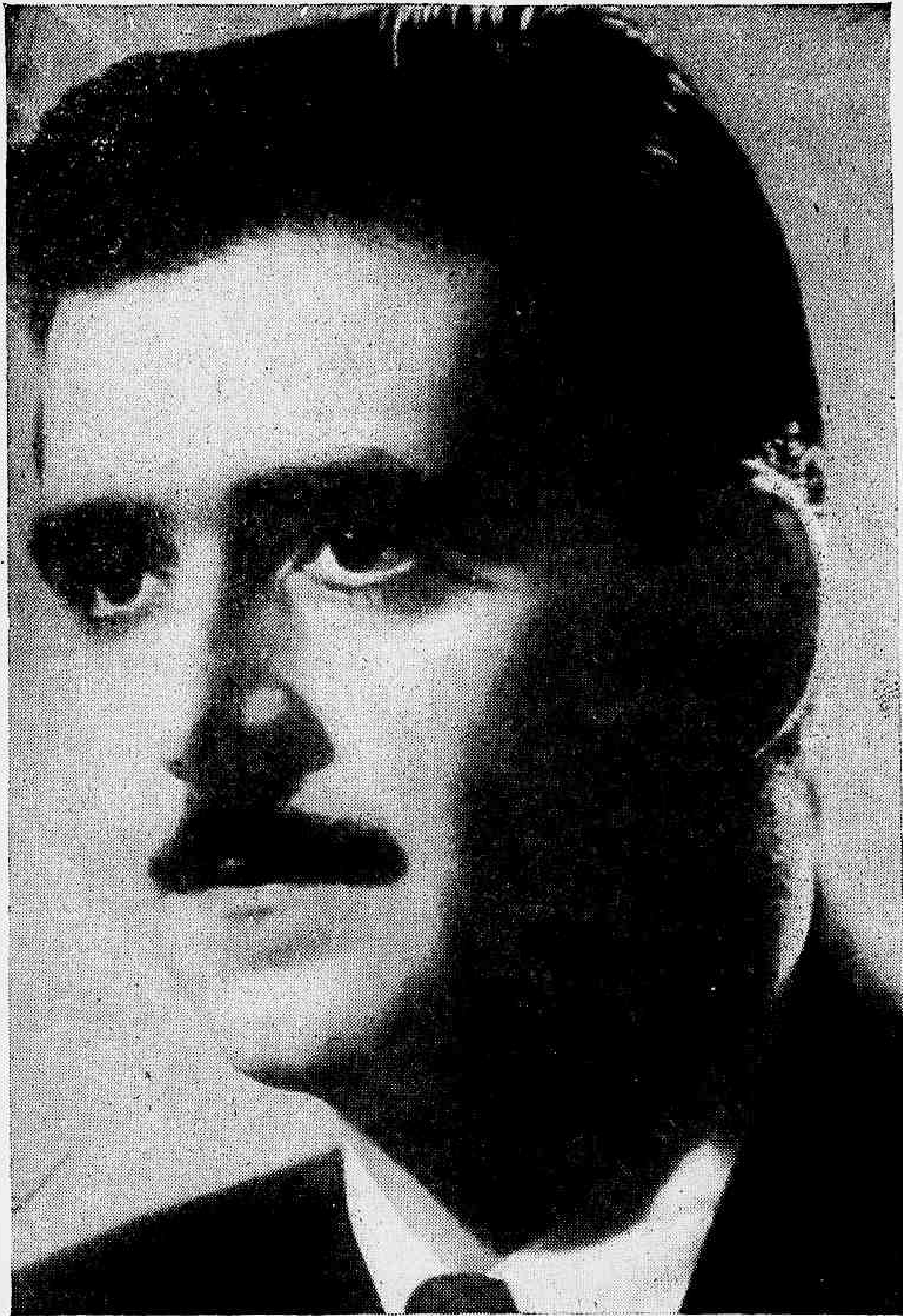
Assim advertia à família contra as possíveis invencionices a que poderia recorrer, no dia seguinte, sob a pressão do sono invencível, quando tentassem despertá-lo.

Dona Marta, em ocasiões mais prementes, costumava valer-se de certo amigo da família, apelidado «Calulá», mulato bronzeado, gordote, muito prestimoso, entregador de roupas de uma tinturaria no Boulevard 28 de Setembro.

Para despertar Noel, «Calulá» sentava-se à beira da cama e, com infinita pachorra, mansamente, sem alarde, levantava a ponta da coberta com que o sambista escondia a cabeça, e ficava a repetir, em voz fanhosa, monotóna, esticando bem o «e»:

— Noel... Noel... Noel...

Era um legítimo realejo-despertador, e seus efeitos não se faziam demorar. Ao fim de uns 30 zumbidos iguais, Noel Rosa, com um muxôxo, mudava de posição, repuxando, novamente, a coberta sôbre a cabeça. «Calulá», porém, não se deixava vencer. Buscava outra ponta e prosseguia na cantilena:



GRAÇA MELO, o conhecido ator, amigo de infância de Noel Rosa, vizinho de bairro, testemunha de inúmeras passagens pitorescas da vida do filósofo do samba, inclusive dos jocosos episódios ocorridos no dia de seu embarque para o Estado do Rio Grande do Sul.



EXCURSÃO A CAMPOS E VITÓRIA — Em março de 1934, Noel Rosa se encontrava em Campos, num grupo do qual faziam parte (da esquerda para a direita) Russo do Pandeiro, Canhoto e Benedito Lacerda (que então compunham o grupo «Gente do Morro») e o maquinista teatral, Cantuária — Noel Rosa é visto na extrema direita, de branco. A fotografia acima foi batida por Grijó Sobrinho.

— Noel... Noel... Noel...

Nova posição, novo muxôxo, nova tentativa para se cobrir.

— Noel... Noel... Noel... — insistia o realejo.

Mais uma coleção dos enfadonhos zunidos e Noel não resistia.

— Já sei, «Calulá». Já vou me levantar. Pode ir embora.

Mas o paciente amigo não se deixava engrupir. Sabia perfeitamente que, se virasse as costas, Noel cairia, novamente, no sono. Então seguia, inalterado:

— Noel... Noel... Noel...

E não desligava sua «chateola» senão quando via Noel completamente desperto, de pé, firme, a caminho do chuveiro, onde o banho dissiparia sua última atração pelos lençóis.

★

Na manhã do embarque de Noel para o sul, D. Marta viu-se em apuros.

Faltava pouco para que o navio zarpasse e o filho ainda se conservava na cama, insensível aos berros, aos solavancos, à retirada violenta de tôdas as cobertas. Na véspera, sob o pretexto de despedir-se dos amigos, ficara a noite inteira pelas ruas, em adeuses que receberam excessiva lubrificação de «óleos» generosos.

Não havia tempo para que «Calulá» pusesse em prática seu método infalível.

Noel foi pôsto de pé, a muque. Enfiaram-lhe as calças, a camisa, o paletó. Atabalhoadamente, Dona Marta enchia a mala com as roupas que retirava de gavetas e armários.

O corre-corre aumentou quando o automóvel que o devia conduzir ao cais buzinou, aflito, na porta.

E Noel, meio carregado por Graça Melo, por D. Marta e pelo «Calulá», foi atirado dentro do táxi, como um trapo, semi-inconsciente. No trajeto, foi sendo composto, à medida que os solavancos da velocidade o permitiam.

Os companheiros o aguardavam, já sem esperanças, e êle subiu para bordo, sobraçando a mala entreaberta, desgrenhado, camisa fora das calças, olhos empapuçados, mas feliz.

Foi o último passageiro a galgar o navio.

(Cont. no próximo numero)

DOS PARDAIS DO ABADE AOS PARDAIS DO CASTELO



"A ponta vermelha do tabaqueiro a esvoaçar do bôlso, casaco ruço de bater, socos reforçados por testeiras de ferro, afável com estranhos e resmungão com os próximos, ali estava o padre Inocêncio, grande trunfo político e pregador de nomeada." Aspergia, não água benta, mas água comum sôbre as couves tronchas da horta, "já orelhudas, — o seu consôlo dos dias de magro, cozidas com bacalhau, depois de lhes gear o dezembro."

Assim foi encontrá-lo Aurélio, o seminarista que se metia a ler os filósofos excomungados. E testemunhou a chegada dos quatro paroquianos amistosamente recebidos pelo abade, pois êste "prezava os seus eleitores". Vinham rogar a Sua Reverendissima que, já que tantas vêzes havia saído pelos campos com a cruz a tocar para o inferno as lagartas, fizesse o mesmo com os pardais.

● "Os pardais não têm asas que lhes permitam longas migrações — pronunciou o abade. — Se cá andam, cá nasceram e cá foram criados. Mas vocês não se chorem, o pardal sempre comeu dos trigos e nem por isso o grão falta à pousada."

Mas os homens falaram numa "tão grande nuvem dêles" que "pareciam maldição", que gafanhotos não seriam mais daninhos e que a verdade é que o "grãozinho ia-se todo".

Percebendo a dificuldade em que se achava o abade para lhe negar o que pediam, Aurélio ajudou:

"A liturgia prevê o esconjuro das aves, é certo, mas fôsse eu pároco e lhes afianço, à fé de quem sou, que não ia. As aves são também criaturinhas de Nosso Senhor. São Francisco falava-lhes e, se não tinham entendimento para o compreender, não lhe fugiam."

Tal foi, porém, a insistência dos quatro homens, já agora reforçados pela "Sra D.ª Ritinha, ama do abade", "que exorbitava do seu papel de dona de casa, até ser a regente de suas funções de sacerdote", que o padre, o qual a princípio "defendera a sua comodidade, nanja a causa dos pardais — e a sua comodidade em face da atitude casmurra dos homens, estava já do lado do exorcismo", desatou:

"Está bem, ao nascer do sol excomungam-se os pardais."

● *Isto tudo aconteceu no conto cheio de pitoresco e sátira de Aquilino Ribeiro, "A maldição cubra os pardais!", como está, inexpurgado, na primeira edição da "Estrada de Santiago", que Salazar fêz recolher. Outra guerra aos pobres passarinhos por motivos diversos, ocorre atualmente nesta cidade.*

É o caso que o Prefeito mandou, e muito bem, terminar com o desmonte do Castelo. E lá, num grande casarão de tijolos falhos e esburacados, ouvi ontem o chilrear desesperado de milhares de avezinhas. As infelizes compreendiam que tinham que abandonar os ninhos feitos no prédio que entrava em demolição, sem nenhum recurso para qualquer lei de inquilinato. Tristes vítimas da necessidade do progresso citadino, que nem ao menos saberão, como no conto de Aquilino Ribeiro disse o seminarista que havia sucedido, aparecer ao Prefeito "em pesadelo, a pedir perdão ao Senhor de ter necessidade de (comer)" morar.

ISOLETTE



AS BELAS ITALIANAS EM PARIS — Paris, como um foco de luz imperecível, atrai as vedetas do cinema italiano, formosíssimas mulheres e magníficas artistas. Há dias, na Ópera, tôda a alta sociedade, o que de mais «rafinée» existe não sòmente na elegância, como nas artes, nas letras, na alta finança e na aristocracia, reuniu-se, como num conto de fadas, para aplaudir, na sua estréia em «LES BELLES DE NUIT», Gina Lolobrigida. Na foto acima,



da esquerda para a direita, a formosa Begun, espôsa do Aga Kahn, o homem que recebe todo o aniversário o seu pêso em diamantes; Henri Vidal, o astro francês e sua espôsa, a artista Michele Morgan. Em baixo, à esquerda, os intérpretes de «Les Bélles de Nuit», filme de René Clair, premiado em Veneza: Gérard Philipe, Martine Carol, Gina Lolobrigida e Magali Vandeuil. Em baixo, à direita, Silvana Pampanini, que acaba de ser contratada para ser a estrêla feminina de «KOENISMARK», de Pierre Benoit.



UM REGIME CORRETO DE NUTRIÇÃO AJUDA A SER BELA

NA dieta cotidiana são as proteínas a parte mais importante. Uma mulher, de atividade normal, deverá absorver um mínimo de 60 grs. de proteínas por dia, um homem de 80 a 90 grs.

Damos a seguir uma tabela do conteúdo de proteínas nos diversos alimentos de uso comum:

1 ração = 125 grs. de carne

CARNES	QUANTIDADE	PROTEÍNAS
Boi (magro)	1 ração	17 gramas
Galinha	1 »	18 »
Presunto	1 »	6 »
Coração de boi	1 »	11 »
Rim de cabrito	1 »	11 »
Costeleta de cabrito	1 pequena	10 »
Fígado	1 ração	19 »
Salsicha	5 fatias	12 »
Bife	1 ração	21 »
Peru	1 »	16 »

PRODUTOS LACTEOS	QUANTIDADE	PROTEÍNAS
Leite integral	1 litro	33 gramas
Leite em pó	½ xícara	35 »
Yogourt	1 litro	33 »
Queijo cozido	1 fatia	12 »
Queixo branco	3 colheres	10 »
Requeijão	1 ½ colheres	8 »
Ovos	1	6 »
Creme de leite	½ xícara	2 »
Sopa c/creme	¾ de xícara	4 »

PEIXES E FAUNA DO MAR	QUANTIDADE	PROTEÍNAS
Peixe comum	1 ração	12 gramas
Ostras	7 pequenas	6 »
Camarões	6 pequenos	8 »
Atum	2 colheres	12 »

NOZES	QUANTIDADE	PROTEÍNAS
Amêndoas	10 pequenas	2 »
Amendoim	2 colheres	8 »
Manteiga de amendoim	2 colheres	9 »
Nozes	½ xícara	8 »

LEGUMES	QUANTIDADE	PROTEÍNAS
Vagens	½ xícara	8 gramas
Soja	½ »	51 »
Lentilhas	½ »	9 »
Ervilhas sêcas	½ »	7 »
Ervilhas frescas	½ »	5 »
Batata	1 pequena	3 »
Levedo de cerveja	1 colher	18 »

CEREAIS E SUBPRODUTOS	QUANTIDADE	PROTEÍNAS
Pão integral	1 fatia	3 gramas
Crackers	2 fatias	2 »
Macarrão	¾ de xícara	3 »
Farinha de aveia	½ xícara	3 »
Arroz	¾ de xícara	3 »
Spaghetti	¾ de xícara	3 »
Grão de trigo	½ xícara	24 »

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES

– a mais popular emissora paulista

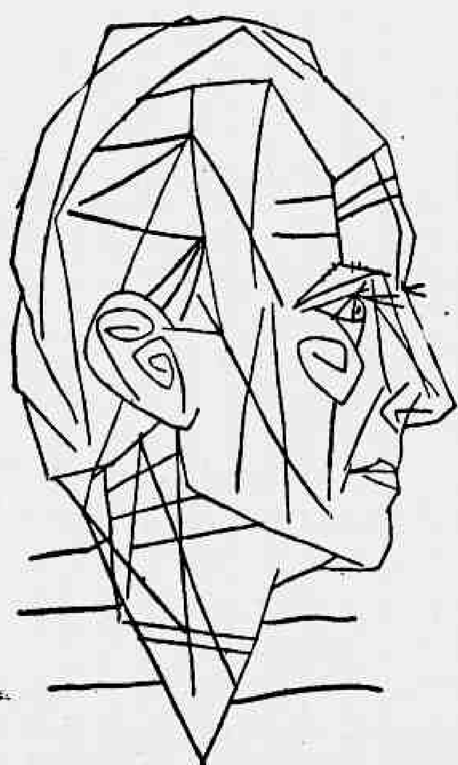


Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM AUTOR:

PAUL ELUARD



O poeta Paul Eluard num desenho de Picasso.

A morte recente de Paul Eluard produziu menos necrológios do que de fato merecia o poeta de tanta importância para o nosso tempo. Ao que parece, suas últimas atitudes políticas determinaram o arrefecimento da larga admiração que despertou tanto com sua poesia como pela sua participação na Resistência. Embora o político tenha podido prevenir contra o poeta, não nos parece lícito silenciar sôbre uma das grandes figuras da poesia moderna. Paul Eluard, entre todos os do seu grupo, desde o surrealismo, foi o valor mais significativo. Êle foi o depositário dos tesouros de harmonia e clareza que tão bem nos falam do espírito francês. Tôda a sua obra depõe a favor dêsses traços de classicismo no poeta tão moderno e, principalmente, lhe dá uma pátria. O seu internacionalismo de homem, em última data, passará. O que dêle vai ficar é sua poesia e essa tem valores muito nítidos para não se confundirem jamais com arte dirigida. Depois, não seria possível tão depressa esquecermos, todos quantos nos batemos pela liberdade intelectual, a obra que êle realizou nos subterrâneos da Resistência. Nem seria, por outro lado, digno de quantos admiramos o grande poeta, negar-lhe liberdade de opção, quando politicamente se definiu pelo comunismo: a poesia é outra coisa.

Desaparece Eluard aos 57 anos de idade, tendo nascido a 14 de dezembro de 1895, em Saint-Denis. Começou a publicar seus primeiros versos em 1917, fêz a primeira Guerra, estêve uma temporada em Davos, num sanatório de tuberculosos. Em 17 e 18 publica duas «plaquettes»: «Le Devoir et L'inquiétude» e «Poèmes pour la Paix». Ligando-se ao grupo dos surrealistas, não se deixou perder nas teorias, fazendo valer sua obra pelas sólidas qualidades que a diferenciaram dos livros de moda. Continuou a escrever versos até que, na segunda Guerra, vencida a França, êle se fêz um dos mais encarniçados batalhadores da libertação. Sua obra na Resistência é de ontem e, portanto, bem conhecida de todos os que acompanharam a atividade de Eluard.

NOTICIÁRIO

BERTRAND RUSSELL, NOIVO — Informam de Londres que o famoso filósofo inglês, Bertrand Russell, que completou 80 anos de idade em maio do ano em curso, anunciou no "Times" de hoje o seu noivado com Miss Edith Finch, filha de Edward Bronson Finch, de Nova Iorque. Para não ser importunado, Russell tirou o fone do gancho do telefone de sua residência, num dos subúrbios desta capital, e determinou que ninguém atenda a qualquer visitante que ali apareça.

FRANÇOIS MAURIAC, PRÊMIO NOBEL DE 1952 — Durante o dia 6 corria em Paris a notícia de que o candidato favorito de última hora em Estocolmo para o Prêmio Nobel era François Mauriac. E foi com alvorôço e alegria que as rodas intelectuais viram, à noite, confirmada a notícia por telegramas da A.F.P. e da U.P.

O romancista de "Destinos" irá, portanto, a Estocolmo a fim de receber das mãos do rei Gustavo Adolfo a insígnia e o cheque de 171.134 coroas, durante as solenidades do dia 10 de dezembro próximo.

É evidente que os centros literários do mundo receberão a notícia da escolha de Mauriac como uma das mais acertadas, já que se trata duma grande personalidade, digna dêsse prêmio sob todos os pontos de vista. Hoje, que está revendo uma edição de suas "Obras Completas", o autor de "Toga Pretexta" apresenta à consideração e estimativa de milhares de leitores cêrca de vinte romances, cinco peças teatrais e vinte volumes de ensaios.

TRÊS GRANDES POETAS INGLÊSES — Sob a presidência do Sr. Manoel Bandeira, a Sociedade Brasileira de Cultura Inglêsa fêz realizar no seu salão nobre uma conferência pelo Sr. Stephen Spender, sôbre os três grandes poetas inglêses modernos: W. B. Yeats, T. S. Eliot e D. H. Lawrence.

GRAÇA ARANHA — Realizou-se na Academia Brasileira de Letras, a conferência do Sr. Rodrigo Otávio Filho, sôbre "Graça Aranha, como uma das comemorações do 30º aniversário da Semana de Arte Moderna".

FORA DO PRELO

● **FRÉDÉRIC CHOPIN, O FILHO DA POLÔNIA (ÚLTIMOS ANOS)** é da lavra de Opal Wheeler, autor das biografias de Beethoven, Haydn, Bach, Mozart, Schubert, Haendel, na série «Gênios da Música», das Edições Melhoramentos. No primeiro tomo desta obra sente-se desabrochar a fôrça inspiradíssima do compositor admirável; neste segundo e derradeiro tomo de «Frédéric Chopin, o filho da Polônia, últimos anos», aparece em tôda a sua plenitude, glória e esplendor. A exemplo do que se fêz com os outros volumes, êste reproduz, do biografado, escolhidas composições. Tradução de Miroel Silveira e Isa Silveira Leal.

● **CULTURA DA OLIVEIRA NO BRASIL** — Nosso país pode e deve ter azeitonas e azeites de seu solo e de sua indústria. E' o que demonstra o engenheiro-agrônomo Shisuto José Muraiama em «Cultura da oliveira no Brasil», livrinho 26, muito ilustrado, do Abc do Lavrador Prático, das Edições Melhoramentos.

● **VIDAS DE HOMENS NOTÁVEIS** — Até agora, na famosa série de biografias escritas pelos irmãos Henry Thomas e Dana Lee Thomas, as maiores personalidades da história foram agrupadas segundo as suas atividades ou profissões. No volume que a Editôra Globo acaba de publicar, intitulado «Vidas de Homens Notáveis», os autores resolveram completar o plano geral da série com um arranjo algo diferente. Em vez de agrupar certo número de homens sob uma categoria única, incluíram os homens que não se haviam enquadrado em nenhuma das antigas categorias. Graças à maior elasticidade dêsse arranjo, foi possível oferecer um horizonte mais vasto e um espetáculo mais diverso da aventura da vida humana. Assim, no volume agora publicado em edição brasileira, vemos soldados como Alexandre, exploradores como Marco Polo e Colombo, intérpretes musicais como Paderewsky e Caruso, dramaturgos como Shakespeare, Goethe e Bernard Shaw, revolucionários como Karl Marx e Garibaldi, construtores políticos como Kemal Ataturk e Sun Yat-sen, chefes de govêrno como Disraeli e Churchill e verdadeiros amantes da vida e da aventura como Benevenuto Cellini.

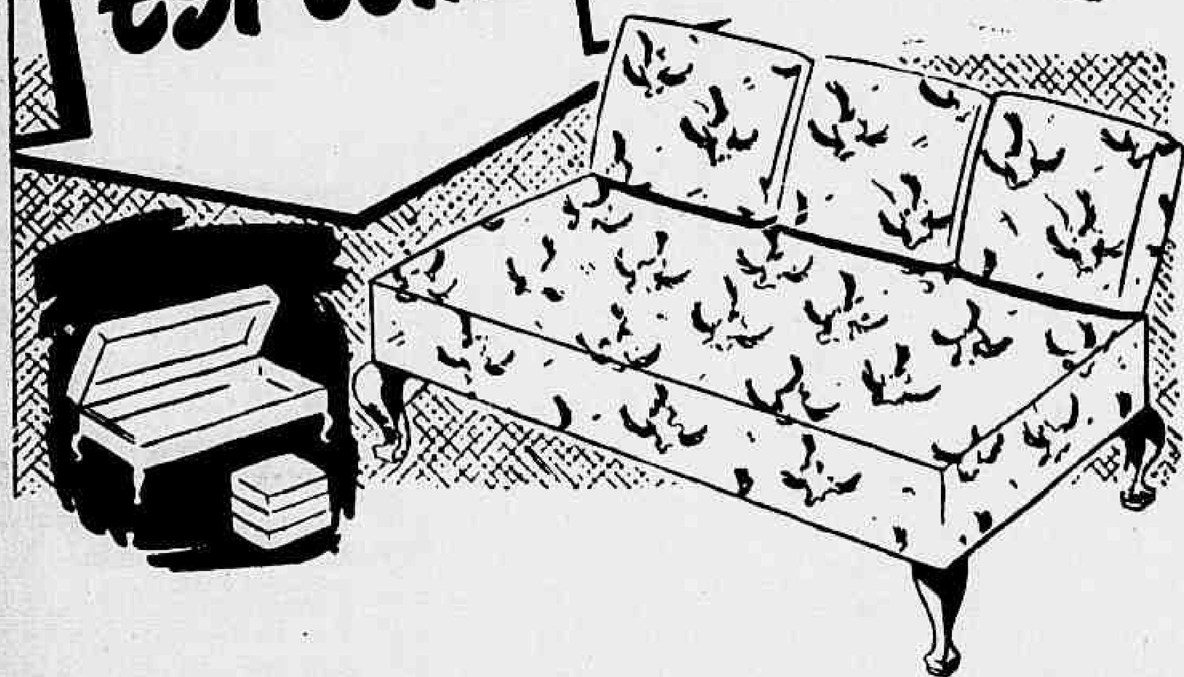
UM LIVRO:

"O TRATADOR DE PÁSSAROS"

O poeta Wellington Brandão vem de assistir à segunda tiragem de seu livro, «O Tratador de Pássaros», agora lançado em segunda edição pelas Edições Mantiqueira, de Belo Horizonte. Poeta, mesmo neste livro de prosa, a que deu como subtítulo — «treinos para a penitência definitiva». Êsse subtítulo aos belos ensaios filosóficos e estéticos aqui reunidos é explicado mais adiante pelo autor: «A vida será uma penitência, seja na alegria, seja no sofrimento». Êste livro enfeixa sínteses de que êle pretende tirar, futuramente, os cabedais do seu tratado a um tempo estético e prático, «Da Ação Pura». Wellington Brandão é um dos grandes poetas brasileiros, com uma obra significativa já publicada. Vivendo no interior, trabalhando no silêncio provinciano uma obra lírica que não quer se impor pela «publicity», sendo um solitário e, provàvelmente, um tímido, com um pudor quase absurdo, seu nome não confluiu na grande corrente da fama, continuando êle no convívio tranqüilo de uns poucos sinceros admiradores, muito embora sua interferência na política, quer na esfera estadual, quer na federal. Como outros grandes vultos das letras mineiras preferiu essa discrição para produzir no sossêgo e na distância sua obra de arte. Se há certo prejuízo nessa atitude, não tanto para o próprio autor, como principalmente para o público, por outro lado existe uma inegável vantagem, nela, possibilitando obra mais homogênea, mais significativa, menos efêmera.

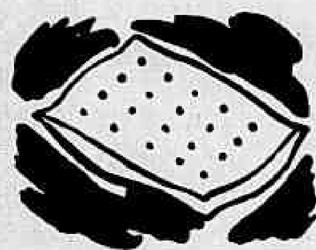
Wellington Brandão reuniu aqui êstes «treinos para grande penitência» em que sintetiza idéias e conceitos sôbre muitos temas eternos e muitos assuntos transitórios que, assim, ganham forma e conteúdo ético e estético. Sua felicidade na abordagem dêsses assuntos está fundada por virtudes de penetração, de lirismo, de humor, de sorridente pessimismo, tudo coroando-se na bela forma de sua prosa, na clareza do conceito, na harmonia do tratamento.

Êsse poeta um pouco fantasista, saindo do lirismo sem lhe desvestir a pele, não quer a solenidade, despreza o gesto solene. Vê o mundo com certa ironia e anota suas observações com um senso humorístico que alicia, sem chegar à caricatura deformadora. Assim, sua leitura é sempre agradável e rica de originalidade, de invenções poéticas, de observações que fazem valer o cotidiano, nos seus momentos menos suspeitos. Se, como poeta, Wellington Brandão é um lírico de acentos românticos, como ensaísta êle abandona tôda a amargura, o que torna mais agradável o pessimismo tranqüilo dêste moralista que não quer reformar o mundo, porém torná-lo mais interessante e divertido, juntando-lhe a doçura de seu estilo de ver, de descobrir e de escrever sôbre essas descobertas.



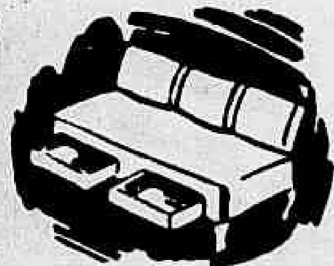
SUMIER-MALA

"SUMIER" POPULAR — VENDAS A PRAZO



TRAVESSEIRO DE MOLAS

A Indústria de Colchões Ostermoor Ltda., orgulha-se de apresentar ao público o "Sumier" Popular. Belíssimo móvel, de fabricação esmerada, com 3 almofadas, pés em estilo "Chipandale" e todo forrado em tecidos diversos. Colchões ventilados de molas, solt. Cr$ 1.250, casal Cr$ 1.700, 5 anos de garantia, "Sumier" tipo mala com pés "chipp", e 3 almofadas Cr$ 1.300, idem com 2 gavetas Cr$ 1.600, "box-spring" com pés "chipp" e 3 almof. Cr$ 1.700, idem com 2 gavetas Cr$ 2.000, idem tipo mala Cr$ 2.000. TRAVESSEIROS VENTILADOS DE MOLA 1 Cr$ 130, par Cr$ 250. Nos encarregamos da confecção de quaisquer estilos de móveis estofados, reformas, com os mínimos preços. — INDÚSTRIA DE COLCHÕES.



SUMIER 2 GAVETAS

OSTERMOOR LTDA.

Rua Senador Furtado, 30 (Pça. Bandeira) — Tel.: 48-0824. Caixa Postal 3.979. Sempre às ordens de interessados do interior do país.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência especifica. da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

Respostas ao teste

1—A Linneu
2—Barão de Catas Altas
3—Gênova
4—Delinqüentes
5—Cinco milhas
6—Papagaios
7—O Republicano (Grand Old Party)
8—Bom Despacho
9—Rio das Velhas
10—N.S. da Boa Viagem de Curral del Rei
11—Rio de muito peixe
12—Petrópolis
13—Maçarandubа
14—Na agricultura
15—A um índio brasileiro (Arariboia).

LOÇÃO ANTI-BRANCA

RESTITUE AOS CABELOS A CÔR PRIMITIVA

☆ Não contém Nitrato de Prata ☆

Combate a queda dos cabelos, caspa e seborreia

HÁ QUASE MEIO SÉCULO COMPROVA SUA EFICIENCIA

A ÚLTIMA PRESTAÇÃO

(Continuação da pág. 23)

— Eu não queria lhe dar a notícia assim...

— Não faz mal. Não faz mal. Mas não quero ouvir mais uma palavra contra Norman. O que eu devo a êle nunca poderei pagar.

— Talvez, Tom, mas não podemos deixar que êle viva a nossa vida por nós... Não devemos deixar...

O rosto de Tom tinha uma expressão dura e desolada e ela compreendeu que estava agravando mais as coisas e terminando a obra que Norman começara.

— Vamos dormir, Ellen. Há quanto tempo você detesta Norman?

— Não sei. Desde que notei o que êle está fazendo a você.

— Não importa.

Mas, naturalmente que importava. Foram deitar em silêncio e separados por um antagonismo que jamais haviam experimentado.

Na manhã seguinte ainda restava um resíduo de ressentimento entre êles e embora fôsse a mesma nuvem em ambos, parecia separá-los. Ellen vestiu-se às pressas e foi preparar o café. Norman desceu imaculadamente bem arrumado, sempre com a pasta debaixo do braço.

— Antes de ir embora, Tom, quero examinar a escritura da sua casa.

— Obrigado, Norman, está bem. (Disse Tom, meio sem jeito, tomando café aos goles). Nós temos outra novidade para você: Ellen está esperando um bebê.

— Tom! Mas que notícia maravilhosa! A melhor que já ouvi!

Ellen sorriu meio acanhada. E, com certa surprêsa, notou que, pela primeira vez, Norman demonstrava autêntica satisfação ao ouvir uma notícia dêles e acrescentou em seguida:

— Bem, não é para já...

— Não tem importância. E' maravilhoso. (Norman acomodou-se melhor na cadeira, pigarreou e prosseguiu). E' preciso que você tenha tôda assistência, Ellen. E, Tom, eu vou encher um cheque para que você possa proporcionar tudo a Ellen: uma enfermeira permanente, o melhor especialista tudo, tudo.

Tom, a princípio, parecia desnorteado, mas disse com voz firme e decisiva:

— Não é preciso, Norman, eu tomarei tôdas as providências para que nada falte a Ellen.

— Não tenha tanta certeza Tom. Quando se espera um bebê surgem muitas despesas, mas a saúde deve ficar em primeiro lugar.

Tom levantou-se quase derrubando a cadeira e falou amargo:

— Eu acredito nas suas boas intenções, Norman, mas acontece que se trata do «meu filho» e a responsabilidade é minha e eu quero enfrentá-la sòzinho.

— Isto é o que eu chamo falso orgulho, principalmente se a saúde de Ellen está em jôgo...

— A saúde de Ellen não está em jôgo. Que o faz pensar assim?

— Porque eu conheço a sua situação, Tom (disse Norman, meio chocado).

— Isto não é motivo. A verdade é que você nunca me julgou capaz de levar avante coisa alguma!

— Isto não é verdade, Tom, desculpe se o aborreci, mas era em Ellen que eu estava pensando.

— E é em Ellen que eu estou pensando. Ela precisa de um marido que possa cuidar dela sem precisar de ajudas. Já pensou nisso? Muito obrigado, Norman, você é muito solícito em tomar minhas responsabilidades, mas desta vez eu não aceito.

— Você não compreende, Tom, (disse Norman em voz triste) eu não estou duvidando de você.

— Eu compreendo sim. Você está duvidando e sempre duvidou. Eu devia ter compreendido há mais tempo. Você custeou a minha educação e eu sou grato, mas a vida de minha espôsa e filhos isto é assunto meu. Agora vou para o jornal. Voltarei para levá-lo à estação.

E Tom saiu com o olhar vibrando de revolta.

— Desculpe, Norman. Tom não quis ofendê-lo, apenas êle precisa viver por si.

Norman concordou, com uma expressão meio desolada. Mais tarde procurou-a na sala e ainda com o cheque na mão:

— Ellen, desculpe a minha falta de tato, mas os fatos não mudaram. Você precisa de cuidados.

trabalhador comunista durante muitos anos. O nome de Svetlana não foi pronunciado nem uma vez. A sentença poderia ter sido a morte; foi, no entanto, de 25 anos no campo de concentração de Oranki. Informações recentes, porém, dizem que êle está no terrível campo-prisão siberiano de Karaganda.

O primeiro aviso que teve Svetlana de que alguma coisa acontecera a seu amado, ocorreu quando êle não compareceu ao espetáculo de ópera «Eugen Onegin», no Teatro Bolshoi. Ela ainda esperou, talvez, que êle fôsse libertado e deixou que vários dias se passassem ao passo que aumentava seu desespêro. Finalmente, perguntou ao próprio pai:

— «Onde está Alexey Kapler?»

Nesse momento, Josef Stalin poderia ter sido bom. Preferiu, porém, ser brutal. Respondeu friamente: «Alexey Kapler é um inimigo do povo. Nunca mais hás de vê-lo.»

E nunca mais Svetlana viu Alexey Kapler.

Com Kapler fora do caminho, Stalin começou a pôr em andamento seus próprios planos em relação ao futuro de Svetlana. Mudou-a para uma grande propriedade cercada de florestas, cêrca de 50 milhas a nordeste de Moscou. Quando lhe pareceu que já poderia permitir-lhe um pouco mais de liberdade, deixou que ela voltasse a trabalhar no laboratório de Kazan.

Arranjou-lhe um marido. Sua escolha recaiu em Michael Kaganovitch, alto, de rosto fino, filho de Lazar Kaganovitch. Vassily Stalin, irmão de Svetlana, fôra casado, prèviamente, com uma irmã de Michael Kaganovitch, num

(Cont. na pág. 52)

ARABELLE, a ultima sereia



— Tudo muito bem arranjadinho e sem dor! Ela nem sentiu a partida para o outro mundo. Podemos partir agora? Qualquer demora é perigosa!



— Alô! Bordeaux? Quem fala aqui é a tua Dedé, «Branca de Neve», homem! Prepare-se para receber hoje, dentro de algumas horas, oito volumes!



Todo o bando se acomoda com suas bagagens em dois carros. Branca de Neve inspeciona. Tudo em ordem? Os motores roncam e partem os carros.



Já estavam a caminho em grande velocidade, quando se iluminou a janela do quarto em que estava prisioneira a encantadora Arabelle, já agora livre.



Arabelle não fôra morta por «Fleur Bleu». Simulou êle o ato criminoso e atirou para o ar. Mas Arabelle ainda ficou alarmada por uns instantes.



Do quarto ouvia o que estavam dizendo. Quando se viu em liberdade, correu ao telefone, para avisar a polícia; mas êles haviam inutilizado



Cautelosamente, ainda temendo surprêsas, tratou de fugir. Mas, para onde? Que direção deveria tomar? Já era noite e tudo estava deserto.



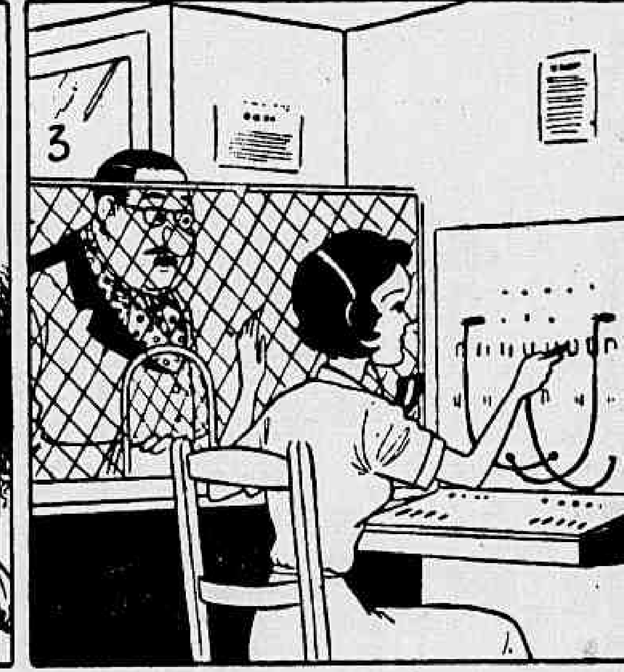
Pela madrugada avistou uma casa. Exausta, perguntou a um cidadão onde poderia encontrar um pôsto policial. O desconhecido lhe deu a indicação.



— Mas eu lhe juro, senhor polícia! Eu sou uma sereia e fui raptada! — Mas onde está sua cauda de peixe? — O homem parecia duvidar.



— Bem, o assunto não me compete — diz êle. — Vou telefonar ao meu superior em Paris, para o meu amigo Pommier. — Ela conseguira convencê-lo.



Bimbleton, logo que consegue desenguiçar seu carro, temeroso de que sua Arabelle esteja correndo perigo, pede uma ligação para Pommier.



Era o acaso. Pommier, excelente detective, recebeu os chamados e ficou suspeitando do caso. Mas, fôsse ou não sereia, êle partiu ao meio-dia.



Pommier não perde tempo e, quarenta e cinco minutos após o telefonema de Bimbleton, chega ao aeroporto de Bourget e toma o avião para Cannes.



Mister Bimbleton, que soubera por Pommier onde se achava Arabelle, corre até ao pôsto policial e é com muita alegria que a abraça exultante.



No aeroporto, esperando o policial, Bimbleton explica a Arabelle porque faltou ao ajuste com os bandidos, que agora devem ser descobertos.



Bimbleton informa ao detective que os bandidos da quadrilha de «Branca de Neve» tomaram o caminho de Bordeus, e que era urgente voar até lá.

História de VANIA LAUREZ — Desenhos de JEAN ACHE





CENTO E VINTE RADIALISTAS PUBLICITÁRIOS E INDUSTRIAIS CARIOCAS PARTICIPARAM DAS FESTIVIDADES INAUGURAIS DOS *50kw* DA RÁDIO INCONFIDÊNCIA



«SHOW» A 1.500 METROS DE ALTURA ... DE BORDO DE UM DOS AVIÕES DA NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS, EMPRÊSA ESCOLHIDA PARA O TRANSPORTE DA IMPORTANTE DELEGAÇÃO

PRESTANDO uma expressiva homenagem ao rádio mineiro, estêve no dia 15 de Novembro último, em Belo Horizonte, uma das maiores comitivas até hoje transportada por avião, em nosso país, composta de cento e vinte radialistas, publicitários e industriais cariocas, que participaram das festividades inaugurais do transmissor de 50 quilowatts da Rádio Inconfidência.

Entre os cento e vinte viajantes, seguiram diretores de importantes organizações industriais desta capital, diretores e representantes de emprêsas de propaganda, jornalistas e radialistas.

Ao desfile comemorativo das novas instalações da PRI-3, e que se estendeu de 15 a 22 de Novembro, tomaram parte famosos artistas do rádio carioca, entre os quais Emilinha Borba, Marlene, César de Alencar, Manuel Barcelos, Nuno Roland, Radamés Gnatali, Raul Brunini, Estelinha Egg, Odete Amaral, Albertinho Fortuna, Alcides Gerardi, Luís de Carvalho, e inúmeros cantores, locutores e músicos do «broadcasting» carioca.

A nota pitoresca da viagem foram as irradiações realizadas de bordo, a 1.500 metros de altura, quando os artistas das emissoras cariocas transformaram a cabina de passageiros de um dos aviões da «Nacional», em autêntico estúdio de rádio. César de Alencar e Manuel Barcelos comandaram o «auditório», enquanto Emilinha, Marlene e outros cantores e locutores puderam, também, enviar a sua mensagem de saudação ao povo mineiro.

O «programa», captado do transmissor de bordo do avião da «Nacional», foi retransmitido pela Inconfidência, já na sua nova e possante onda de 50 quilowatts.

Após a viagem, falando à reportagem, diversos passageiros manifestaram suas impressões. Emilinha Borba disse: *"A viagem foi ótima. Uma beleza, minha gente! A "Nacional" está de parabéns!"*

Manuel Barcelos declarou: *"Chegamos bem, depois de uma viagem muito agradável. Não poderia ser melhor o tratamento dispensado pelo pessoal da "Nacional Transportes Aéreos". Além disso, uma viagem calma, com tudo em ordem."*

Leônidas Bastos, da ABI: *"Tenho viajado inúmeras vêzes pela "Nacional" e venho observando como a companhia tem procurado aprimorar cada vez mais os seus serviços."*

Pedro Curi, de «O Globo»: *"Fizemos uma viagem excelente. A "Nacional" só merece elogios, inclusive pelas gentilezas com que fomos tratados."*

★

Nas fotografias que ilustram estas páginas, vemos dois grupos formados antes do embarque: **César de Alencar**, o popular animador de **auditórios**, ao tomar o avião da «Nacional» que o conduziu à capital montanhesa, e Emilinha Borba, Manuel Barcelos e Raul Brunini, à porta do avião da «Nacional».



A SAÚDE DO BEBÊ

AFECÇÕES CONGÊNITAS DO RECÉM-NASCIDO

DR. SABÓIA RIBEIRO

NÃO vai muito longe que se atribuía, em geral, à sífilis a maioria das anomalias e lesões congênitas. As mais díspares manifestações patológicas do recém-nascido eram, muita vez, submetidas a um tratamento anti-sifilítico, como se existisse uma relação constante entre essas manifestações, quaisquer que fôssem, e a infecção luética.

Com freqüência, quadros mentais com defeito da inteligência, desvios morfológicos, paresias e paralisias, não raro, exclusivamente devidos a traumatismo no ato parturitivo, ou ao ato prolongado, eram, sem aquelas, atribuídos à sífilis, ao passo que se esquecia um dos fatôres mais constantes das disgenopatias — o alcoolismo dos pais, ou nos ascendentes.

Estudos bem acurados têm demonstrado que os efeitos da infecção sifilítica sôbre o feto e o recém-nascido não abrangem um rol tão grande de casos, mas se apresentam com outras características, ao nascimento, como, aliás, em outro artigo, já mostramos.

● *Um certo número de casos patológicos, no recém-nascido, nada tem que ver com a sífilis, e antes respondem por elas as causas que fazem o sofrimento fetal durante o parto, tais como: o trabalho prolongado, a hipertonia uterina, a primiparidade da mulher idosa, a procedência do cordão e a placenta prévia. Estas causas constituem condição de insuficiência de oxigênio para o feto, trazendo-lhe o sofrimento e a respiração prematura, ensejando o estado de morte aparente, ao nascer. Ao mesmo tempo coincidem, não raro, com manobras obstétricas ou esforços de acomodação do feto, possibilitando lesões de natureza e extensão vária (encefalopatias).*

Sòmente às vêzes, êsse sofrimento se processa de maneira obscura, e o parto, embora demorado, se deu em condições naturais. Ora, mesmo assim, não raro resultam certas incapacidades e limitações que, umas vêzes cedo, outras só mais tarde, se mostram na criança, quer com desordens que podem alcançar-lhe a inteligência, quer o aparelho locomotor (paralisias, etc.). Atribuir, nesses casos, à sífilis, efeitos relacionados com mecanismo tão diferente, constitui, sem dúvida, um desconhecimento elementar da patologia do recém-nascido. Da mesma forma, muitos casos de cegueira, surdez, perturbações da linguagem, doença de Little, atetose, epilepsia e cardiopatias congênitas, eram, também, atribuídas à infecção sifilítica.

● A tendência atual é considerar essas manifestações, quando congênitas na criança, na dependência de múltiplas causas, mas reconhecendo-se como bem possível, na sua determinação, a existência, anteriormente, durante a gestação, de uma infecção materna.

As infecções na gestante, máxime nos três primeiros meses de gravidez, são capazes de determinar sôbre o produto da concepção anomalias diversas, coincidindo com o momento do nascimento. E' sobretudo com referência às malformações congênitas do coração que essas relações de causa e efeito mais aparecem, de tal modo se tem verificado que nas crianças portadoras de tais malformações, uma infecção havia atingido a mulher nos primeiros tempos da sua gravidez. Se bem que êsses estudos se relacionem mais com a rubeola, a tendência, hoje, é admitir as doenças infecciosas, nos primeiros meses da gravidez, como capazes, em geral, de produzir as anomalias congênitas, excluídas naturalmente, aquelas sòmente atribuíveis aos fatôres do parto difícil ou a outras causas bem positivadas (sífilis, alcoolismo).

O BALLET LU



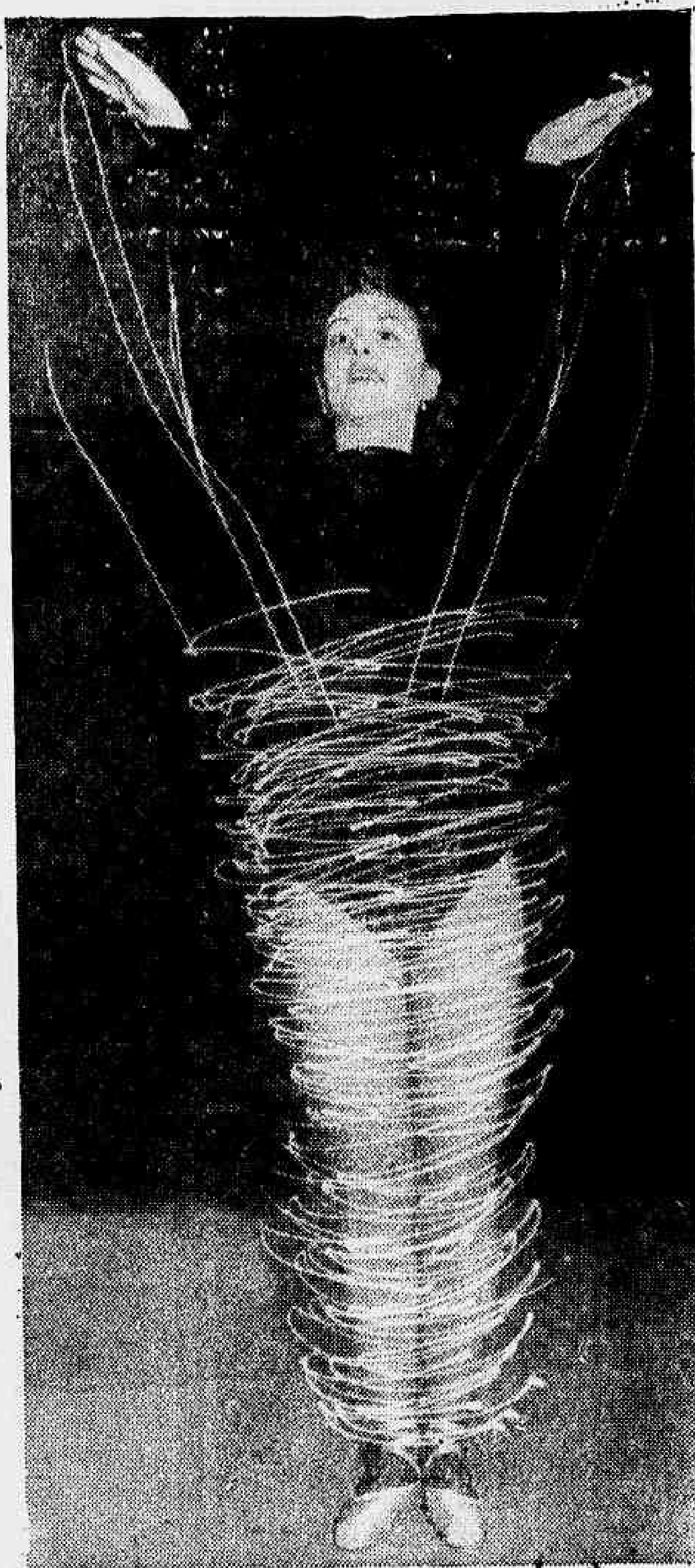
ASSIM como a chilena Maria Luísa pinta com a luz, Patricia Ireland, uma londrina cujo nome quer dizer Irlanda, criou o Ballet luminoso, envolvendo-se em curiosos arabescos feitos exclusivamente de luz. Patricia, como se vê na primeira fotografia, colocou pequenas lâmpadas na ponta dos pés e das mãos. Na sala escura ela revoluteia e só são vistas as luzes por ela movimen-

tadas
gráfic
e os
bizarr
pirais
Patríc
espiri
cos, c
gurar
curc
orma
éticos
vez, c
de ur
e imp
ícula
tas e
de Po



ET LUMINOSO

a chile-
a pinta
cia Ire-
ondrina
er dizer
o Ballet
lvendo-
os ara-
exclusi-
z. Patri-
é na pri-
a, colo-
lâmpa-
dos pés
Na sala
voluteia
s as lu-
ovimen-



tadas. A câmara fotográfica vai gravando e os desenhos mais bizarros, incríveis espirais que envolvem Patrícia como abraços espirituais e fantásticos, ou guirlandas fulgurantes que a procuram engrinaldar, formando conjuntos feéricos. De quando em vez, o fotógrafo acende um de seus flashes e impressiona uma película. Assim foram feitas estas quatro fotos de Patricia Ireland.



À LUZ DA PSICANÁLISE

SENTIMENTO DE CULPA

DR. LUIZ FRAGA

HÁ mais vida em nossa alma do que nós suspeitamos. O «eu» subconsciente é uma entidade psicológica de largo crédito. E' nêle que encontramos o têrmo médio requerido. E' insignificante muito do conteúdo dêste maior fundo, contra o qual o nosso ser consciente sobressai em relêvo. Entram aqui em grande parte os fenômenos dissolutivos de várias espécies. Memórias imperfeitas, timidez excessiva, etc., assim como muitas das produções do gênio parecem também ter a sua origem. Numa dimensão inteiramente outra da existência mergulham os limites mais longínquos do nosso ser, diferente do mundo sensível e meramente compreensível. Os nossos impulsos ideais originam-se desta região, porque ela nos domina duma maneira que não podemos articuladamente explicar. A êle pertencemos num sentido mais íntimo, pôsto que esta região invisível não seja meramente ideal, de vez que se opera uma ação sôbre a nossa personalidade finita, tornando-nos novos homens, com conseqüências no modo de conduta no mundo natural, proveniente, por vêzes, de nossa mudança regenerativa.

● *E' um estudo rápido que justifica a análise e a observação das experiências, como simples fenômenos psicológicos, mesmo possuindo enorme valor biológico. Por vêzes sentimos uma inquietação, reduzida aos seus têrmos mais simples, e com um sentido de que há qualquer coisa errada à nossa volta, de referência à nossa posição em a natureza. Imaginamos, então, a salvação de nosso* ***êrro, buscando uma ligação própria com os poderes mais altos. Uns procuram, de acôrdo com as suas crenças, um centro espírita, um terreiro de umbanda, etc., outros em orações fervorosas nos templos das religiões nas quais foram educados, e poucos, bem poucos, um consultório médico especializado. O êrro assume um caráter moral e a salvação um aspecto místico.***

● O exame de consciência ou, não raro, o sentimento de culpa, apressa a procura das soluções. Ao lado da parte errada há, sem dúvida, uma parte melhor, ainda que seja um germe insignificante. E' então que o homem passa a identificar o ser real com a parte germinal mais alta, de si próprio. Há o «eu» dividido e a luta. Isto implica na mudança do centro pessoal e a rendição do «eu» mais fraco; êles exprimem a aparição do poder de socorro e evidenciam o nosso sentido de união com êle. Surgem então os sentimentos de segurança e alegria ou o desejo mórbido de expiação.

C U P Ã O

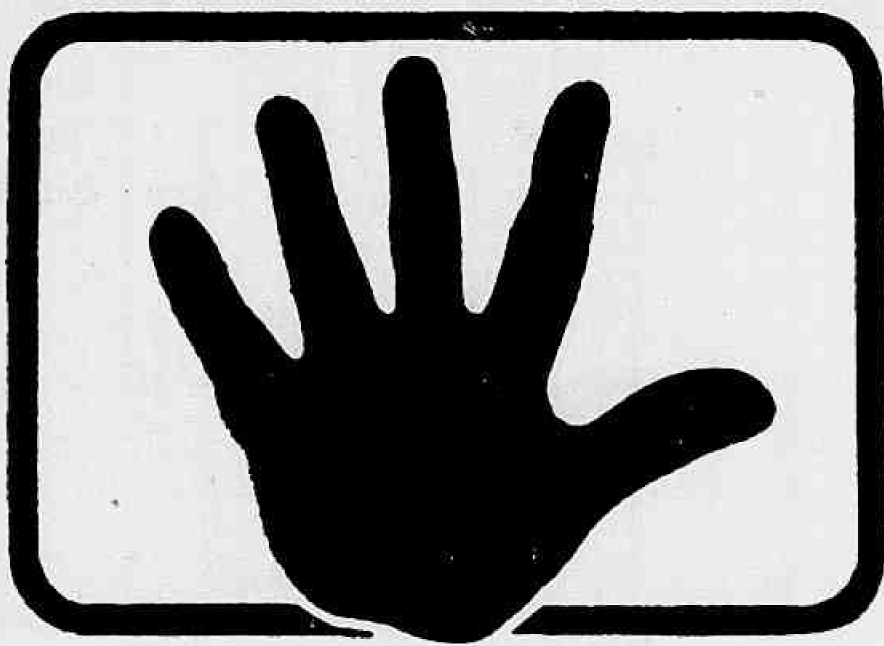
Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

TRABALHOS GRÁFICOS

LIVROS E FOLHETOS

TRATAR NA COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO — TELEFONE: 22-8647

MEMÓRIAS DO. . .

(Cont. da pág. 25)

Nesse meio tempo a «kronprinzessin» nos telefonou para dizer-nos que estava desesperada por não lhe ser possível vir em nosso auxílio. Prometeu-nos vir ver-nos e nos advertiu de que o kaiser nos considerava, de ora em diante, como seus prisioneiros, e que íamos receber a visita de seu ajudante-de-campo, portador de um papel que tínhamos de assinar. O imperador alemão nos dava três lugares para escolha de nossa residência no país, garantindo-nos que seríamos tratados com respeito. Aí chega o conselheiro da embaixada da Espanha. Mal havíamos exposto ao espanhol a nossa situação, apresenta-se diante de nós o enviado do kaiser. Apresentou-nos, solenemente, uma grande fôlha de papel ornada de sinetes a lacre vermelho e nô-lo estendeu. Estava estabelecido ali que nós nos comprometíamos a não nos ocuparmos de política e a permanecer na Alemanha, para sempre («pour toujours»). Ficamos perplexos!

DURANTE A GUERRA

— Como se pode exigir assinatura em tal documento! — exclama ela depois de lê-lo. Há, certamente, um êrro aqui. Escreveram «para sempre», em lugar de «enquanto durar a guerra».

Depois de curta discussão, convidamos o alemão a retificar o texto de seu documento e nos mandar novamente no dia seguinte, pelas onze horas. Meu pai voltou a ver Sverbeef, em companhia do diplomata espanhol. Ficou convencionado que o espanhol solicitaria ao ministro dos Negócios Estrangeiros, von Yagow, pôr à disposição do embaixador da Rússia um trem especial para os membros da embaixada e seus compatriotas que desejassem abandonar a Alemanha. Uma lista contendo os nomes dos viajantes eventuais lhe seria comunicada dentro em pouco. Sverbeeff deu a meu pai a certeza de que nossos nomes e os de nosso pessoal figurariam na mesma relação. Informou-o que, naquele mesmo dia a imperatriz herdeira da Rússia e a grã-duqueza Xênia haviam passado por Berlim. Sabendo que estávamos no hotel Continental, demonstrara desejos de ver-nos e conduzir-nos com elas para a Rússia. Mas já era tarde de mais. Sua própria situação se tornara trágica, e o trem especial teve que deixar, com urgência, a «gare» de Berlim.

AMÔRES SECRETOS...

(Cont. da pág. 46)

casamento político que fôra sempre infeliz e que acabara se dissolvendo pelo divórcio.

Fôra aquêle casamento, talvez forçado por seu pai, uma das razões que levaram Vassily a beber? E' uma possibilidade interessante.

Em 1949, houve rumores de que Michael Kaganovitch e Svetlana estavam noivos. Michael foi ràpidamente promovido na máquina comunista, recebendo o pôsto de capitão num regimento de Moscou (muito conveniente para fazer sua côrte sob os olhos do Papai Joe) e foi honrado com o título de «Herói da União Soviética».

O espírito de Svetlana foi, gradativamente, esmagado. Ela sabia agora que era impossível lutar contra o inevitável e, pròvàvelmente, em junho de 1951 (nunca houve uma comunicação oficial) foi casada com Michael numa cerimônia opulenta e de grande luxo, raramente excedida por qualquer casamento real.

Para êsse acontecimento, o famoso prato de ouro que, pertencera ao Czar e à Czarina assassinados, foi retirado dos cofres do Kremlin, como o foram os copos de cristal de valor incalculável pertencentes à antiga côrte real. Quando pronunciou seus juramentos por ocasião do casamento, Svetlana estava vestida num belíssimo vestido de sêda branca todo salpicado de estrêlas de ouro e de prata. Informações fidedignas dizem que o vestido foi feito em Paris e custou 227.000 rublos.

Para a lua-de-mel, a Estrada de Ferro Soviética ofereceu ao casal um carro especial, no qual viajaram tranqüilamente através da Rumania, Bulgaria, Hungria, Czechoslovakia e Polônia. Agora estão «em casa» em Moscou.

Será, porém, Svetlana Kaganovitch — filha de Josef Stalin — uma noiva feliz?

Não. Não enquanto seu apaixonado de seis anos atrás — o único homem que ousou convidá-la para dançar naquele malfadado «Baile da Vitória» — morre aos poucos num campo de prisioneiros na Sibéria.

Talvez Svetlana sinta pelo pai muito menos «amor» que qualquer capitalista. E tem para isso carradas de razão!

*

A ÚLTIMA. . .

(Cont. da pág. 46)

Não diga ao Tom, mas abra no banco uma conta com êste cheque.

— Jamais pensaria fazer uma coisa destas! — Falou Ellen ofendida.

— Então pense no bebê. Êle também merecerá cuidados.

Ellen chegou quase a desconhecer Norman, de pé, com o cheque na mão, quase suplicando e falou mais branda:

— Mas não é preciso, Norman. Pense em quantas mulheres têm bebês, Norman, e eu sou bastante forte. Não haverá complicações.

— Não se sabe, Ellen. Grace também pensou assim.

— Grace! (Naquele momento todo ressentimento desapareceu). Norman, eu não soube!

— Foi há muito tempo, Ellen; nós éramos pobres e Grace fazia tudo em casa. . . e. . .

— Quanto tempo já tinha, Norman?

— Seis meses e seria um menino (falou com voz magoada).

Seria inútil tentar convencê-lo de que Grace teria perdido o bebê de qualquer maneira, pois êle estava convencido de que com certos cuidados tudo teria sido diferente.

— E quando foi isto, Norman?

— Em mil novecentos e trinta e sete.

Ellen fêz as contas; Tom estava no colégio então e nada lhe faltara.

— Eu estava começando e como meu ordenado era pequeno, Grace achou que era jovem e forte e nada aconteceria. . .

A sala estava inundada de sol, as cortinas ondulando na janela e em frente à lareira, falando, um homem sério, rico e triste porque perdera o único filho há muito

O JOCKEY CLUB BRASILEIRO CONFRATERNIZA COM A IMPRENSA

A direita — Os srs. Mário Ribeiro, presidente do Jockey Club, e Herbert Moses, presidente da ABI, tocam suas taças em cordial saudação. À esquerda vê-se o ministro Luís Gallotti e, à direita, o sr. Elmano Cardim. Em baixo — Trecho da mesa do almôço, vendo-se os srs. ministro Luís Gallotti, Bastos Padilha e desembargador Toscano Espínola, entre jornalistas.





No dia 1º de Novembro último o Jockey Club Brasileiro, na oportunidade da realização do «Clássico Imprensa», reuniu os jornalistas cariocas numa festa de confraternização. Além dos cronistas dos jornais diários, revistas e emissoras, compareceram outras figuras destacadas da imprensa do Rio, como os senhores Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Afrânio Vieira, diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais; Elmano Cardim, diretor do «Jornal do Comércio»; Paulo Filho, diretor do «Correio da Manhã»; Danton Jobim, diretor do «Diário Carioca»; Osório Nunes, do «Diário de Notícias»; José Bastos Padilha, diretor de «Vida Turfista»; e Pontes Vieira, diretor de «Jockey Club Ilustrado». A diretoria do Jockey Club Brasileiro estêve representada pelo seu presidente, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, e pelos diretores ministros Luís Gallotti e Osório Dutra, desembargador Toscano Espínola, almirante Augusto do Amaral Peixoto, professor Luís Pinheiro Guimarães, brigadeiro Reynaldo de Carvalho, srs. Carlos Mendes Campos, Parente Sobrinho, Jair Negrão de Lima, Vargas Neto e José Cândido de Miranda. Ao discurso de saudação do Dr. Mário de Azevedo Ribeiro, responderam, em eloqüentes orações, o sr. Luís Olímpio Belo, pela Associação dos Cronistas de Turfe do Rio de Janeiro, Egbert Land, pelo Centro de Cronistas e Esportistas do Turfe; e Isac Moutinho, pela Associação dos Cronistas Desportivos.

---

tempo. Contudo, nada faltara ao irmão menor, ainda que com sacrifício, e êle não alegara.

— E o Tom soube? — Perguntou Ellen um pouco indecisa.

— Não, Grace e eu achamos melhor que... que êle não soubesse.

— Para que não se sentisse culpado?

— Êle não foi culpado. As decisões tôdas foram tomadas por mim.

Ellen compreendeu então a pressão de Norman sôbre o irmão, se Tom fôsse um sucesso o sacrifício estaria meio compensado. Se o bebê tivesse sobrevivido as atenções de Norman se teriam concentrado nêle. Agora ela compreendia e disse:

— Pode deixar o cheque, Norman, eu falarei com Tom. E obrigada, Venha visitar-nos sempre.

Tom voltou para levar Norman à estação, mas não houve oportunidade para Ellen falar com êle.

E quando êle chegou, à noitinha, já havia um fogo amigo na lareira e a salinha tinha mais que nunca um ar acolhedor.

Tom ainda estava zangado.

— Falei novamente com Norman, pedindo-lhe que não interferisse mais em nossa vida. Só hoje compreendi Ellen, foi de mais...

— Eu sei, meu bem, mas...

— Não há «mas». Norman é ambicioso e não se interessa por negócios modestos. Nós somos diferentes Ellen...

Agora êle estava à vontade, recostado no sofá e Ellen quis recostar a cabeça no seu ombro e esquecer tudo, mas insistiu:

— Eu estava enganada, Tom. Norman é um homem bom.

— E' sim, mas não há motivo para tomar iniciativas na nossa vida.

— Há uma razão sim, Tom. Grace perdeu um bebê há muito tempo e Norman se julga culpado por isso. E êle precisa de alguém para compensá-lo.

— Pobre Norman. Eu não sabia. (Agora êle acariciava a cabeça da espôsa e parecia tranqüilo). Precisamos achar um meio... Vou escrever a êle amanhã convidando-o para padrinho do bebê.

— Uma linda idéia, Tom, maravilhosa. E ela começou a imaginar Norman no seu casarão lendo a carta, confortado, feliz e menos solitário...

DIACUÍ NO PAÍS DAS...

(Cont. da pág. 56)

problemas de raças, com os membros do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, pela corajosa decisão tomada. Nesse caso ora discutido, o que tenho observado é que se quer apresentá-lo como uma questão romântica. Todavia, é preciso que se diga que Diacuí já teve outros maridos, que a abandonaram por se tratar de uma mulher estéril. Do mesmo modo não é êsse o primeiro impulso de paixão de Ayres, de quem, todos sabem, há uma carta dirigida ao general Rondon, há uns quatro anos, pedindo autorização para se casar com uma outra índia. Êsse caso seria desvantajoso, por todos os títulos, pois que o sertanista iria ingressar na taba para transformá-la numa simples fazenda, da qual êle seria o senhor e os kalapalos os escravos. Os silvícolas foram, assim, defendidos.

«ATO DESUMANO»

Terminada a reunião do Conselho, o sr. Boaventura Ribeiro da Cunha nos fêz as seguintes declarações, ainda visìvelmente abalado com o pronunciamento em que se viu vencido:

— Essa decisão dos conselheiros é absolutamente desumana. Tenho certeza de que todos se limitaram a acompanhar o voto do sr. Gama Malcher. Mas vou ajudar, no que puder, êsse casamento.

A PALAVRA DE UM JUIZ: — ÊLES CASARÃO!

Enquanto os conselheiros debatiam, secretamente, a questão, o juiz Aderbal Salvador Catete, da 4ª zona de Registro Civil — a quem foi distribuído o processo de habilitação do casamento — declarava aos jornais que, dentro de oito dias, Diacuí estará casada:

— «Queiram ou não queiram os órgãos de proteção aos índios, celebrarei o ato!»

A DECISÃO FINAL DE CLEOFAS

Inconformado com a decisão do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, o sertanista Ayres da Cunha recorreu imediatamente para o ministro da Agricultura. O ministro João Cleofas, conforme declarações anetriores, já se mostrara favorável ao matrimônio.

O ministro Cleofas despachou favoràvelmente o recurso de Ayres Câmara. Disse o ministro, no despacho:

O fato consumado, porém, e que não pode ser remediado com soluções teóricas, é que o recorrente e a índia já têm vida em comum há longo tempo, conforme consta do processo. Assim, o casamento, para que o recorrente solicita permissão, vem enquadrá-lo nas normas do Direito e da moral, tornando legítima uma situação existente. Diante dessa situação é mais indicado para a instância administrativa consagrar de direito aquilo que já existe de fato, isto é, a união entre o funcionário da Fundação Brasil Central e a silvícola. Nestas condições, acolho, na esfera administrativa, o recurso, autorizando o casamento, ficando sua celebração na dependência do MM. juiz a que estiver afeto o respectivo processo de habilitação, pois o Poder Judiciário é o único competente para apreciar o aspecto jurídico da questão.»

O JUIZ CATETE MARCOU O CASAMENTO

O juiz, que é o sr. Aderbal Salvador Catete, da 7.ª Circunscrição, 4.ª Zona do Reg. Civil, resolveu celebrar o casamento 5.ª feira, 27 de novembro. Remeteu o processo ao promotor Lúcio Marques dos Santos, dispensando o prazo de quinze dias que se observa em geral antes de efetuar o casamento.



NO PARAISO BRANCO DA GÁVEA — Assim denominaria Diacuí êstes dias que viveu no Parque da Gávea, onde o carinho dos cariocas construiu uma grande cabana, com rêdes boas para ela e a sua comitiva. A princípio estranhou essa história de roupas, mas afinal já não sentia tanto calor.

DIACUÍ NO PAÍS DAS MARAVILHAS

(Continuação)

ausência de sobrancelhas na índia, o que é fácil de explicar: é que os kalapalos, como quase todos os silvícolas, arrancavam milenamente os pélos do corpo, daí Diacuí ter apenas um suave buço ao invés de sobrancelhas.

As técnicas do Salão de Beleza admiraram os sedosos cabelos de Diacuí. A princesa do Kuluene gostou muito do perfume «La Vie en Rose» que lhe foi ofertado. Quase acaba o vidro na cabeça.

MULTIDAO INTERROMPE O TRANSITO

A visita dos kalapalos a certa loja da cidade foi um acontecimento que movimentou multidões. Acostumados, embora, a espremer-se entre muitos «caraíbas», (homem branco), os kalapalos ficaram assustados, ante tamanha massa popular, que impediu o tráfego na rua Uruguaiana, em frente ao Magazin, onde Diacuí e seus companheiros foram tirar as medidas para confecção de roupas.

GARFO, FACA E DEDOS...

Depois foram almoçar no hotel. Diacuí, no seu vestido rosa, de algodão, pregueado na cintura e os acompanhantes (exceção do noivo que vestia terno azul-marinho) de calções e nus da cintura para cima, empunhando arcos e flechas.

Não comeram muito: beliscaram um pouco de macarrão, um pouco de feijão e de arroz, usando com algum desembaraço o garfo e faca. De quando em quando recorria aos dedos para ajudar o talher.

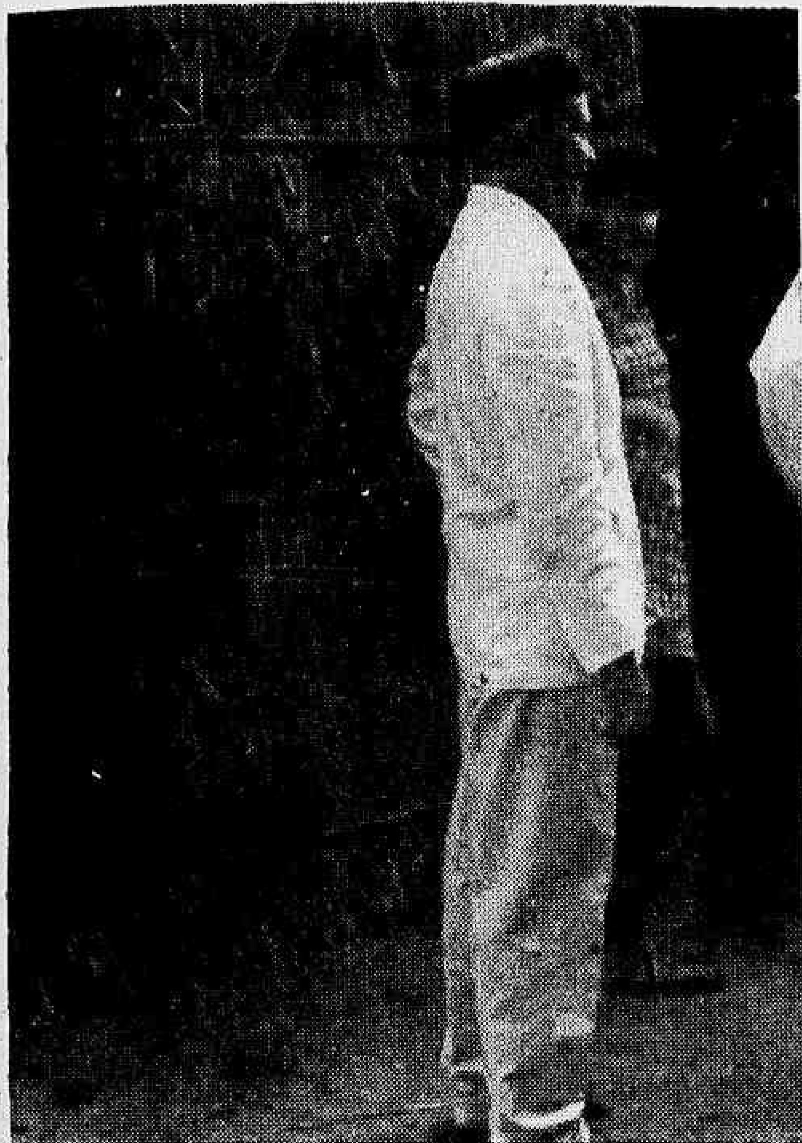
O de que êles gostaram foi das frutas: bananas, laranjas, mamão. Depois da sobremesa, tomaram café, em xicaras.

O CACIQUE NÃO E' SOPA...

No restaurante, Diacuí vinha sendo a atração. Graciosa, (bonita ela não é) com um jeitinho de menina, ar de constante acanhamento, não ficava nenhuma das pessoas que em volta o admiravam.

De repente, o centro de interêsse se transferiu para o cacique Kumatsi. Foi que alguém o surpreendeu flertando. Era uma senhora, que, da mesa à frente, acenava para êle. O cacique sorria levemente, embevecido. De fato, a moça era de impressionar: morena, alta, bonita e jovem.

A semana tem sido bastante movimentada para



O CACIQUE DE BRANCO — Parecia um senador do Amazonas em excursão política no Purus. Mas o kalapalo é do Xingu e estava na Gávea.



DIACUI DESCANSA OS PÉS ANDANDO — Puxa que andar de sapato é uma coisa horrorosa. E Diacuí passou a manhã descalça para aliviar.



«NÃO SOU BICHO», parece estar pensando Diacuí, quando a grã-fina fêz questão de cheirá-la, de apalpá-la. E depois pôs-lhe pó-de-arroz.

os indígenas. Estiveram, acompanhados de Ayres da Cunha, no Ministério da Agricultura, na Fundação Brasil Central e nos «Diários Associados», onde foram convidar o ministro Cleofas, o sr. Arquimedes Pereira Lima e o senador Assis Chateaubriand, para padrinhos do casamento. Visitaram também o Palácio Guanabara e a Câmara dos Vereadores.

As visitas da embaixada Kalapalo são sempre um acontecimento. As repartições sofrem um colapso em seu trabalho. Todos desejam ver Diacuí. O funcionalismo em pêso — as mulheres à frente — acorrem para ser os silvícolas.

DIACUI AGREDIDA POR UM VEREADOR

Na Câmara dos Vereadores houve uma nota pitoresca: o vereador Edgar Carvalho, tirando do bôlso um calhamaço, leu longo discurso, enquanto Diacuí tirou da manga um lenço e começou, civilizadamente, a enxugar o suor ante aquêle ataque selvagem...

Na visita à Prefeitura coube ao jovem Halita entregar ao sr. João Carlos Vital uma arara, presente da tribo, da qual são embaixadores o cacique Kumatse e os dois subalternos da tribo dos kalapalos.

Halita, parece que já contaminado pela mania discursadora dos caraíbas, saudou o prefeito, enfrentando um microfone com naturalidade, ao que informou um matutino.

Encerrada a recepção, o prefeito acompanhou os índios até o jardim do Palácio, onde grande foi o entusiasmo de Diacuí ao ver funcionar o chafariz do lago artificial.

«Upa», gritou a cunhã, diante do chafariz. Os dois rapazolas também gostaram; e o cacique também gostou, mas manteve-se discreto, como aliás indica a sua condição de o maior de todos os caciques do rio Kuluene.

O DISCUTIDO CASAMENTO

Enquanto a noiva percorre a cidade e os advogados preparam os papéis, aguardava-se a decisão do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, que, dizia-se, inclinava-se a favor do casamento.

O CONSELHO NEGA A LICENÇA!

Entretanto, surpreendentemente, por seis votos contra um, aquêle Conselho, em sua última reunião negou autorização para o casamento da índia kalapalo com o sertanista Ayres da Cunha.

Votaram contra o casamento os conselheiros general Júlio Caetano Horta Barbosa, general Boanerges Lopes de Sousa, Guilherme de Almeida, coronel Amilcar Botelho de Magalhães, dr. José Maria da Gama Malcher e dra. Heloísa Alberto Tôrres. Foi voto vencido o sr. Boaventura Ribeiro da Cunha.

O PARECER DE GAMA MALCHER

Falando ao repórter, o sr. Gama Malcher, presidente do S.P.I. e membro do Conselho, declarou:



ESTA É A CABANA QUE OS ENGENHEIROS BRANCOS FIZERAM e mere ceu as críticas do cacique. Bonitinha, mas chove. Cabana Kuluene não chove. Cabana Kuluene redonda não quadrada. Cabana quadrada caraíbas molha kalapalo. Vamos dormir hotel melhor que isto. Êsse cacique...



E A INDIA DESCOBRE O CINEMA — Como Alice no País das Maravilhas, Diacuí, de sonho, em sonho, foi ver um filme. Ei-la olhando a tela.



DIACUI SAIU MARAVILHADA — e nem se importou com tantos emp rões dos que faziam questão de tirar um pedacinho de roupa da índi

— O meu parecer representa a contribuição valiosa de inúmeros etnólogos, entre êles Luís Aguiar Costa Pinto, José Cândido de Melo, Pedro Lima e Egon Sxhade. Além dêsses, outros estudiosos de etnologia, pertencentes ao Serviço de Proteção aos Índios, srs. Galvão e Darci Monteiro, me deram a sua contribuição.

FALAM OS ETNÓLOGOS

À vista da opinião dos técnicos, concluímos que o Serviço de Proteção aos Índios não é, sistemàticamente, contra o casamento de índios com brancos. Os casamentos inter-raciais são até incentivados pelo Serviço quando as tribos já se encontram em razoável período de assimilação. Pretende que o índio, antes de se casar com o branco, alcance primeiro um estágio de cultura que facilite a sua adaptação a outro meio.

Acontece que os Kalapalos, como outros índios xinguanos, são ainda tribos fechadas, inteiramente fechadas. Não falam senão a sua própria língua. Têm, a respeito do casamento, noção inteiramente diversa da dos civilizados. Daí ter negado permissão para o casamento da índia Diacuí, por entender que a sua união com um branco seria uma aventura sem possibilidade de sucesso.

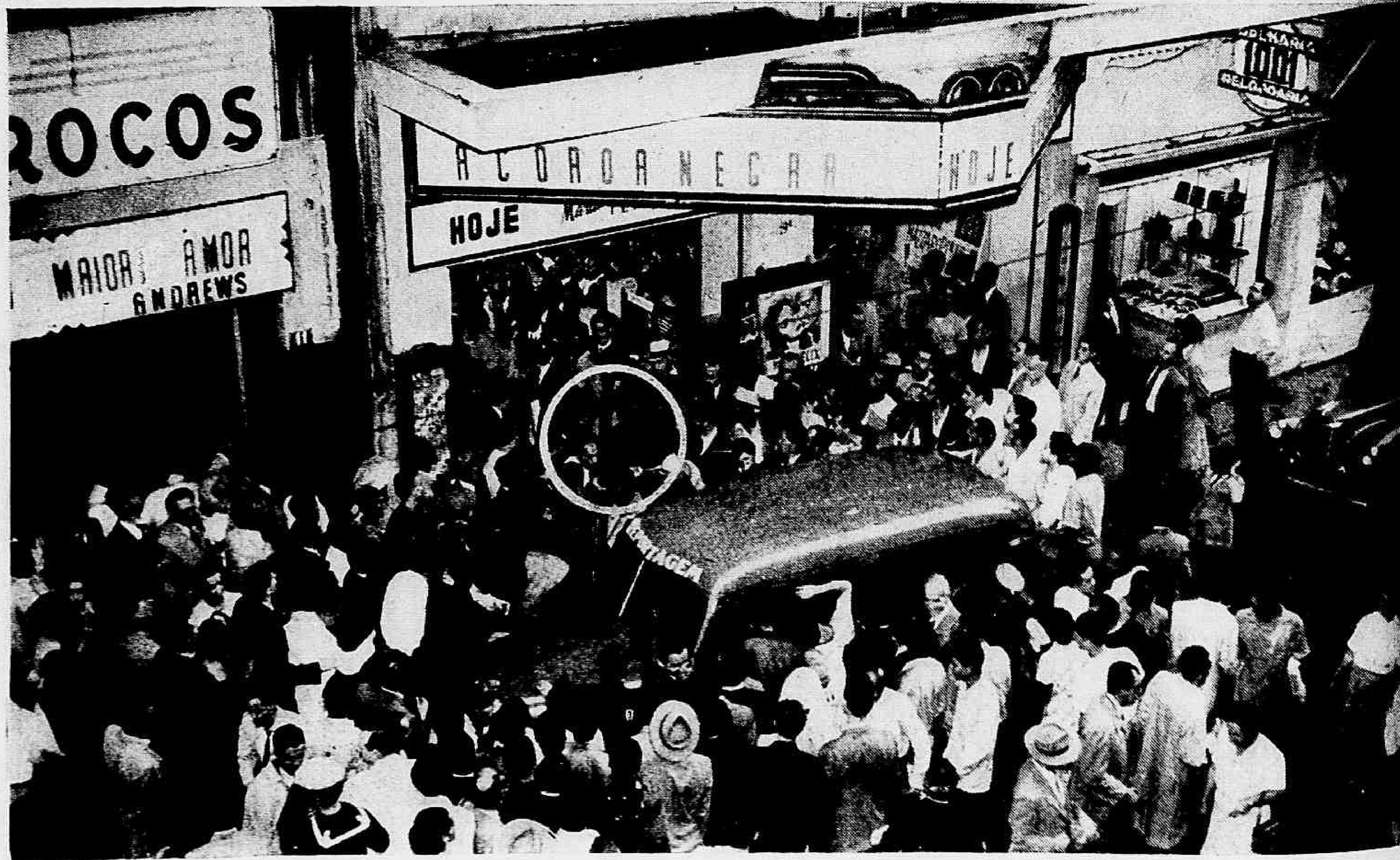
O que o C.N.P.I. discutiu nesta questão da índia Diacuí não foi o casamento, e, sim, as conseqüênc da união sôbre o processo de assimilação. Proc evitar o futuro abandono das índias e o seu de justamento, bem como a dos seus próprios fil mestiços dentro das próprias tribos, que já não reconheceriam como membros.

O índio é uma criança, cuja tutela cabe ao S.P entendem os seus conselheiros.

Dentre os etnólogos que influíram para a deci contrária do Conselho está o sr. Darci Monteiro, quem, após a reunião secreta, ouvimos o seguin

Congratulo-me, na qualidade de estudioso dês

(Cont. na pág.



E HOLLYWOOD CURVOU-SE AOS PÉS DA INDIA KALAPALO — Sim, senhores, assim como nos tempos de Santos Dumont, «A Europa curvou-se a o Brasil», agora, a Meca do cinema tem de tirar o chapéu para essa indiazinha que faz o trânsito parar e os fãs ficarem loucos para vê-la no cine

tantos emp
upa da índi

as conseqüênc
milação. Proc
s e o seu de
s próprios fil
que já não

a cabe ao S.P

para a ded
arci Monteiro,
rimos o segui
estudioso des

nt. na pág.

pa curvou-se
vê-la no cine





QUATRO EXPRESSÕES DA FAMOSA NOIVA INDIA — Na primeira, pensativa, talvez atordoada com tantas coisas inesperadas e nunca sonhadas antes e vistas por ela, nesta Cuiabá grande dos caraíbas (brancos). Nas demais poses sorri, feliz, feliz, o que prova que ser noiva é uma delícia universal para as moças.

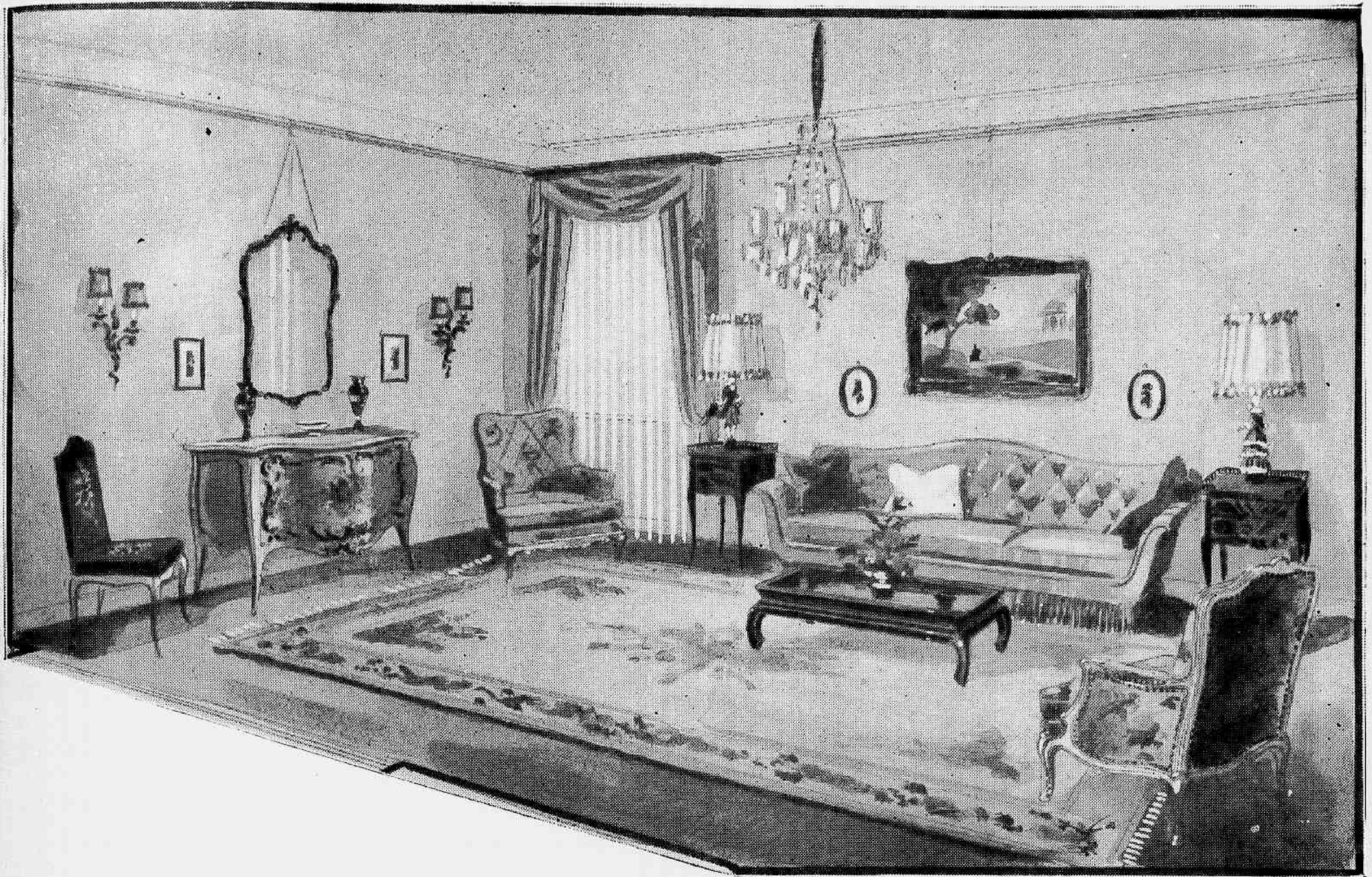




ÚLTIMO FLASH

ESTA foi a orquídea que mereceu o primeiro lugar na classificação da Exposição Nacional de Orquídeas de 1952, realizada no Automóvel Clube do Brasil. A linda "Catleya Labiata Antummalis" é propriedade do dr. Eloy Menezes. Na renhida competição dos mais belos exemplares brasileiros, esta belíssima orquídea teve a consagração do primeiro prêmio: uma medalha de ouro. Um delicado ornamento de nossa natureza.

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projeto da CASA NUNES

A venda extraordinária

do nosso 40.° aniversário
oferece a todos a oportunidade de embelezar seus lares



Grupos estofados
CORTINAS

— especialidade de nossas oficinas —

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Preços que animam a comprar

TAPÊTES e PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

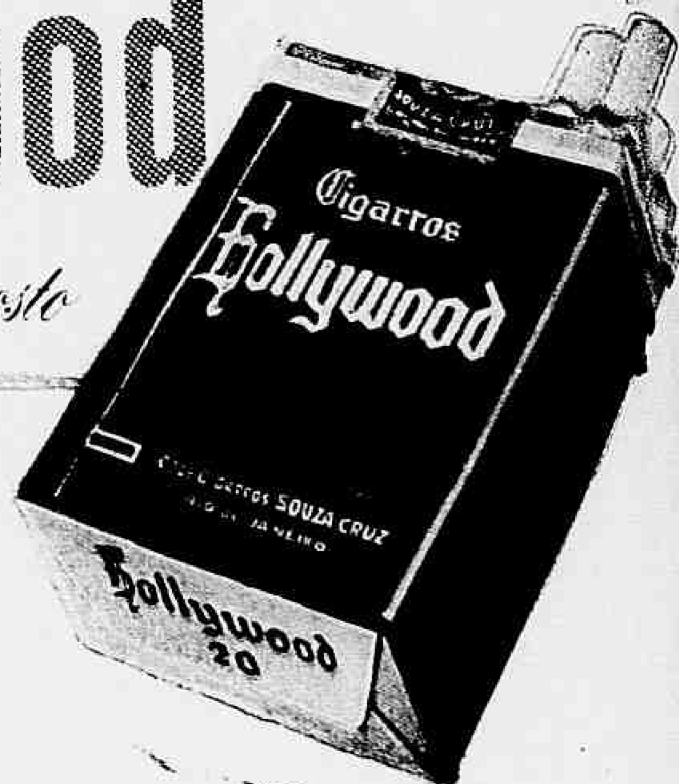
Uma legítima consagração...

O apura[illegible] e o [illegible] do senso d[illegible]ão, peculiar aos que se di[illegible] de[illegible] ram aos cigarros Holl[illegible] uma [illegible] perável tradição de alta classe.



cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ